

JULIANA CERQUEIRA DA SILVA



Fazendo
parentes entre
ritmos, ruidos e
ensayos

ACOCORÉ

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESTUDOS CONTEMPORNEOS DAS ARTES

Juliana Cerqueira da Silva

ACOCORÉ:
Fazendo parentes entre ritmos, ruídos e ensayos.

Rio de Janeiro
2023

Juliana Cerqueira da Silva

ACOCORÉ:

Fazendo parentes entre ritmos, ruídos e ensayos .

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Estudos Contemporâneos da Universidade de Federal Fluminense, com o requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof. (a) Dr.(a) Jéssica Gogan
Co-orientadora: Prof.(a) Dr.(a) Maria Beatriz de Medeiros

**Rio de Janeiro
2023**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S586a Silva, Juliana Cerqueira da
ACOCORÉ: Fazendo parentes entre ritmos, ruídos e ensayos /
Juliana Cerqueira da Silva. - 2023.
245 f.: il.

Orientador: Jessica Gogan.
Coorientador: Maria Beatriz de Medeiros.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.

1. Parentesco. 2. Ensayo. 3. Ruído. 4. Hackeamento. 5.
Produção intelectual. I. Gogan, Jessica, orientadora. II.
Medeiros, Maria Beatriz de, coorientadora. III. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social.
IV. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

Juliana Cerqueira da Silva

ACOCORÉ

Fazendo parentes entre ritmos, ruídos e ensayos .

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Estudos Contemporâneos da Universidade de Federal Fluminense, para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Profa. Dr(a) Jessica Gogan
Orientadora

Profa. Dr.(a) Maria Beatriz de Medeiros
Co-orientadora

Prof Dr (o) Ricardo Basbaum
Membro interno

Profa. Dr(a) Daniela Labra
Membro externo

Agradecimentos

Ao meu filho Tom e meu companheiro Vinicius pela compreensão, apoio e parceria de todos os dias.

À minha orientadora Jéssica Gogan pela paciência, serenidade, apoio e presença sempre que precisei.

À minha co-orientadora Bia Medeiros pela amizade, apoio, conversas, risadas, esporros e ensinamentos.

A todos do bando ACOCORÉ por compartilhar ideias, falas, ouvidos, corpos e loucuras.

Resumo:

Esta dissertação apresenta uma reflexão teórico-prática sobre o fazer junto e sua potencialidade trazendo como linha condutora a ideia de parentesco, como modos de fazer parentes fora dos laços familiares e para além do humano, traz também simpoiese, como a capacidade de fazer e criar com outros, conceitos propostos por Donna Haraway. Apresenta ainda, o conceito de pronóia desenvolvido pelo grupo Corpos Informáticos, coordenado por Bia Medeiros, como modos de agir e estar no mundo, criando um diálogo com outros autores e grupos artísticos que geram, tensão nos conceitos e objetivos de um fazer junto, afim de encontrar brechas em sistemas hegemônicos e hierárquicos na contemporaneidade. Busca-se compreender possibilidades de, juntos e em colaboração desconstruir o que oprime nossos corpos. Na procura de outras formas de viver bem através do coletivo, o estudo traz relatos e experimentos a partir do coletivo ACOCORÉ (Arte Coletivos Conexões e Redes), bando que coordeno e faço parte, que proporcionou experiências em nossos próprios corpos e para além deles. Considerando os modos de experimentação estética, interação e iteração quer-se entender maneiras de afetar e ser afetado por sistemas e mídias automatizadas e suas reverberações no mundo.

Plavras-chave: Parentesco. Simpoiese. Pronóia. Ruídos. Ensayo.

Abstract:

This dissertation presents a theoretical-practical reflection on ‘doing together’ and its potential, bringing as a guideline the idea of kinship as ways of making relatives outside of family ties and beyond the human; sympoiesis as the ability to create with others, concepts proposed by Donna Haraway. It also presents the concept of pronóia developed by the art collective Corpos Informáticos and Bia Medeiros, as ways of acting and being in the world, creating a dialogue with other authors and artistic groups that generate tension in the concepts of doing things together, in order to find gaps in the hegemonic and hierarchical systems in contemporary times. We seek to understand possibilities of, together and in collaboration, deconstructing what oppresses our bodies. We search for other ways of living well through the collective. This dissertation brings reports and experiments from the collective ACOCORÉ (Arte Coletivos Conexões e Redes), a group that I coordinate and which I am part of. Considering the modes of aesthetic experimentation, interaction and iteration, this study aims to understand ways of affecting and being affected by automated systems and media and their reverberations in the world.

Keywords: Kinship. Sympoiesis Pronóia. Noises. Ensayo.

Índice de imagens

Imagem 1: Montagem digital – Arthur Scovino, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....8

Imagem 2: *Ensayo Ovulando* – Participação de Clarisse Tarran, Galeria OLugar (RJ), fotografia, Eduardo Mariz, 2022. Fonte: Doação do autor.24,25

Imagem 3: *Ensayo Ovulando* - Participação de Juliana Cerqueira, Galeria OLugar (RJ). 2022. fotografia, Eduardo Mariz, 2022. Fonte: Doação do autor.27

Imagem 4: *Girando atrás do rabo* - Caneta nanquim sobre papel, Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ..... 33

Imagem 5: *Ensayo Astrolábio das sete faces* – fotografia, Tatiana Duarte, 2020. Fonte: Doação da autora.34

Imagem 6: *Juntos* - Web art , Juliana Cerqueira, 2020. Fonte: wixsitejulianacerqueira. Disponível em: <https://jcsartes.wixsite.com/julianacerqueira/web-art> Acesso em 05/07/2023. 36

Imagem 7: *Des-cobrimdo Más-caras*. Cartaz divulgação da performance, Juliana Cerqueira, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 37

Imagem 8: *Ensayo Des-cobrimdo más- caras* - Frame da participação de Nau Vegar, Juliana Cerqueira, Carla Rocha e Bia Medeiros, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ38

Imagem 9: Logo do ACOCORÉ, Arthur Scovino, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....41

Imagem 10: *Ensayo Ossos do mundo* – Frame da participação de Bia

Medeiros, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....42

Imagem 11: *Ensayo Galinho* – fotografia, Juliana Cerqueira, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.43

Imagem 12: *Ensayos feitos no Zoom*– Frame da participação de Zélia CaetanoSatadru, Maíra Vaz, Carla Rocha, Rphael Couto, Bia Medeiros, Tatiana Duarte, Juliana Cerqueira, Cassia Nunes,- Nau Vegar, Vinícius Davi, Valéria Medeiros, Hexxyduxxybox, Beatriz Provasi, Arthur Scovino, Alex Simões, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.44

Imagem 13: Divulgações feitas para os *ensayos* dos sábados. Juliana Cerqueira. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 45

Imagem 14: *Live Vaca profana* - Frame da participação de Vinícius Davi, Milene Duenha, Beatriz Provasi e Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 47

Imagem 15: Esquema de como hackear uma live - nanquim sobre papel, Juliana Cerqueira, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ 48

Imagem 16: Marcação de Locais ACOCORÉ no google maps - Imagem retirada do google maps, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 48

Imagem 17: *Ensayo Bolsa de (des)valores* - Galeria OLugar (RJ) e Museu Nacional da República (DF), 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 49

Imagem 18: *Ensayo Festa* –Atelier Sanitário (RJ). Na imagem: Arthur Scovino e Vinícius Davi, 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. Disponível em: <https://youtu.be/oEyWLQghGaw?si=omKDFEzUg3qsAXFd> Acesso em: 10/07/2023..... 50

Imagem 19: *ACOCORÉ presencillen* - Na imagem: Juliana Cerqueira e Vinícius Davi. Galeria OLugar (RJ). 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ
.....50

Imagem 20: *Acocoréis* – Tatiana Duarte, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ 51

Imagem 21: *Bitcoinré* - Fernando de Aquino, 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.51

Imagem 22: Exposição *Poleiro* - Imagem retirada do site do ACOCORÉ. Fonte: site do ACOCORÉ, 2020. Disponível em: <https://acocore.wixsite.com/acocore/poleiro-galeria> Acesso em 10/07/2023.52

Imagem 23: Exposição *Colorful Sunday* - Imagem retirada do site OLX, 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. Disponível em: <https://acocore.wixsite.com/acocore/expo-colorful> Acesso em 10/07/2023.....53

Imagem 24: Site do ACOCORÉ. Fonte: Imagem retirada do site do ACOCORÉ. . Disponível em: <https://acocore.wixsite.com/acocore> Acesso em 10/07/2023. 53

Imagem 25: *Cartas recebidas por correio* – Na imagem: Juliana Cerqueira, Milene Duenha, ZMário, Tatiana Duarte, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ 54

Imagem 26: *Reperformance* - Figurinhas retiradas de grupo de whatsapp. Fonte: Arquivo ACOCORÉ..... 55

Imagem 27: *Divulgação do Festival de performance ACOCORÉ* – Juliana Cerqueira, 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ..... 56

Imagem 28: *Formação de bando* - Nanquim sobre papel, Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ57

Imagem 29: *Ensayo Panos, plumas, revolta e ironia* - fotografia, Arthur Scovino, 2020. Fonte: Doação do autor. 60,61

Imagem 30 : *Red Jungle Fowl* - Fonte: site inaturalist. Disponível em <https://www.inaturalist.org/taxa/882-Gallus-gallus> . Acesso em: 14/04/2023. 64

Imagem 31: *Ensayo Hibridismo o quê?* – Frame da Participação de Renan Reis, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 69

Imagem 32: *Com* - Nanquim sobre papel, Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ 70

Imagem 33: *Diagrama de parentesco no ACOCORÉ* – Nanquim sobre papel, Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 73

Imagem 34: *Diagrama ovo coletivo* – Nanquim sobre papel, Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 77

Imagem 35: *Ovo* - Lygia Pape, 1967. Fonte: site wikiart.org. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/lygia-pape/the-egg-1967>80

Imagem 36: *Ensayo Estátua* – Frame da participação de Carla Rocha, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.85

Imagem 37: *ACOCORÉ/ Corpos informáticos online* - Ensayo como convidados do On curating project space, Suíça, 2021. Fonte: site do Oncuratig. Disponível em: <https://mailchi.mp/curating.org/are-we-all-here-acocorcorpos-informticos> . Acesso em 23/08/23. .. 86

Imagem 38: *Encerando a chuva* - Corpos Informáticos, fotografia, Cedric Aveline MAM, Rio de Janeiro, 2011. Fonte: site grafiasdebiamedeiros. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____MEDEIROS_Maria_Beatriz_de_e_BRITES_Mariana_43-56.pdf Acesso 23/08/23.87

Imagem 39: Performance Komboio. *Corpos Informáticos*: CCBB, Brasília. 2011. Fonte: Anais da ANPAP. Disponível em: https://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio7/maria_beatriz_de_medeiros_fernando_aquino_e_marcio_mota.pdf Acesso em 23/08/23. 89

Imagem 40: *Ensayo Astrolábio das sete faces* – Frame da participação de Raphael Couto, Juliana Cerqueira, Carla Rocha, Cristine Nunes, Tatiana Duarte, Bia Medeiros, Zélia Caetano, Ana Reis, Alex Simões, Milene Duenha, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 91

Imagem 41: *ruangrupa*. Fonte: Imagem retirada do site da Documenta XV, 2019. Fonte: site da Documenta XV. Disponível em: <https://documenta-fifteen.de/en/about/> Acesso em: 25/05/2023. 93

Imagem 42: *Public Daycare* - Graziela Kunsch, 2022. Fonte: canal do youtube da documenta XV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jokjC9RSjtE> Acesso em: 25/05/2023.94

Imagem 43: *Nhá San* - Coletivo Nhà Sàn, 2022. Fonte: canal do youtube da documenta XV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=syhOxtj1yMo> Acesso em: 25/05/2023. 96

Imagem 44: *Party Office* em nova Deli. Ilustração Jonathan Eden. Imagem retirada do site da Documenta XV 2022. Fonte: site da documenta XV. Disponível em: <https://documenta-fifteen.de/en/lumbung-members-artists/party-office-b2b-fadescha/> Acesso em: 14/04/2023.97

Imagem 45: *Membros do Party Office.*-, 2022. Fonte: site *vervemagazine* Disponível em: <https://www.vervemagazine.in/arts-and-culture/the-position-of-party-office-is-that-of-queer-anarchism-a-conversation-with-artist-curator-vishva-fadescha> Acesso em: 14/04/2023.....98

Imagem 46: *Rede Social* - Coletivo Opavivará, 2019. Fonte: site do Opavivará. Disponível em: <http://opavivara.com.br/p/rede-social-pa->

[lazzo-strozzi/rede-social-palazzo-strozzi](https://www.opavivara.com.br/p/rede-social-pa-lazzo-strozzi/rede-social-palazzo-strozzi) Acesso em: 14/04/2023.....101

Imagem 47: *Ação cartas perdidas* - fotografia, Rodrigo Munhões, 2013. Fonte: site da Quandonde. Disponível em: <https://www.quandonde.com.br/cartas-extraviadas> Acesso em: 14/04/2023. 102

Imagem 48: *Grupo de estudo lastro*. Fonte:site da lastro. Disponível em: <https://lastro.art/sobre> Acesso em: 25/05/2023. 103

Imagem 49: *Muros grafitados pelas Mujeres Creando*. Fonte: site *Mujeres Creando*. Disponível em: <https://mujerescreando.org/category/acciones-publicas/> Acesso em:25/05/2023.....104

Imagem 50: *Performance para dia Internacional de Ação para rio*. Fonte: site HEXXYDUXXYBOX. 105

Imagem 51: *Ensayo Nu Divã* – Frame da participação de Pulak K. Sarkar e Swilin Haque do *HexxyDuxxyBox*, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ 106

Imagem 52: *Ensayo Bolsa de (des)valores* - Participação de Carla Rocha e Bia Medeiros, Museu Nacional da República (DF), 2022, fotografia, Tatiana Duarte. Fonte: Doação do autor..... 107

Imagem 53: *Ensayo Banquete* - Frame da participação de Juliana Cerqueira, Bia Medeiros, Maíra Vaz, Milene Duenha, Cedric Aveline, ZMário, Arthur Scovino, Nau Vegar, Cila Macdowell, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ110

Imagem 54: *Ensayo Verde que te quero ver* - Frame da participação de Juliana Cerqueira, Raphael Couto, Bia Medeiros, IzzyBD, Arthur Scovino, Ana Reis, Cristiane Nunes, Carla Rocha, Nau Vegar, Milene Duenha, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ. 110

Imagem 55: <i>Ensayo Banho Coletivo</i> - Frame da participação de Maíra Vaz, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	114
Imagem 56: <i>Ensayo Festa da Barbie</i> - Frame da participação de Arthur Scovino, 2021 Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	114
Imagem 57: <i>Ensayo Spirulina, mimica, salada mista, Spyro Jyro</i> - Frame da participação de Juliana Cerqueira, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	115
Imagem 58: <i>Ensayo Corretivo corretor</i> – Frame da participação de Clarisse Tarran, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	115
Imagem 59: <i>Ensayo Baile de Máskara</i> - Frame da participação de Thiago Rodeghiero, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	118,119
Imagem 60: <i>Ensayo Galinho</i> - Frame da participação de Ana Reis, 2020, Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	120,121
Imagem 61: <i>Diagrama ACOCORÉ em rede</i> - Juliana Cerqueira, 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	122
Imagem 62 :Live OVO no instagram – Frame retirado da live, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	123
Imagem 63:Live OVO no instagram – Frame retirado da live, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	124
Imagem 64:OVO <i>linha transversal</i> - Juliana Cerqueira, 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ	128
Imagem 65: OVO Dogon. Fonte: livro Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 3, Ed. 34, 1996, p.8.	129
Imagem 66: Espetáculo <i>Café Muller</i> dePina Bauch. – fotogra-	

fia, Heloísa Bortz. Fonte: Flickr aplasobrasil. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/aplausobrasil/3951298343/ Acesso em: 26/07/2023.	131
Imagem 67: Espiral de Fibonacci. Fonte: site da revista super interessante. Disponível em: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-sequencia-de-fibonacci Acesso em:12/07/2021.	133
Imagem 68: <i>Ovo - túnel infinito</i> , Carla Rocha, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	133
Imagem 69: Live OVO no Instagram – Carla Rocha, 2020. Fonte: Instagram do ACOCORÉ.	135
Imagem 70: <i>Esquema do improviso</i> - Nanquim sobre papel, Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	138
Imagem 71: <i>Ovos na cabeça</i> - Foto para reperformance: Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	139
Imagem 72: <i>Esquema relação com o público</i> ; Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	142
Imagem 73: <i>Ensayo Manifesto a xoxota</i> - Frame da participação de Juliana Cerqueira, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	143
Imagem 74: <i>Ensaio Hibridismo o que?</i> – Frame da participação de Tatiana Duarte, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	144
Imagem 75: <i>Ensayo Sonhos de rio Mururé</i> - Frame da participação de Nau Vegar, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	145
Imagem 76: <i>Ensayo Ovo cinza</i> - Frame da participação de IzzyBD, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	147
Imagem 77: <i>Ensayo Corretivo corretor</i> – Frame da participação de Ri-	

cardo Garlet, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	151	Imagem 88: <i>Ensayo</i> Ossos do mundo - Frame da participação de Nau Vegar , 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	171
Imagem 78: <i>Ensayo</i> Sonhos de rio Mururé - Frame da participação de ZMário, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	158	Imagem 89: <i>Ensayo</i> Enquanto isso na pia - na imagem Ana Reis, fotografia, Maria Eugênia Matricard, 2021. Fonte: Doação do autor...	175
Imagem 79: <i>Ensayo</i> Hibridismo o quê? - Frame da participação de Beatriz Provasi , 2021.Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	159	Imagem 90: <i>Ensayo</i> Banquete - Frame da participação de Milene Due-nha, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	176,177
Imagem 80: Divulgação da exposição <i>Colorful Sunday</i> - Juliana Cerqueira, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	160	Imagem 91: <i>Ensayo</i> PeB - Frame da participação de Juliana Cerqueira , 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	178
Imagem 81: Exposição <i>Colorful Sunday</i> . Obras expostas na exposição <i>Colorful Sunday</i> , 2021. Fonte: Site do ACOCORÉ.	162	Imagem 92: Lives e fotos censuradas no instagram. Imagem retirada do Instagram, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	182
Imagem 82: Exposição <i>Colorful Sunday</i> . Obras expostas na exposição <i>Colorful Sunday</i> , 2021. Fonte: Site do ACOCORÉ. Disponível em: https://acocore.wixsite.com/acocore/expo-colorful . Acesso em: 17/10/2022.	162	Imagem 93: Live <i>Umbigo</i> - Frame da participação de Carla Rocha e Maíra Vaz, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	183
Imagem 83: Caixa de mensagem da exposição <i>Colorful Sunday</i> no OLX com reclamações dos visitantes, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	163	Imagem 94: Live censurada no instagram do ACOCORÉ por pintar braço de vermelho, participação de Zélia Caetano, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	183
Imagem 84: Busca do ACOCORÉ no Google maps, Rio de Janeiro, 2020. Fonte: Google maps.	169	Imagem 95: <i>Live de maquiagem Periquitas com câimbra</i> – Frame retirado da live no instagram do ACOCORÉ, participação de Juliana Cerqueira e Tatiana Duarte. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	184
Imagem 85: Busca do ACOCORÉ no Google maps, Rio de Janeiro, 2020. Fonte: Google maps.	169	Imagem 96: Live feita no instagram do ACOCORÉ, Frame participação de Nau Vegar e Arthur Scovino, , 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	187
Imagem 86: Busca do ACOCORÉ no Google maps – 2020. Fonte: Google maps.	169	Imagem 97: Live feita no instagram do ACOCORÉ- Frame da participação de Bia Medeiros e Cássia Nunes, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	187
Imagem 87: Busca do ACOCORÉ no Google maps, Goiânia, 2020. Fonte: Google maps.	169	Imagem 98: Live feita no instagram do ACOCORÉ,- Frame da partici-	

pação de Ana Reis, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	190	de Nau Vegar, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	211
Imagem 99: Live feita no instagram do ACOCORÉ- Frame da participação de Juliana Cerqueira, Milene Duenha, Vinicius Davi e Cássia Nunesr, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	191	Imagem 110: <i>Ensayo Panos, plumas, revoltas e ironias</i> - Frame da participação de Raphael Couto, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	212,213
Imagem 100 : <i>Ensayo Orgia gastronômica</i> – Frame da participação de Milene Duenha, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	195	Imagem 111: Bolsa de (des) valores – Museu Nacional da República (DF), Frame da participação de Juliana Cerqueira, Clarisse Tarran e Carla Rocha 2. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	214, 215 .
Imagem 101: <i>Ensayo Banho Coletivo</i> – Frame da participação de Vinicius Davi e Jewel Chacman (HexxyDuxxyBox), 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	195	Imagem 112: <i>Ensayo Tapete vermelho</i> - Frame da participação de Carla Rocha, 2020. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	218, 219.
Imagem 102: <i>Ensayo ACOCORÉ/Corpos</i> – Frame da participação de Carla Rocha e Juliana Cerqueira, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	195		
Imagem 103: <i>Ensayo Orgia gastronômica</i> – Frame da participação de Ana Reis e Arthur Scovino, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	195		
Imagem 104: <i>Ensayo Astrolábio das sete faces</i> - Frame da participação de Juliana Cerqueira, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	199		
Imagem 105: <i>Ensayos Astrolábio das sete faces</i> - Frame da participação de Zélia Caetano, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.	203		
Imagem 106: <i>Ensayo Orgia gastronômica</i> – Frame da participação de Beatriz Provasi, 2021. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	204,205		
Imagem 107: <i>Galinha quebrada de Louça Dercy</i> – fotografia, Juliana Cerqueira, 2022. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	206		
Imagem 108 : <i>Galinha voando</i> – Nanquim sobre papel, Juliana Cerqueira, 2023. Fonte: Arquivo ACOCORÉ.....	210		
Imagem 109: <i>Ensayo Astrolábio das sete faces</i> - Frame da participação			



Sugestões para alçar voos na leitura

É preciso deixar claro que este projeto não foi escrito de uma maneira linear e nem cronológica. Ao começar a colocar no papel as palavras que agora estão lendo, eu me dei conta de que era necessário não seguir uma lógica e nem uma ordem temporal. Era preciso sentir mais do que pensar, deixar fluir e quase flutuar como penas ao vento. Portanto, escrevo em vários tempos, em várias pessoas e animais. Dei-me a liberdade de transitar entre o individual e o coletivo até perceber que o limite entre eles é frágil, invisível, impalpável e, na verdade, pela minha experiência, penso que não exista. Também me liberei para cacejar essas palavras entre devaneios, relatos e pesquisa. Fiz dessa forma tentando ser o mais fiel possível ao que tenho experienciado por meio dos eus, que são constantemente construídos com um pouco de cada nós, fazendo com e por todos os nós que aqui existem. Foi comendo muito milho e ciscando por muitos lugares, que juntamos esse bando de galinhas, que se conectaram formando um grande galinheiro de afetos.

Se em algum momento na leitura vocês se sentirem perdidos ou confusos, acredito que já estejam sentindo o que quero falar, ou talvez do que eu não possa colocar em palavras. Sugiro que leiam a pesquisa como uma tentativa de construir algo que engloba experimentos, repetições, aberturas, conquistas e também fracassos. Sem querer direcionar a leitura, adianto que este projeto fica aberto para ser lido na ordem ou desordem de sua escolha: tenham a liberdade de ler qualquer capítulo, e nesse ir e vir tudo vai se conectar. Se deixem flutuar, experimentem voar como as galinhas selvagens!



Sumário

1

- 1. Introdução 28
- 1.1. Uma breve história do nosso começo 39
- 1.2. Galinheiro-mundo transversal:
para não se deixar domesticar 57
- 1.3. Axé - ACOCORÉ – Acocoxé 70
- 1.4. Acocorética 73

2

- 2. Coletivos, coletividades e o fazer junto como
potência disruptiva 77
- 2.1. Corpos que incorporam Corpos 86
- 2.2. Quando a coletividade ameaça o território do
homem branco implodindo o cubo branco 91
- 2.3. Simpoiese performativa ou transformance
em coletivos de arte: transversalidade
e hackeamento 107
- 2.4. Gerar ruído 122
- 2.5. Quando o OVO racha no caminho137

3

- 3. Resistência e ativismo: micropolíticas para
produzir ferramentas 148
- 3.1. Voca(bulário) para uma decomposição
da linguagem 151
- 3.2. COLORFUL SUNDAY : Uma exposição no mercado
online ou um manifesto ACOCORÉ 160
- 3.3. MAPeAr :Transitar, acionar gestos mínimos
e (des)construir com o mapa 165

4

- 4. Erotismo: Uma energia que nos leva à festa ...172
- 4.1. Corpos vazantes em lives quadradas: O gozo
como disrupção de sistemas hegemônicos 179
- 4.2 A potência do erotismo em nossos corpos:
Experiência libertária através do coletivo.....192
- 4.3 Depois da festa vem a ressaca.....206
- Considerações sobre o fazer junto 216
- Referências 220
- Anexo A. *Ensayos* do ACOCORÉ 233
- Anexo B. Imagens ACOCORÉ no Google maps 242
- Anexo C. Links 244

1. Introdução

Se for para existir uma ecojustiça de multiespécies, que esta também possa abraçar a diversidade das pessoas. É chegada a hora de as feministas exercerem liderança também na imaginação, na teoria e na ação, para desfazer ambos os laços: de genealogia/parentesco e parentes/espécies. (HARAWAY, 2016)

A esta dissertação interessa a arte desenvolvida em coletivo, tomando como exemplo principal as vivências feitas no bando/coletivo, ACOCORÉ¹ – Arte Coletivos Conexões e Redes, do qual faço parte (sendo artista e organizadora) e tenho experienciado a algum tempo. Inspirando-se na potencialidade do fazer junto, a pesquisa visa possibilidades estéticas, culturais, sociais, políticas e disruptivas de resistências; explicitando maneiras dinâmicas de transformar, ser transformado a partir do coletivo, assim como as relações transversais que produzem energia e ruído no sistema colonial capitalístico. Para essa finalidade proponho um diálogo não desprovido de tensões vibráteis que ressoam ideias trazidas, principalmente, da teórica e

¹ Arte Coletivos Conexões e Redes – ACOCORÉ é um Coletivo/bando/comunidade artística - Disponível em: <https://acocore.wixsite.com/acocore>

bióloga Donna Haraway², em específico os conceitos de *parentesco*³ e *simpoiense*⁴ e também da artista e professora Bia Medeiros⁵, que coordenou o grupo de pesquisa *Corpos Informáticos*⁶ (Imagem 38 e 39) trazendo o conceito de *pronóia*⁷, conceitos que me mostraram outras formas coletivas de estar no mundo.

Importa, aqui, muito mais construir e dialogar com uma quase teo-

² Donna Haraway (1944) é uma bióloga e filósofa que, por seu ativismo, produção acadêmica, enfoque interdisciplinar e modo de vida alternativo, tornou-se referência nos campos da antropologia, da ficção científica, tecnociência, primatologia, biologia, filosofia, pensamento feminista. Primeira professora titular de teoria feminista dos Estados Unidos, pioneira do ciberfeminismo, Haraway se insere nos debates contemporâneos sobre o Antropoceno, os feminismos interseccionais, o pós-humanismo e sobre as relações multiespécies .

³ Termo proposto por Donna Haraway, traz o significado de fazer parentes entre gentes solidárias, fazer com- compor com, para além da família, laços que descobrimos pela relação com os outros, para além do humano. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>

⁴ Para Donna Haraway, viver com ou simpoiense destaca a interdependência e a coevolução dos sistemas vivos, reconhecendo que nenhum organismo existe isoladamente, mas sim em relação com outros seres e com o ambiente. Relações multiespécies que problematizam as fronteiras entre natureza e cultura . A simpoiense envolve a autopoiese desdobrando-a e expandindo-a de maneira gerativa.

⁵ Bia Medeiros é professora na Universidade de Brasília. Doutora em Artes e Ciências da Arte (Paris 1, Sorbonne), Pós-doutora em Filosofia (Collège International de Philosophie, Paris). É coordenadora do grupo de Pesquisa *Corpos Informáticos* desde 1992 e pesquisadora do CNPq.

⁶ *Corpos Informáticos*, grupo de pesquisa formado em 1992 com professores e estudantes em Artes Cênicas, Artes Visuais, audiovisual, coordenado por Bia Medeiros na Universidade Nacional de Brasília.

⁷ A *pronóia* o contrário da paranoia: na paranoia, alguém sempre está perseguindo o paranoico, trabalhando para destruí-lo. Na *pronóia*, sempre alguém está, neste momento mesmo, colaborando com o pronóico, trabalhando por, contribuindo. O pronóico é fuleiro, des-preocupado porque não está pré-ocupado e acredita na co-laboração. A *pronóia* funda teoricamente o *Corpos informáticos*. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____MEDEIROS_Maria_Beatriz_de_e_BRITES_Mariana_43-56.pdf

ria prática do agir em bando/coletivo, a fazer uma historiografia de coletivos. Dessa forma, os coletivos que trago no projeto aparecem de acordo com os assuntos abordados no decorrer da escrita a partir das vibrações por afeto, no caso, trago o que nos toca como forma de estar junto, o que nos inspira ou o que se assemelha ao nosso modo de produzir.

Nossa reflexão se apoiará na prática que temos vivido no bando/coletivo artístico ACOCORÉ, fazendo uma articulação com projetos de outros coletivos artísticos, que vem desestabilizando meios de controle midiáticos, institucionais e mercadológicos, aproximando-se do ativismo ao utilizarem as mídias de automatização para realizarem suas ações. Consideramos que a arte ativista não é somente arte política, mas sim um compromisso de engajamento direto com as forças de uma produção não-mediada pelos mecanismos oficiais de representação (MESQUITA, 2018, p. 15). Esta não-mediação também compreende a construção de circuitos coletivos de troca e de compartilhamento abertos à participação social e que, inevitavelmente, entram em confronto com os diferentes vetores das forças repressivas do capitalismo global e de seu sistema complexo de relações.

Entendendo o ativismo como uma ação intencional que decorre de uma grande variedade de motivações políticas, podendo assumir diversas modalidades de expressão, o nosso bando se entende como ativistas online, quando atuamos no meio do monopólio da informação, gerando ruídos entre os agenciamentos e o regime de produção capitalista.

Ao dividir com mais de 26 pessoas a mesma conta de uma rede social, geramos de alguma forma uma desprogramação/confusão algorítmica (Imagem 94). Consideramo-nos ativistas presenciais quando atuamos e/ou interferimos de maneira esperada, ou não, dentro de instituições renomadas ou em eventos com curadorias de prestígio. Nosso maior interesse é procurar formas de mostrar para qualquer tipo de público com humor e ironia o nosso modo de produzir, agir e viver no mundo coletivamente. A preocupação com a aceitação do mercado artístico é quase nula e isso nos proporciona uma liberdade imensa de fazer e criar o que bem entendemos. Por outro lado, temos que encarar feito galinhas depenadas a falta de financiamentos e convites. Estamos, assim, andando sem pressa sobre um fio tensionado de forças sociais, institucionais, políticas e econômicas. Geramos ruídos na vida normatizada.

Trago, como pontos essenciais dessa pesquisa, a nossa forma ativista de fazer junto, o nosso jeito erótico e irônico de estar no mundo, improvisando com *ensayos*⁸, para fazer dele uma festa compartilhada e no fim encarar uma ressaca.

⁸ *Ensayo* é uma palavra proposta pelo coletivo Acocoré para substituir a palavra “performance”. Esta colocação foi resultado de uma longa “polenta” sobre a performance [A] La fleur de la peau[[A] A Flor da Pele] do Artista Paulo Nazareth, que aconteceu na abertura da 34ª Bienal de São Paulo, na performance, que foi transmitida online, pessoas não brancas perfuram um saco de farinha de trigo e reorganizam o pó branco na forma de círculos pela varredura. Para nós, do ACOCORÉ a performance revelou-se como algo teatral, uma representação, algo ensaiado. E nesse debate quente e frito de “polentas”, decidimos que o ACOCORÉ faz *ensayos*, com y, e não performance, faz *ensayo* sem ensaiar. Disponível em: <http://34.bienal.org.br/agenda/8312>

Exponho também as transformações que meu corpo pôde experienciar e se desestabilizar durante todo esse processo. Uma metamorfose que me levou de humana a galinha, envolvendo questões estéticas, políticas, sociais e psíquicas, que possibilitaram quebrar muros e enxergar outros mundos ao ser atravessada pelo(s) outro(s). Arrepio. Pêlos. Penas. Assim, falo de renúncias, vivências, liberdades que pude viver, ideias que pude mudar, criações que pude desenvolver, outras formas de estar no mundo e com o mundo como ruptura de mim mesma.

Temos como objetivo mostrar a potencialidade de ser em coletivo, propor um debate disruptivo visando o fazer em conjunto, trazendo para a discussão os limites entre arte, cuidado, política e sociedade. Além de propor uma reflexão, tem-se o desejo de provocar uma vontade, um sentimento, uma forma, em processo de estar no mundo com.

Dessa forma, tentamos com essa pesquisa, achar respostas para as seguintes questões: como podemos criar uma energia coletiva e gerar forças para enfrentar o sistema colonial capitalístico? Como criar ferramentas para isso?

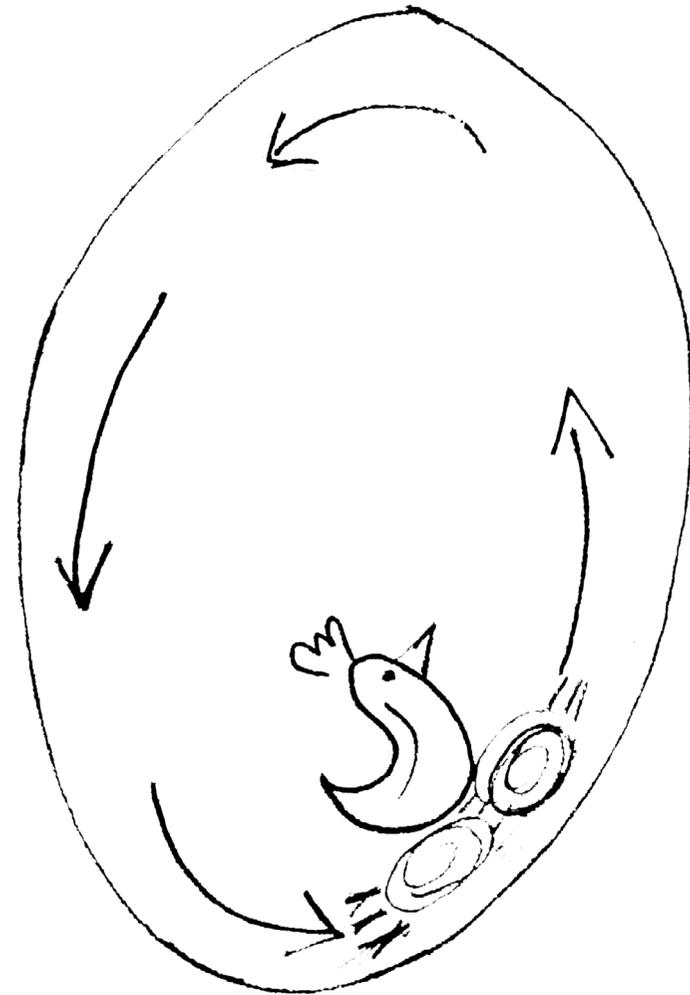


IMAGEM 4

1.1. Uma breve história do nosso começo

Em 2020, passávamos por dias duros, pesados, doloridos, devido a pandemia do COVID_19. Era possível sentir o cheiro do medo e sentir medo por sentir cheiro, respirar era perigoso e não respirar levava ao óbito. Hospitais lotados, cemitérios sem espaço, notícias avassaladoras e um governo desgovernado. E nós, isolados em nossas casas. Como não pirar? Como não chorar? Como não sentir raiva?

Aos meus eus interessam, neste momento, não ficar louca e tentar achar maneiras para continuar sã e salva. Trago como referência eu, meu companheiro e o meu filho de 4 anos trancado em um pequeno apartamento de 2 quartos há mais de seis meses.

A cada dia esse apartamento parecia estar menor, parecia me engolir, parecia um ovo. Sim, eu estava prestes a ser engolida por um ovo e talvez, antes disso, eu engolissem meu companheiro e meu filho. Me sentia andando em círculos, correndo pela parte interna do ovo, como um globo da morte feito de casca de ovo (Imagem 4). A vontade era de sair correndo, quebrar a casca, escorregar pela clara, clareza afora, agora... mas não podíamos sair, era perigoso. Que dureza, que agonia. Tenho acordado com azia.

Era preciso fazer algo mesmo que dentro de casa, era necessário ao menos rachar a casca do ovo, para então poder entrar uma luz, quem sabe ar, mar, amar. Então, inquieta e cansada de rodar atrás do



IMAGEM 5

próprio rabo comecei a tirar fotos pela casa, eram fotos minhas com objetos ao meu redor, tudo que encontrava virava um clique. Depois achei que podia fotografar outras pessoas, mas a única maneira de fazer isso era virtualmente, já que estávamos vivendo uma pandemia, isolados. Em seguida, fiz uma chamada na internet que dizia: se você olha para o outro, gosta de pensar em coletivo, gritou pela sua janela algumas vezes esse ano, você pode me ajudar. Eu só preciso da sua permissão para tirar uma foto sua, por videoconferência.

Caixa de mensagem cheia. Vibrações ao redor chegaram até mim virtualmente. Pessoas online, fotos com panos, papos furados, telas estilhaçadas e câmeras embaçadas, fotografias tiradas (Imagem 6).

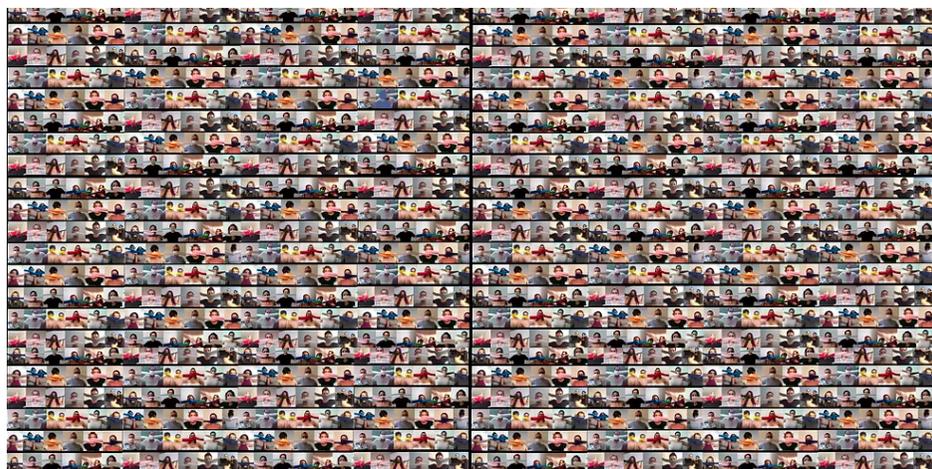


IMAGEM 6

Foi um abraço quente, fervente que envolveu a gente, mesmo que de longe. Todos nós, naquele momento, precisávamos do outro, do toque, da pele, do olho, do corpo, de ação, de atenção mínima que

fosse. E nesse processo de acessos online, me deparei com a Bia Medeiros. Parei, conversei, sorri, gargalhei e, por fim, fotografei. Eu já conhecia Bia - parcerias, trabalhos e a vida do dia a dia que distancia. Assim nesse papo tela papo, as galinhas encheram-se de ideias e idealizaram um encontro virtual com artistas.

Performance		Des-cobrimdo más-caras	
18 Jul	18h	Sábado	Zoom




Bia Medeiros	Juliana Cerqueira
--------------	-------------------

Convidam a participar da performance

Link da sala do zoom nos comentários

<https://us04web.zoom.us/j/78402420063?pwd=aEVnc0R6S0dXQkpFcS96WkR0aThYZz09>
 ID da reunião: 784 0242 0063
 Senha de acesso: 3YgPI m

IMAGEM 7

Um convite por e-mail gritava: “ queremos corpos juntos mesmo que longe, mesmo que virtual, vamos juntar geral! “

Eu mal pude perceber que o ovo estava prestes a rachar, meu pequeno apartamento vibrava algo que eu ainda não sabia o que, vibrava em mim, me agitava. Assim abre-se uma brecha, uma fissura, racha-se o ovo, entra luz, vento, sanidade, movimento e criação. Alegria lá fundo emergia, surgia,urgia. Eu, nada, nadava ainda na clara, claridade da luz que entrava pela pequena fresta da rachadura do ovo.



IMAGEM 8

Assim, em um sábado de julho aconteceu o nosso primeiro encontro de performance simultânea coletiva online para o resto de nossos dias.

Eram 18 horas da noite, ligamos nossas câmeras cada um em sua casa e as janelinhas do Zoom não paravam de abrir, era muita gente, todo mundo falando ao mesmo tempo, tinha música, tinha fruta, tinham peitos, tinha cores, tinha bunda, tinham gritos, foram quase uma hora de intensa desordem.

Depois desse primeiro encontro, durante dois anos, não paramos de ligar nossas câmeras todos os sábados. Foi um encontro que muitos ali precisavam, necessitávamos falar, nos ver, gritar, chorar, cantar, dançar e rir muito de absolutamente nada. Surgia mesmo que em pequenas doses um calor dentro do peito que se expandia com um tanto de alegria, mesmo vivendo em duros dias. Sem vacina para o vírus, ACOCORÉ era nossa vacina diária ou diário coletivo.

ACOCORÉ nasce em 2020, quando tudo era mato⁹, em pleno isolamento social. Idealizado por Juliana Cerqueira e Bia Medeiros. Desde então as iniciativas do bando incluem: performances/*ensayos* simultâneas em telepresença com software de videoconferência (Zoom) com link aberto ao público, lives de performances no Instagram (Imagem 14), a utilização de aplicativos para seus projetos performáticos, criação de localizações imaginária e efêmeras no google maps (Imagem 85), criou uma moeda livre e descentralizada chamada *Bitcoinré*¹⁰

⁹ Bordão usado pelos integrantes do ACOCORÉ, ironizando a Artista performática Marina Abramovic quando ela veio ao Brasil para fazer o filme “Espaço além”, dirigido por Marco Del Fiol. A artista estava em um local com muito mato e diz que estava no meio do nada. Para nós, quando tudo era mato é falar do início do nosso bando.

¹⁰ Disponível em: <https://acocore.wixsite.com/acocore/bitcoinré>

(Imagem 21), notas de dinheiro, os Acocoréis, um festival de performance coletiva simultânea online, um album de músicas, um site do coletivo onde pode-se visualizar esses projetos. Apoiar-se em bibliografias que pensa o coletivo e está em conexão 24/7¹¹ no Whatsapp. Estamos hoje com 26 artistas, que atuam em diversas áreas, vivem em diferentes estados e países, com interesses distintos, mas unidos pelo propósito de fazer arte em telepresença e presencialmente, pensar junto, performar, teorizar, criar, transformar, ser transformado, desestabilizar e subverter sistemas explorando outras formas de expressão e colaboração.

Somos, hoje, em ordem alfabética: Ana Reis (GO); Arthur Scovino (RJ, BA, SP); Babidu (GO), Bia Medeiros (RJ, DF); Beatriz Provasi (RJ, Dinamarca); Carla Rocha (DF, USA); Cássia Nunes (GO); Clarisse Tarran (RJ); Eduardo Mariz (RJ); Izzy (RS), IZZY - BD (Diego dos Santos Soares. RS); Juliana Cerqueira (RJ); Maíra Vaz Valente (SP); Milene Lopes Duenha (SC, PR); Naldo Martins (Nau Vegar, AP); Natasha Albuquerque (DF), Raphael Couto (RJ); Ricardo Garlet (SC); Tatiana Duarte (RS); Thiago Rodeghiero (RS), Vinícius Davi (PR, Alemanha); Zélia Caetano (PR); Zmário (José Mário Peixoto Santos. BA). Participaram também: Alex Simões (BA); Cedric Aveline (RJ); Cristine Carvalho Nunes (RS); Renan Reis (SP); Tom Cerqueira (RJ); Zoe (RJ). Alguns destes artistas conhecemos pessoalmente e/ou realizamos trabalhos em grupo anteriormente, outros foram aparecendo e se tornando parte deste

¹¹ 24/7 é uma abreviação de 24 horas por dia, 7 dias da semana, ou seja, o tempo todo.

movimento, bando.

Somos, hoje, fomos em 2020, somos hoje, talvez sejamos amanhã...?



IMAGEM 9



IMAGEM 10



IMAGEM 11

Textos produzidos para os ensayos de sábados. Servem como ativadores para nossas *ensayos*.

Com quantas carinhas na tela se faz uma live?

O rosto nada mais é que mapa especular, “rostidade”, identidade. O rosto e seus buracos, portais da experiência. Planície esburacada. “Chega de carinhas!” Queremos carões, corpões, corpo inteiro dando close, fechação. Poros que se abrem e se fecham, expelindo suores e odores. Quem tem ginge? Corpo que ginga com o outro é corpo de baile, dança A2, A3, A4, dança infinita... Quando se entra numa live é para sair vivo. E o oposto do medo é dançar na corda bamba, no fio da navalha, girar nas encruzilhadas. Trabalho que se faz na reta é solidão. Rosto também é dedo, digitais, íris e pregas. Linhas, marcas e traçados identitários que definem nossos rostos em dupla hélicecromossômica. Quando o rosto se apresenta ao outro, abrindo seus buracos, a alteridade se dá. Dada dessa forma, dedo em riste, outros rostos são colados aos nossos como máscaras. Face a face, tête-à-tête, boca a boca. Beijem-nos antes tarde do que nunca, porque tudo é substrato e figura de retórica. E o que dizer da metalinguagem? Meter a linguagem é meter dança coreografada (linguagem) ou não (free style). Meta a lingua(gem) para fora da metáfora: metalinguagem. Viva com carinhas ou carões, mas live! Mais lives!

Autor: ZMÁRIO

Lives de ensayos feitas pelo instagram

“Entre atos, nunca entrevistas”

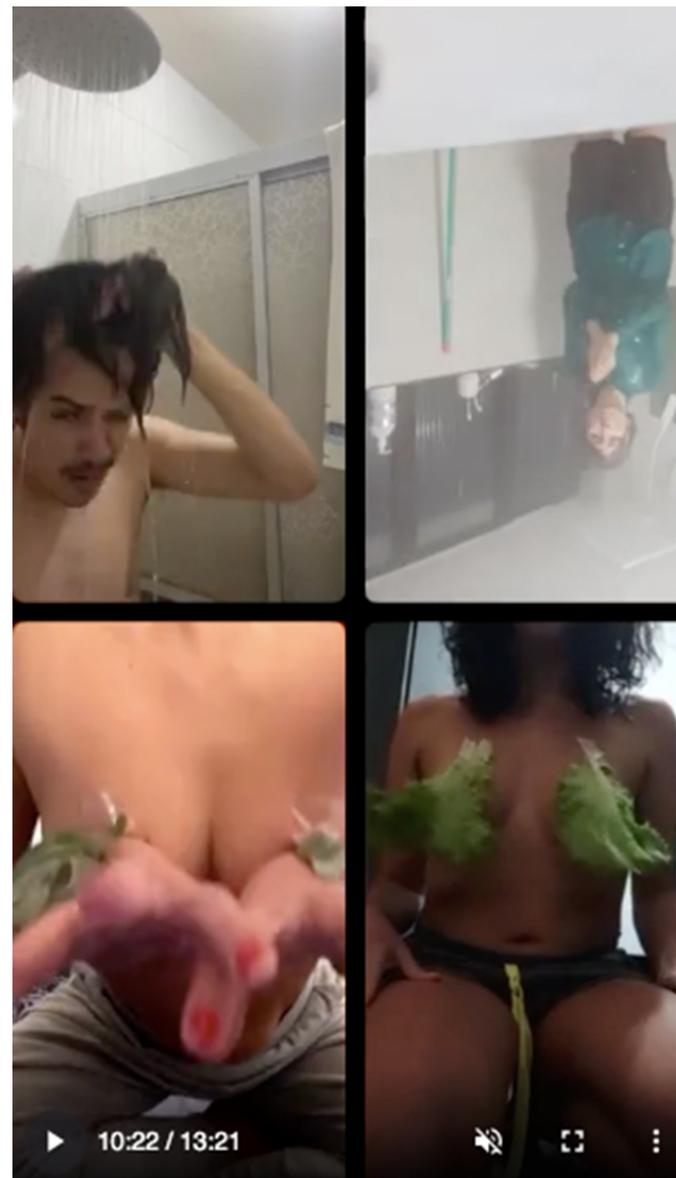


IMAGEM 14

Live Pirata: OVO

Live pirata – Hackeando o Instagram

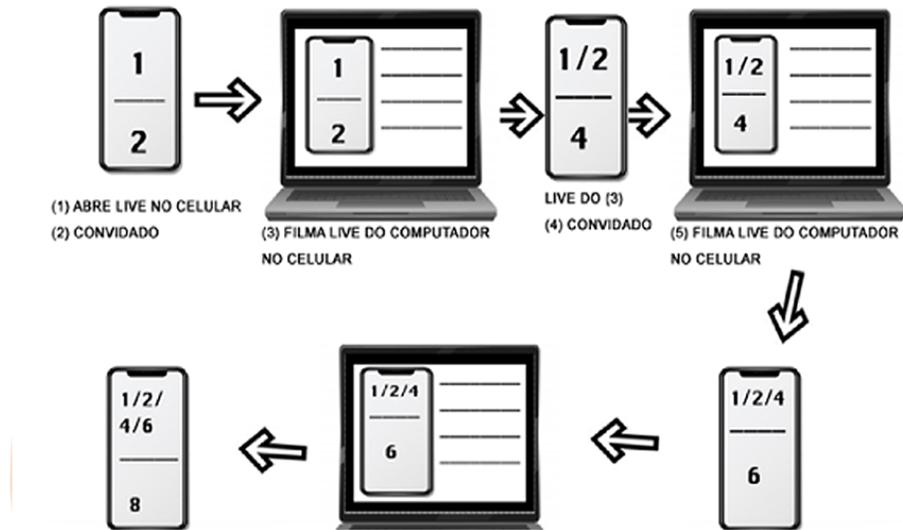


IMAGEM 15

Map e Ar – inserção de lugares ACOCORÉ no google maps

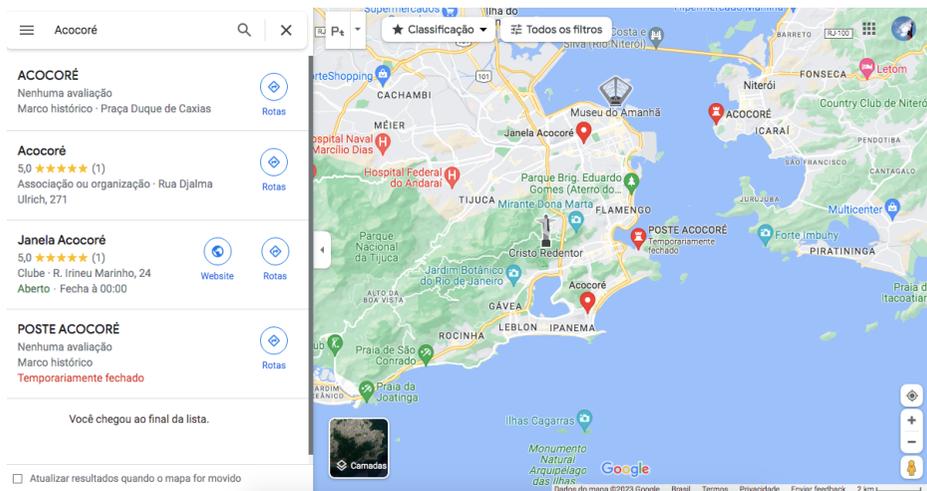


IMAGEM 16

Performances Híbridas - online e presenciais

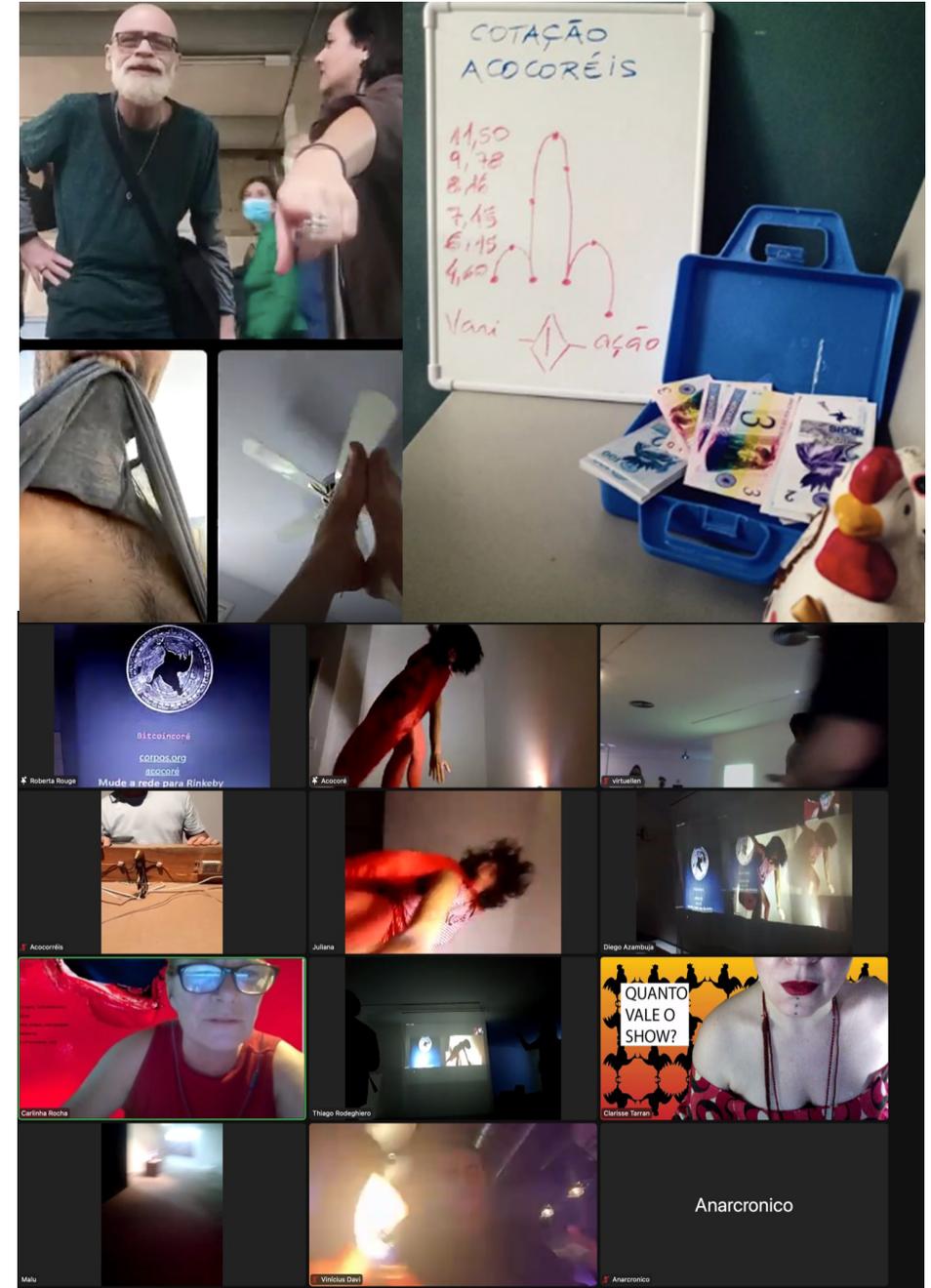


IMAGEM 17



IMAGEM 18



IMAGEM 19

Acocoréis : moeda, notas acocoréticas.



IMAGEM 20

Bitcoinré : Criptomoeada Acocorética.



IMAGEM 21

Exposições online

Galeria Poleiro: Exposição no site do ACOCORÉ

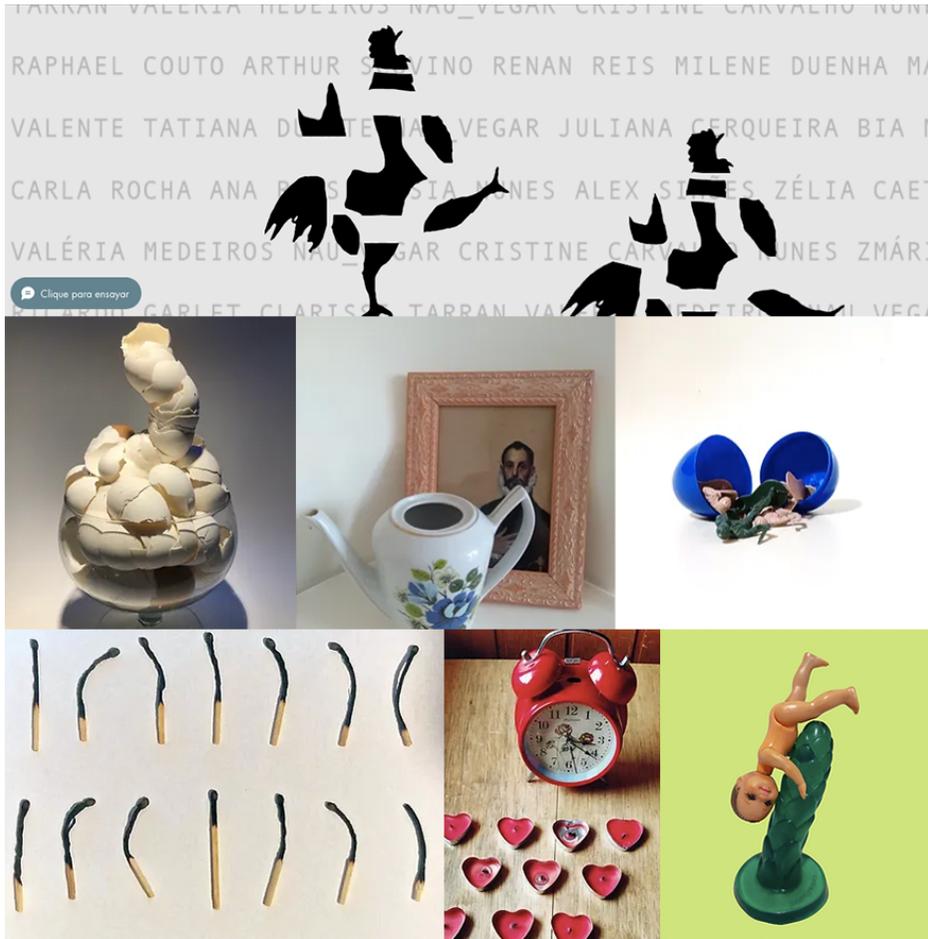


IMAGEM 22

Colorful Sunday: Exposição feita no mercado OLX, na internet.

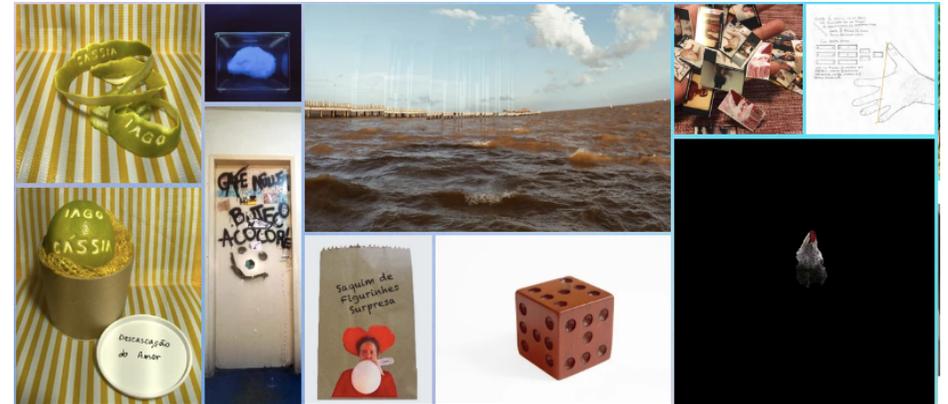


IMAGEM 23

Site do Coletivo ACOCORÉ.

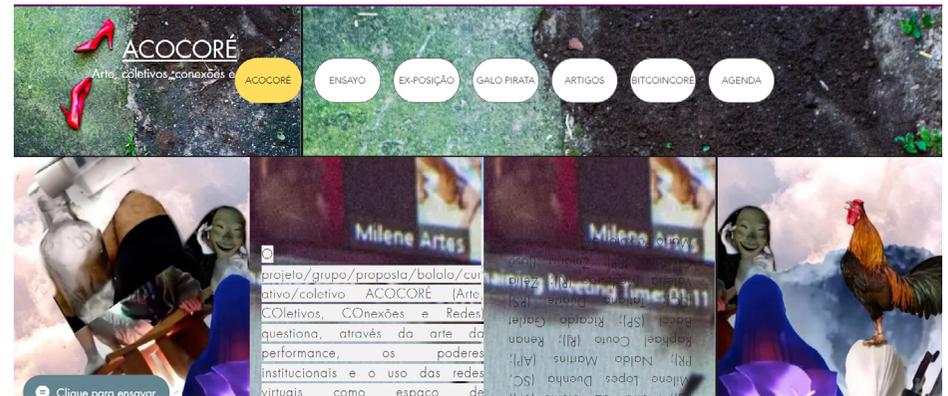


IMAGEM 24

Correio Afetivo.

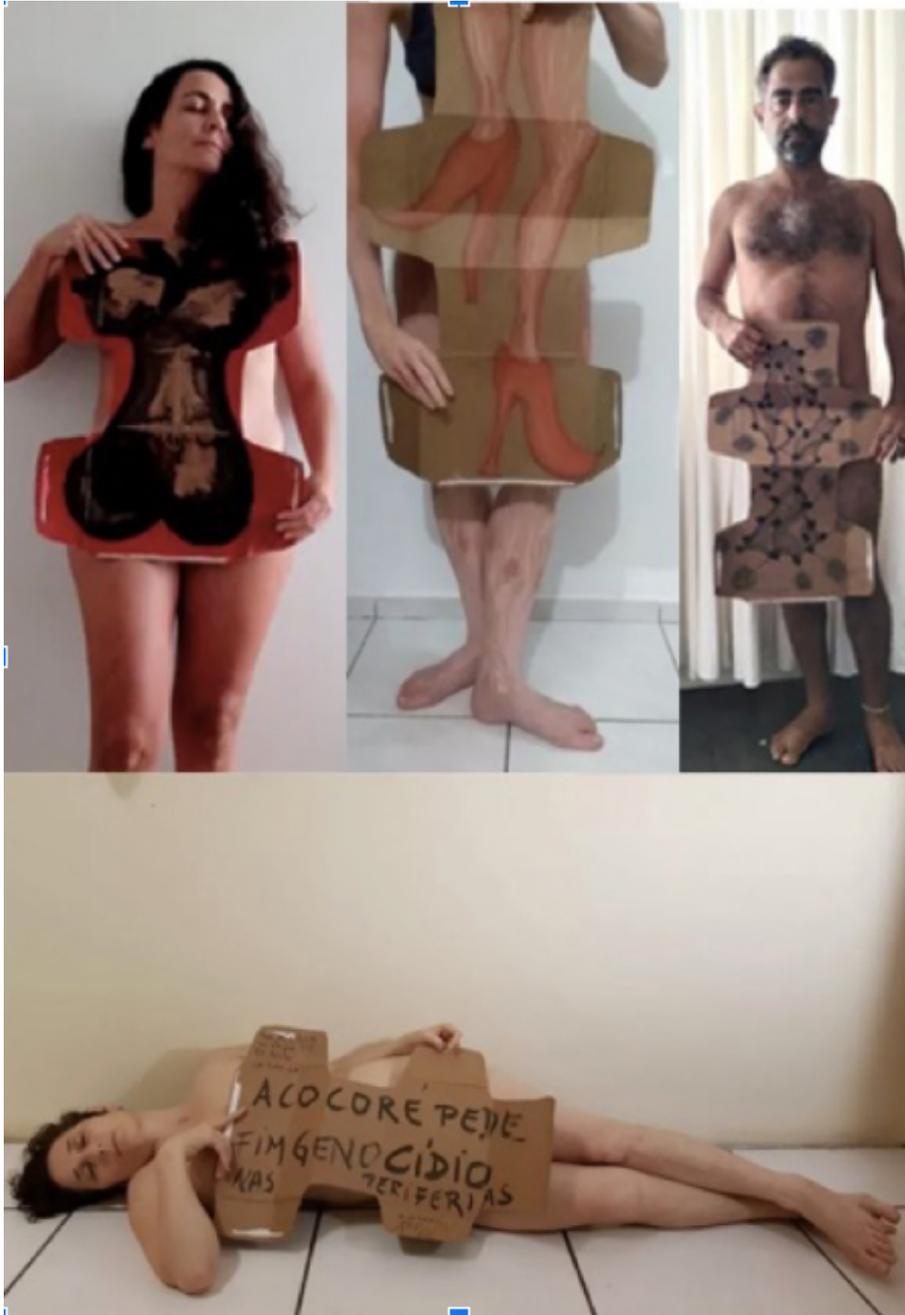


IMAGEM 25

Reperformance de figurinha no Whatsapp.



IMAGEM 26

Festival ACOCORÉ de performance
simultânea online.



IMAGEM 27

Assim, quebra-se o ovo que me engolia de agonia, e eu escorrego em claras e gemas casca afora, mesmo dentro do meu apartamento. Do lado de fora do ovo era escorregadio, era novo, eu ainda não sabia ficar de pé. Escorrego, ego no chão, eu caía muitas vezes, erguia-me, prosseguia e fazia uma gemada em bando. Ego em vão.

1.2. Galinheiro-mundo transversal: para não se deixar domesticar

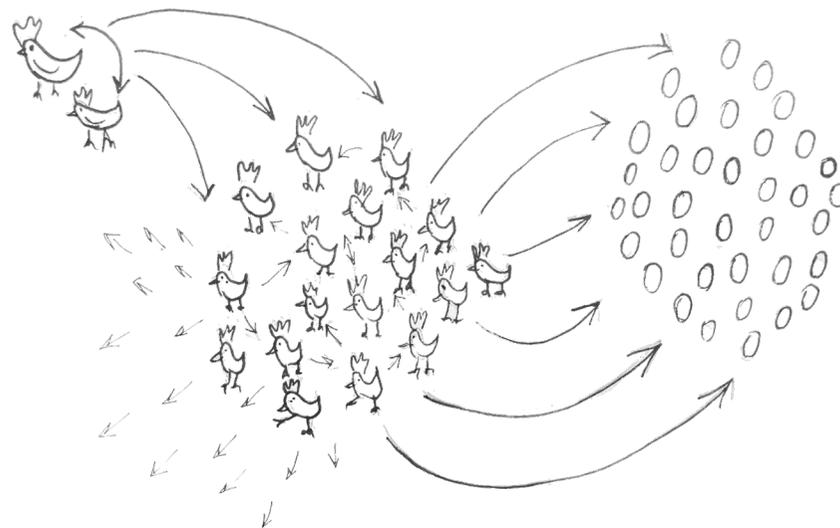


IMAGEM 28

Dizer que tudo é humano é dizer que os humanos não são uma espécie especial, um evento excepcional que veio interromper magnífica ou tragicamente a trajetória monótona da matéria no universo. (DANOWSKI e VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.97)

Fui *bicada* por uma reportagem¹² informando que um grupo de galinhas selvagens estava aterrorizando uma cidade na Nova Zelândia. Os animais invadiram a região após o isolamento social em decorrência

¹² Disponível em: <https://www.dinheiorural.com.br/galinhas-selvagens-atormentam-regiao-na-nova-zelandia/>

da pandemia do corona vírus. As galinhas privaram os moradores de dormirem, por conta do barulho estridente produzido, *destruíram* o bairro e atraíram outros animais com o seu comportamento.

O nosso bando de galinhas, também apareceu na pandemia, foi um, dois, três... muitos encontros de muitos agrupamentos, muitos corpos que foram se unindo pelo caminho. Com o tempo, fomos construindo um grande galinheiro transversal que se espalhava pelo mundo. Nós botamos o terror, as penas para voar, nas redes sociais e em galerias e/ou museus (instituições).

No nosso galinheiro-mundo tem *gale* que não canta de *gale* e *galinhe* que defende seus próprios ovos, os de outres e também desovas; tem *gale* que gosta de *gale*, de *girafe*, de *hipopótame* e *samambaia*; tem *galinhe* que gosta de *galinhe*, de *cão* e *caça* com *gate*; tem *gale* que nem gosta, nem gosto, nem nada: nado *crow*, *borboleta* e *costas*. No fundo, todes gostam mesmo de galinhagem. Bando de *galinhes*! Bando de *galinhes* talvez selvagens, talvez só vagens, talvez, apenas bobagem!

Segundo uma coleta de dados feita no bar da Dona Carol, em Salvador da Bahia que é de todos os santos¹³, por ZMário¹⁴, acocorético que faz

¹³ A Bahia de Todos-os-Santos é uma reentrância da costa litorânea brasileira localizada no estado da Bahia, é a segunda maior baía do mundo, depois do Golfo de Bengala e a maior do Brasil.

¹⁴ José Mário Peixoto é professor, pesquisador e artista da performance Doutor em Artes pelo PPGAV da Universidade de Brasília (2019). Mestre em Artes Visuais (Teoria e História da Arte) pelo PPGAV da Universidade Federal da Bahia (2007).

parte do bando de *galinhes*, havia uma galinha chamada Cidinha e um galo chamado Cidinho, que namoravam. Tempos depois descobriu-se que Cidinha era Cidinho também, que ficou se chamando de Cidinho dois. Assim como no bar da Dona Carol, mudanças são bem-vindas no bando ACOCORÉ. Todos que chegam nesse galinheiro são acolhidos do jeito que chegaram, da mesma forma que Chapeuzinho Vermelho, galinha mais velha, faz no bar de Dona Carol. Um acolhimento do jeito que ficaram e/ou do jeito que se revelaram.

A nossa rede de *galinhes* possui forças e capacidades de ser afetada. No nosso galinheiro, os encontros se dão por vibrações afetivas produzidas por *galinhes* que ali se encontram. Cada galinhe produz um tipo de vibração, cada qual veio com sua própria história inscrita no corpo, na fala, no ser e no estar. Cada corpo galináceo é um território a ser acolhido, talvez conhecido e quem sabe desterritorializado por si só, por ventos, por movimentos e/ou por outros corpos. Territórios-corpos flexíveis. Ritmos, alguns ritmos, algo-ritímico, outros e/ou quaisquer. Vibrações no galinheiro-mundo real/virtual, virtual/presencial, telepresencial/tátil e quente. Quanto ao conceito de “virtual”, o deixaremos marinando na escuta do latim *virtus*, de Deleuze e Guattari e de Pierre Lévy, entre tantos.

Licenciado em Letras pela Universidade Católica do Salvador (1995). cursou Artes Plásticas na Escola de Belas Artes da UFBA. Integrante do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos (CNPq), coordenado pela Profa. Maria Beatriz de Medeiros e do ACO-CORÉ - coletivo de performances on-line e presenciais. Integrante fundador e colaborador do Osso Coletivo de Performances Urbanas, Salvador-BA. Tem participado de exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior. Possui publicações sobre performance em revistas especializadas. Pesquisa o corpo e o “corpo-ebó” nas ruas, esquinas e encruzilhadas; performance enquanto encontro de subjetividades; o eu e o outro, identidade e alteridade. Vive e trabalha em Salvador, Bahia, Brasil.



Cabe salientar a existência de pontos/traços/planos/plumas de tensão. Às vezes, há brigas que fazem voar penas. Poderiam ser polêmicas, mas isso seria por demais simples, assim às chamamos de “polentas”¹⁵. Elas podem ser mais ou menos espessas, podem ser frias, quentes, requentadas, fritas . O que se busca são divagações teórico-hilárias sobre questões da performance, da curadoria, da arte, da vida (ou seriam pensamentos do estado da arte do terreiro do galinheiro?).

Sabemos o quanto é difícil reconhecer o que é diferente e mudar algo em nós mesmos. Mudanças mexem com forças e necessitam certo esforço: ao lidar com a transformação pode se abrir mão de algo, pode se abrir as mãos, dar as mãos, largar de vez...

Dizer que tudo é permitido no bando é certamente uma utopia, porém, é também uma quase realidade. Tudo ser permitido, gera desconforto para algumas *galinhas*. Todas as *galinhas* têm livre acesso de entrada e saída, todas têm as chaves do galinheiro (Whatsapp, instagram, e-mail, zoom e, por vezes, nossas casas). Cada um pode decorar o espaço como bem entender, inclusive usar a decoração de outra *galinhe*, desde que dê os devidos créditos (milhos). Assim, tem *gale* que anda pelade e *galinhe* que fala da cruza do dia anterior, tem *gale* que manda foto no banho e *galinhe* que não suporta mais ver a cloaca dos outros.

15 Termo proposto por Bia Medeiros para designar alguma polêmica.

Certa vez, uma *galinhe* foi retirada do bando por outra *galinhe*, devido a uma briga com uma terceira *galinhe*. Isso tudo gerou um grande desconforto em todes do galinheiro. E muitas questões foram levantadas para discussão coletiva. Chegamos à conclusão de que não era da nossa ética, *acocorética*, retirar ninguém. Entendemos que galinhas que estão desconfortáveis têm a liberdade de sair do galinheiro, que está sempre aberto para o retorno e novas *galinhas*.

Temos *galinhas* poedeiras presentes: as que chocam ovos uma vez ou outra e as que cessaram de botar. As poedeiras são as que estão prontas para ajudar a qualquer momento. Às vezes, há aquelas que chocam os ovos uns dos outros e dividem o milho. As que cessaram de botar ovos vivem no galinheiro, mas não aparecem quase nunca. Esse galinheiro gera muito trabalho, com *galinhas* diversas que querem coisas diferentes, muitas vezes ao tentar fazer algo e chegar a um acordo comum é muito trabalhoso e desgastante. É necessária muita energia para erguer e manter um galinheiro, sobretudo de *galinhas* selvagens talvez só vagens, talvez, apenas (!) bobagem!

Vivemos ou tentamos viver *ovulatoriamente* os afetos. Afinal, uma *galinhe* só não faz gemada nem gemido¹⁶. Atenção: há tensão. Há tensão. Suruba. Suruba real/virtual, virtual/presencial, telepresencial/tátil e quente, virtual/real, presencial/virtual, tátil e quente/telepresencial.

16 Frase proposta por ZMário ao ser perguntado no grupo. O que uma galinha só não faz?

No galinheiro ACOCORÉ, as *galinhas* não se deixam domesticar, são como as Red Jungle Fowl (CAMPLER, 2009), ancestrais de praticamente todas as raças domesticadas de galinhas (Imagem 30). Somos selvagens. A Red Jungle Fowl é uma espécie de ave altamente social e onívora, presumivelmente com capacidade de compartilhamento de informações sociais: vive livre; seus poleiros são nas árvores; seu habitat é qualquer lugar. Ao contrário das aves domesticadas, o Red Jungle Fowl é um dos pássaros mais ariscos da natureza já que, por ser presa fácil no ambiente natural, tem um comportamento extremamente alerta.



IMAGEM 30

No Brasil conhecemos a galinha Garnizé¹⁷, que é muito semelhante fisi-

17 Disponível em: <https://globorural.globo.com/vida-na-fazenda/como-criar/noticia/2017/04/como-criar-bantam.html>.

camente a Red Jungle Fowl, que tem estatura baixa e peso médio de meio quilo a um quilo, belas e graciosas, são donas de diversos tipos de plumagens e combinações de cores, inclusive algumas com penas nos pés e topetes estilosas. Embora o padrão único de tamanho pequeno possa fazer com que pareçam frágeis e delicadas, são rústicas e resistentes. Algumas vivem soltas em quintais e espaços abertos se relacionando com outros animais, livres, mas nem tanto. Diferente das galinhas Red jungle, que são selvagens, as garnizé foram domesticadas e, por serem pequenas, são um bom negócio. No nosso bando temos o GaleZé, que é de rua, da palavra, do bar, de ações e plantões¹⁸. GaleZé é corpo para jogo, para risco, gale arisco da encruzilhada. GaleZé não se deixou ser domesticada, quer ser livre, se livrar de compromissos, nada omissos, co-responde cartas, e segue com as patas a caminho do próximo bar.

Galinas domesticadas (RUTKAUSKAITE, 2022) são lucrativas, mantêm-se na linha dentro da granja, toleram mais a conviver em ambientes com maior densidade populacional, são mais sociáveis, botam ovos maiores em quantidade superior e viram comida. Estudos indicam, que as galinhas ao serem domesticadas, com o tempo perderam expressivamente o medo de aproximação de pessoas, deixando de ficar ariscas como eram as Red Jungle Fowl, aceitando mais as regras impostas, ou seja, tornaram-se corpos dóceis (KATAJAMAA, 2021).

[cia/2017/04/como-criar-bantam.html](https://globorural.globo.com/vida-na-fazenda/como-criar/noticia/2017/04/como-criar-bantam.html).

18 Plantão no ACOCORÉ, o momento que algum membro fica falando pelo Whatsapp durante um bom tempo, mesmo que sem resposta, sobre qualquer assunto aleatório.

No nosso bando não tem hora para acordar, e nem quantidade de ovos para botar, não tem regra, muito menos um galo que canta pela manhã. *Todes* são acolhidos por *todes*, como fez *Chapeuzinho vermelho* com seus amigos que chegaram no bar da Dona Carol. Prezamos pelo cuidado com o outro e pelas nossas valiosas risadas *cacarejantes*. Nosso movimento é vento, é em uma espiral caótica, é ação frenética, é furacão.

Cada objeto ou aspecto do universo é
uma entidade híbrida, ao mesmo tempo
humano-para-si e
não-humano-para-outrem, ou melhor,
por-outrem. Neste sentido, todo existente, e
o mundo enquanto
agregado aberto de existentes, é um
ser-fora-de-si. Não ha ser-em-si,
ser-enquanto -ser, que não
dependa de seu ser-enquanto-outro; todo
ser é
ser-por, ser- -para, ser-relação.
(DANOWSKI e VIVEIROS DE CASTRO , 2014, p.98)

Um estudo publicado em 2015, feito na da Universidade de Adelaide, na Austrália (HAZEL, 2015), descobriu que galinha, a ave mais comum do mundo, é inteligente e, talvez, até sensível em relação ao bem-estar de seus semelhantes. Muitos não conseguem reconhecer o valor sentimental que existe nas galinhas, elas são muito mais do que ani

mais domesticados em granja, são muito mais do que um produto em série que gera milhões para a indústria alimentícia. Elas são espertas, empáticas, simpáticas, quem sabe até performáticas e muito companheiras.

Mas isso não importa nesse mundo capitalista, o importante mesmo é o lucro que as galinhas podem gerar para as grandes empresas.

Que pena!

Nós, *galinhes* também somos conexão, *conectades* nas relações e nas redes tecnológicas de informação, não temos tentáculos¹⁹ mas com nossos bicos e ciscadas nos emaranhamos criando lugares de criatividade e acolhimento, por terra e ar em algum tempo do passado onde já soubemos voar.

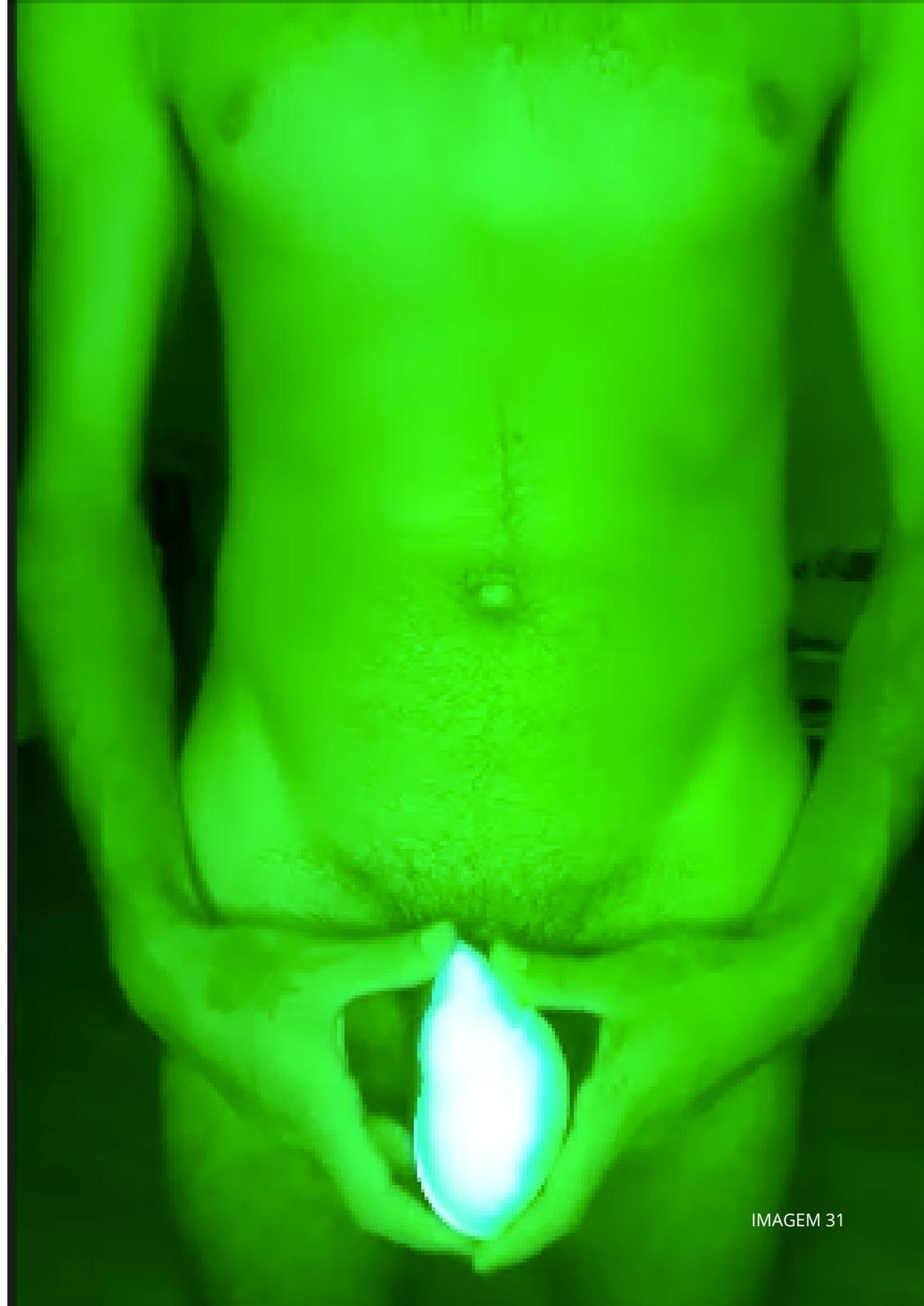
No nosso galinheiro-mundo, vamos nos conhecendo, cedendo e colocando nossos prazeres para jogo. Entendendo juntos, na relação o funcionamento desse terreiro, território e aos poucos nos ajeitando, ajudando, ciscando caminhos por meio do companheirismo, da parceria, sendo-para. Com o tempo vamos criando uma grande rede galinácea conectada e regida por afetos, com poleiros conectados pelo mundo. Acocorando para proliferação de saberes do corpo e para além dele. Essa conexão galinheiro-mundo vibra no corpo, arrepia as penas.

19 Faz referência aos seres tentaculares de Donna Haraway

Corpos em vibrações afetivas são políticos, são capazes de operar transformações. Conhecer as vibrações afetivas no galinheiro é entender os tipos de afetos que nos potencializam e os que nos bloqueiam, é compreender como os afetos podem circular na vida social e saber de quais ferramentas precisamos improvisar para construir outros mundos ou galinheiros-mundos.

Agora posso cacarejar algumas palavras sobre o encontro dos corpos que hoje vibram ACOCORÉ. Nosso pequeno galinheiro foi construído a partir do encontro de duas ideias que vibraram intensidades em dois corpos, o meu e da Bia Medeiros, “apaixonamento recíproco desses corpos” (TABORDA, 2021, p. 99). A partir dessa ideia fomos ciscando mundo afora conectando corpos pelo Brasil e pelo mundo. Corpos esses que fizeram nosso bando vibrar de tanta alegria, de tanta risada de tantas ideias. Foi preciso conhecer cada vibração afetiva que ressoava nesse galinheiro. Foi preciso entender que quanto mais transversal e aberto era esse galinheiro, mais ele vibrava, criava, aumentava, tencionava e se transformava. Foi necessário aprender a escutar e a escutar com atenção, entender cada vibração e suas diferenças. Foi uma construção conjunta.

ACOCORÉ se tornou energia pulsante, pulos de ciscos, cisco nos olhos, olhos brilhando, vibrando em todos nós que habitamos esse galinheiro-mundo, em dias de aniversários desejamos ACOCORÉ como votos de felicidade. Se um dia alguém desejar muito ACOCORÉ para você, tenha certeza que essa pessoa lhe quer muito bem.



1.3. AXÉ – ACOCORÉ – ACOCOXÉ

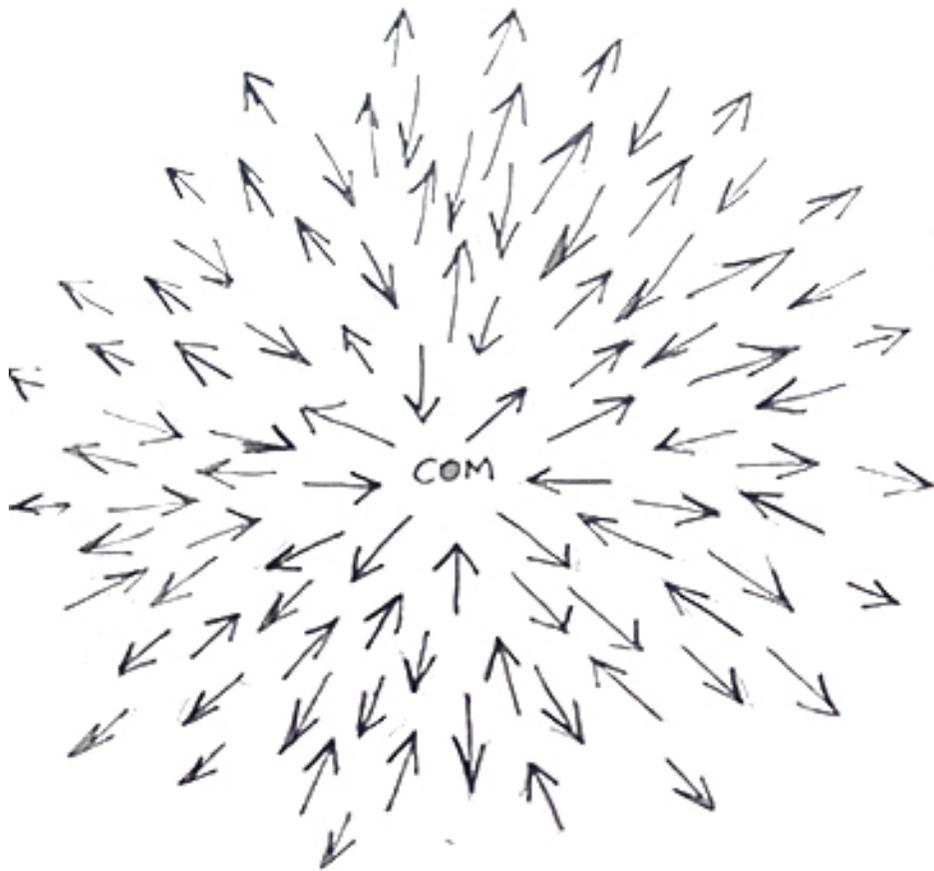


IMAGEM 32

O Axé é a energia vital que está presente em todas as coisas e pesso-

as, escreveu Luiz Antonio Simas (2021, p. 42) em seu livro *O corpo encantado das ruas*. Nos rituais afro-brasileiros para que tudo funcione bem a energia do axé deve ser constantemente potencializada. Uma das formas mais eficazes de dinamizar o axé em benefício da vida é oferecendo comida às divindades, que por sua vez retribuem a oferenda propiciando benefícios aos que ofertaram. Eu peço licença e tomo a liberdade de dizer que o ACOCORÉ potencializa o Axé nas pessoas e encontramos essa energia vital através do nosso jeito erótico, em movimentos afetivos em favor de tudo que facilite a potência de agir dos corpos, no nosso modo alegre de viver. ACOCORÉ se tornou uma palavra que quer dizer muitas outras coisas, que vai muito além de um nome, uma abreviação de Arte, Coletivos, Conexões e Redes. *O Canto das galinhas*.

Juntos entendemos que a experimentação é mais importante do que algo previsto, que o improvisado é a nossa principal ferramenta e que é no *ensayo* onde tudo pode acontecer de verdade, é o lugar e o tempo mais sincero que pode haver. Mais uma vez, nosso galinheiro vibra confiança e abertura para o outro assim, descobrimos o cuidado.

Nesse período cruel de isolamento, nosso bando estava sensível e vibrava cuidado por muitos lados. Chegamos a pensar que talvez fôssemos um curativo artístico, em vez de coletivo artístico. Curativo não como forma de curar, mas como meio temporário de amenizar a dor, de cuidar da alma em tempos tão difíceis. Segundo Foucault (1982, p.

1.4. AcocorÉticas

331), para Alcibiades²⁰ o cuidado de si sempre se refere a um estado político e erótico ativo, onde o si deve ser encontrado não um princípio do corpo, mas da alma. É necessário se preocupar com a alma e, principalmente, conhecer a si mesmo para se liberar do eu, uma das tarefas mais difíceis em um coletivo.

Construímos em um momento de falta, de dor, de angústia, de abandono, essa grande conexão forte e potente de afetos, um acocoxé!

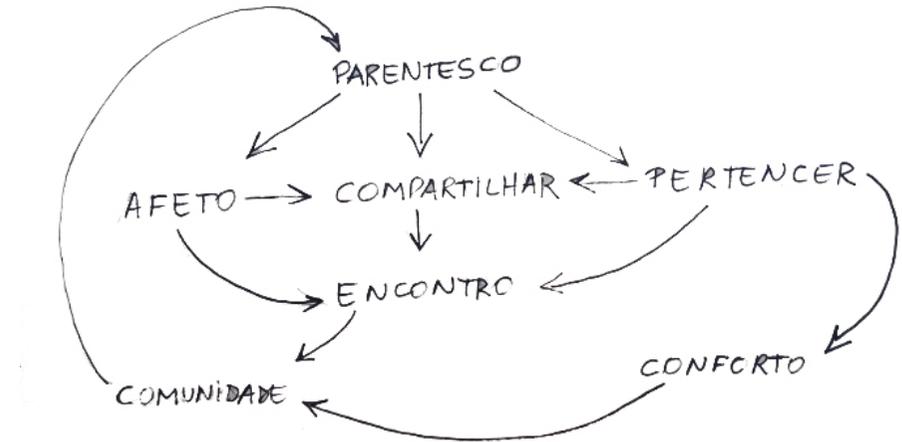


IMAGEM 33

Compreender circuitos de afetos não é calar a razão, mas ampliá-la.
(SAFATLE, 2017, p.64.)

²⁰ Em seus últimos estudos, Foucault sustenta que o diálogo Alcibiades de Platão é o gérmen filosófico do cuidado de si, pois seria a primeira teoria completa do cuidado de si: cuidar de si, para Platão, é cuidar da alma, e essa seria a principal tarefa da existência humana.

Para nós do ACOCORÉ, a ética é a possibilidade da experiência. Interessa-nos corpos que experimentam além das expectativas, por isso sempre estamos ensayando nesse galinheiro, pois estamos em experimentação, em choc(ação), chocando, mesmo quando não é ensaio. Interessa o quanto nós podemos ser afetados por outros corpos. Para nós, é imprescindível a relação com os outros, já que pensamos

e vivemos em coletivo. Vamos construindo a nossa ética de galinheiro por meio dos encontros.

Se a ética é a construção de nós mesmos como sujeitos morais e se moral é um conjunto de regras, costumes e formas de pensar de um grupo social, que define o que devemos ou não devemos fazer em sociedade, então entendemos que moral não é uma proposição, mas sim uma imposição por essas estruturas, para que elas tenham poder sobre nossos corpos, para que elas mantenham o controle sobre eles, para que elas nos transformem como galinhas domesticadas. Acontece, muitas vezes, dessas propostas morais serem transmitidas de maneiras difusas, incompreensíveis. Segundo Foucault (2014, p. 32), por moral se entende-se, um conjunto de valores e de regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de estruturas prescritivas (família, instituições, igrejas, partidos, etc.), Foucault (2014) diz ainda, que o comportamento real dos indivíduos em relação aos valores e regras que lhes são propostos, designa uma submissão ao princípio de conduta, obedecendo ou resistindo a uma interdição ou a uma prescrição, pelas quais eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores. Portanto, cabe a nós compreender que poderes são esses, e quem dita as regras, por onde passa o poder, como também aceitá-las ou não.

Somos capazes de questionar valores impostos por estruturas prescritivas, valores que não são nossos, valores que foram aprendidos e inseridos em nós sem que percebêssemos. Somos capazes de questionar

o que podem nossos corpos, podemos até ser selvagens, só vamos, assim ir além dos limites das regras que impõe o que podemos. Somos capazes de experiência, experimento, vida que vibra. Valor do momento. Acontecimento, (e)vento, furacão. Rachahappening²¹. Voar entre códigos.

Nosso modo de viver é nas bordas, nas margens, no equilíbrio, esse é um território que construímos juntos, ele nos protege, nos abraça, mas também é hostil se formos muito além das bordas, ainda assim, foi construído com aberturas, tem brechas, fissuras, ovo rachado, ovo aberto para o mundo, para que também possamos ser atravessados, tensionados e assim nos mudarmos para construir outros galinheiros juntos, não vivemos só de maravilhas cacarejantes.

... devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se e modificar seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo (FOUCAULT 2006, p.198-199).

21 Termo usado no ACOCORÉ quando vamos fazer uma live surpresa no instagram, numa tentativa de pensar o happening online.

Nosso galinheiro é o nosso lar, o lugar que escolhemos para morar, nem que seja por uma noite. É onde formamos laços, parentescos para além da família, dos laços sanguíneos, da relação biológica. Aceitamos uns aos outros como uma comunidade galinácea. Fazemos de cada encontro um lar, um bar, um ar, um galinheiro-mundo conectado.

Assim, entende-se que faz parte da nossa ética, do nosso modo de viver, que é em constante construção de nós mesmos, desviar das regras do sistema capitalístico que nos impõe valores e moldam nossos corpos, . *Ovulamos!* Vivemos no devir-ovo. Muitas vezes, somos imorais batendo de frente com a normatividade, o que em nosso bando nomeamos como *acacorética*, somos *acacoréticas*. A vida como obra de arte, diria Foucault (2014).

2. Coletivos, coletividades e o fazer junto como potência disruptiva

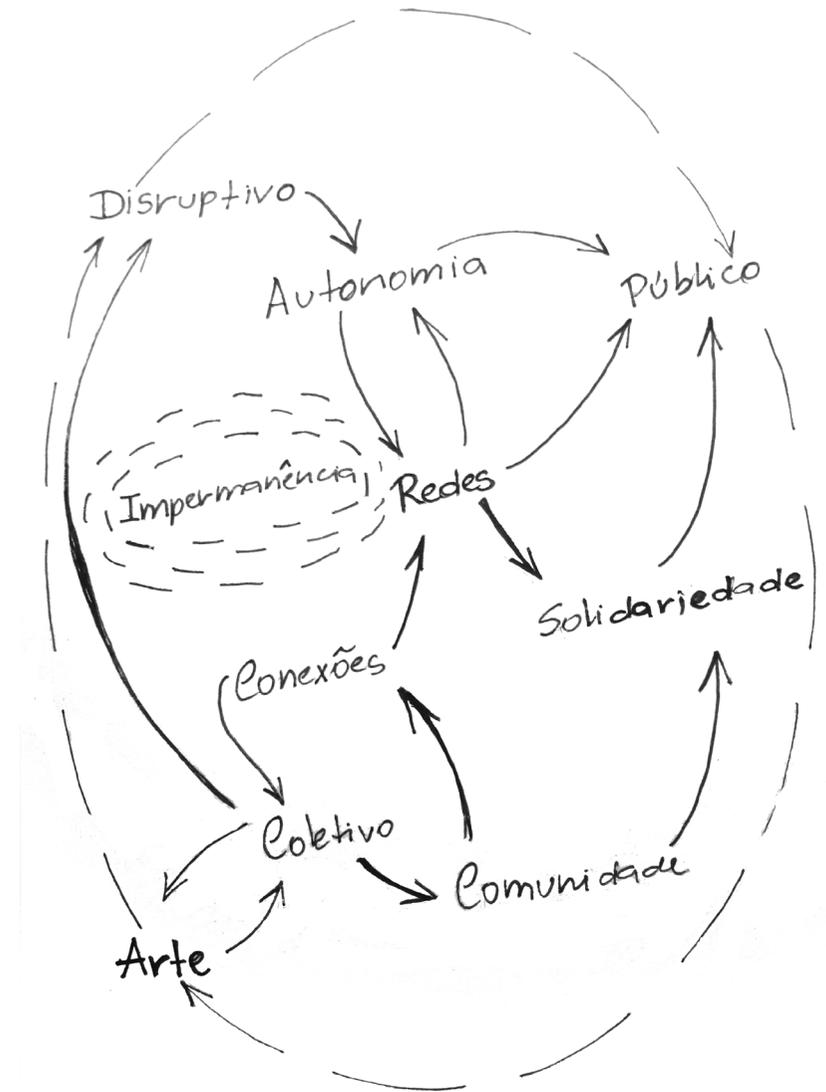


IMAGEM 34

Abordarei, neste capítulo, múltiplas formas de ser em coletivo, ciscando entre coletivos artísticos, coletividades e modos de viver, compartilhar e compor como forma de demonstrar a potencialidade do fazer junto. Interessa aqui as motivações que levam a união de pessoas para criar algo que seja para além da arte, e que de alguma forma questione à sociedade heteronormatizada. Procuo formas de união que em seus modos criativos rompam com a alienação social usando meios para construir com situações do cotidiano, assim como já fizeram os Situacionistas com suas derivas, mas no contexto dos dias atuais e com derivas conectadas.

Construo, então, linhas que demonstram mais ações estéticas políticas e ativistas coletivas, como um bando potente da contra-normatividade. Linhas que vibram como uma batida de funk fazendo os corpos se remexerem; saírem do lugar.

Normalmente, o coletivismo se comporta como uma força anticapitalista plenamente desenvolvida, como uma comunidade orgânica livre, mas na dinâmica organizada em torno de crenças, ressentimentos, em torno de fé, ideologia e estratégia. Um coletivo se potencializa enquanto seres que fazem junto, mas essa potência nem sempre é boa para todos.

Coletivos artísticos costumam atuar fora dos meios culturais institucionalizados, ou buscam tencionar as estruturas para problematizá-las. Seu fazer em conjunto sempre reúne uma forma singular diversas

práticas e abordagens para construir propostas artísticas, realizando eventos autônomos, levando a arte para um público que vai além de galerias e instituições e/ou trazendo outros públicos a fazer vibrar estes lugares de outra forma.

No contexto da história da arte, podemos ver sementes das vanguardas dos pós-guerras. como do agitprop, dos construtivistas russos ou a deriva das situacionistas de modo a mobilizar, praticar e fazer junto. Contudo, os modos de organização e de funcionamento coletivos apresentam o que parecem ser descontinuidades com relação aos de épocas anteriores.

A partir da década de 1960 se viu nascer uma contracultura marcada pelo desencantamento político vigente que questionava as autoridades e os valores instituídos por elas, já as práticas artísticas buscavam desmaterializar a arte como um objeto para apostar em ações, processos, performance arte, happenings, arte conceptual e a arte feminista. As duas últimas abririam caminho para a arte ativista e diversas formas de coletividade por meio dos seus exemplos e metodologias de trabalho.

Práticas, ativismos e coletividades que manifestavam o desejo de romper a distinção entre política e cultura, política e arte, política e vida cotidiana. Esse desejo de ruptura é visualizado no evento aberto *Apocalipópotese* (1968) de Hélio Oiticica e Rogério Duarte. Organização coletiva como prática artística. Cultura popular como arte. O que

o artista chamava “comportamento coletivo casual momentâneo”²², como as experiências abertas, meios para o exercício de um comportamento que se recria, que nasce uma possibilidade de criar, dando ênfase no momento. Como exemplo a obra Ovo de Lygia Pape (Imagem 35), que rasga, abre uma fresta no instante fugidio, uma brecha onde a experiência intervém para aprofundar o desvio, aparece como uma falha, mas que são possibilidades outras.



IMAGEM 35

Resultando, inicialmente, da crítica da hierarquia de valores, do elitis-

²² Hélio Oiticica. Apocalipópótese. Texto-relato escrito em 18 de agosto de 1968 e apresentado na Universidade de Sussex, Brighton, entre 22-29 out 1969. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>

mo e das políticas de extrema direita, movimentos e lutas contra ditaduras, exemplificado na contracultura, nos hippies e mesmo na arte Pop, posteriormente estes movimentos acabaram absorvidos pelo mesmo sistema do qual se procurava demarcar.

No contexto de abertura política brasileira, veremos grupos não-hierarquizados, como o “Viajou Sem Passaporte”²³, “3Nós3”²⁴ ou “Tupi Não Dá”, os quais discutem questões não só ligadas aos direitos civis, mas também se interessa no questionamento de códigos culturais (MESQUITA, 2008, p. 232-233).

Surgem coletivos norte-americanos interessados nas questões de gênero, raça, memória e desigualdade na década de 1980, como ACT UP, Gran Fury, Group Material, Guerrilla Girls, PAD/D e REPOHistory; as festas de rua do Reclaim the Streets!

Os festivais de mídia tática nos anos de 1990 e sua contribuição para o uso político e recombinante da tecnologia; o Culture Jamming e suas táticas de intervenção em outdoors publicitários; a produção de teatros de guerrilha e a veiculação de pranks midiáticos na imprensa, direcionando suas críticas para as questões do consumo, o trabalho e os interesses obscuros das grandes corporações²⁵.

²³ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/download/118381/122232/237528>

²⁴ Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223068/001020319.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

²⁵ Disponível em: <https://andremesquita.redezero.org/arteativismo/>

Inspirados pelos movimentos das vanguardas do começo do século XX, como pela contracultura, as ações destes grupos consistem em trabalhos que algumas vezes se articulam com movimentos sociais, comunidades sem-teto, ativistas de mídia, intervenções urbanas e intervenções virtuais.

Em um mundo cada vez mais interligado, espaços presenciais e virtuais misturam-se por meio de redes de comunicação que passam a ser um importante recurso para novas formas de expressão artística e política. Atuando de forma independente ou por vezes de forma conjunta, muitos coletivos, festivais, organizações e movimentos que se tornam coletivos se inserem em redes virtuais de comunicação, por meio das quais realizam debates, trocas experiências e organizam ações conjuntas.

É necessário falar dos movimentos ciberativistas²⁶ que se iniciam online, como a Primavera Árabe²⁷ (2010) e logo depois Occupy Wall Street²⁸ (2011) trazendo a tona as hashtags nos próximos movimen-

²⁶ Ciberativismo usa de ferramentas e plataformas digitais para organizar e se envolver em atos de defesa e protestos.

²⁷ Foram manifestações e protestos que ocorreram no Norte da África e Sudoeste da Ásia a partir de 18 de dezembro de 2010. As redes sociais desempenharam um papel considerável nos recentes movimentos contra as formas de poder ditatoriais em determinados países árabes. Os setores mais inconformados da sociedade encontraram na internet como meio para exercer o ciberativismo, por meio do qual eles puderam não só canalizar as críticas contra os abusos de poder das autoridades, como também agendar e realizar ações de protesto.

²⁸ Foi um movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas — sobretudo do setor financeiro — no governo dos Estados Unidos. Iniciado em 17 de setembro de 2011.

tos como #blacklivesmatter²⁹(2013), as manifestações de junho de 2013³⁰, no Brasil, #metoo³¹ (2017), assim como o Anonymous³², grupo não identificado, coletivo hacker, são considerados o grupo hacktivista³³ mais famoso do mundo. Para o Anonymous as corporações e organizações que são consideradas corruptas ou danosas à liberdade devem ser atacadas. Movimentos como esses são de grande importância para articular mudanças políticas e sociais.

Quando começam esses movimentos de ciberativismo muitos artistas deixam seus ateliers e vão para as ruas numa tentativa de colaborar com as práticas coletivas dos acampamentos, montando arquivos, monumentos efêmeros e bibliotecas, realizando intervenções ou elaborando ações de desobediência civil usando materiais simples e baratos (SHOLETTE, 2011). Uma produção coletiva e anônima formada

²⁹ Em 2013, o movimento começou, com o uso da hashtag #BlackLivesMatter em mídias sociais, após a absolvição de George Zimmerman na morte a tiros do adolescente afro-americano Trayvon Martin. O movimento tornou-se reconhecido por suas manifestações de rua após a morte, em 2014, de dois afro-americanos: Michael Brown, resultando em protestos e distúrbios em Ferguson, e Eric Garner na cidade de Nova Iorque.

³⁰ Uma série de mobilizações de massa ocorridas simultaneamente em mais de quinhentas cidades do Brasil no ano de 2013. Pode ser considerada como a primeira insurreição ou levante popular de proporções realmente nacionais no país, tendo acontecido em todas as cinco regiões.

³¹ O movimento Me Too, com uma grande variedade de nomes alternativos locais e internacionais, é um movimento contra o assédio sexual e a agressão sexual. O movimento começou a se espalhar viralmente em outubro de 2017 como uma hashtag nas mídias sociais, na tentativa de demonstrar a prevalência generalizada de agressão sexual e assédio, especialmente no local de trabalho.

³² Anonymous é um grupo não identificado, uma espécie de coletivo hacker que realizam atividades benéficas à liberdade e ataques considerados “criminosos”. Na web, são considerados o grupo hacktivista mais famoso do mundo iniciado em 2003.

³³ Hacktivista é uma fusão entre “hacker” e “ativista”. Quando as pessoas têm habilidades técnicas, acesso à Internet e entendem como a infraestrutura de rede e os servidores funcionam, pode ser útil colocar esse conhecimento para ter algum efeito no mundo.

também por muitos trabalhadores da arte.

Hoje, nos coletivos, algumas noções como engajamento e pertencimento parecem se redefinir, e o relacional se sobrepõe ao plano ideológico. Nesses grupos, as identidades são dissolvidas³⁴ e interessa mais a formação de comunidades, assim instaura-se a atuação em rede e a multiplicação de laços de solidariedade, talvez frouxos, porém eficazes.

Os coletivos que trago aqui não constituem propriamente uma forma de ativismo ou um movimento social ou artístico, embora possam eventualmente estar ligados a movimentos diversos que se caracterizam como ativistas. Esses coletivos têm como característica a impermanência, distanciando-se assim de formatos rígidos.

Interessa, nesta pesquisa, as ideias que circulam livremente, de forma transversal, capazes de achar brechas em sistemas hegemônicos e *hackeá-los*, não com códigos computacionais programados, mas a partir da produção da diferença nesse meio, como um ativador de corpos anestesiados. Dessa forma, construir outras linguagens, outras ferramentas, outros mundos, capaz de vibrar tocando as multiplicidades. Solidariedade.

³⁴ Dissolvidas de forma a não se importar tanto com o individual e construir algo a partir do grupo.



IMAGEM 36

2.1. Corpos que incorporam Corpos

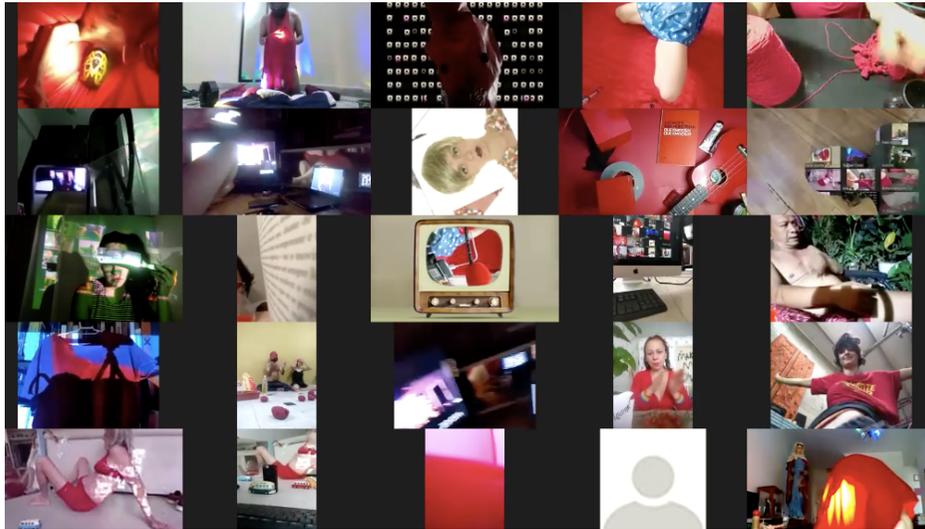


IMAGEM 37

Trago como referência principal, proximidade e aglutinação o grupo Corpos Informáticos³⁵, formado em 1992 com professores e estudantes em Artes Cênicas, Artes Visuais, audiovisual, grupo de pesquisa coordenado por Bia Medeiros, pesquisa arte contemporânea com ênfase em performance, composição urbana, vídeo arte, web arte, telepresença.

O grupo Corpos informáticos, dentre outras atividades, fazia performances em telepresença por softwares de videoconferência para investigar, segundo Bia Medeiros, a possibilidade de um “corpo nu-

³⁵ Disponível em: www.corpos.blogspot.com.br

mérico”, “possibilidade de sobrevivência de um corpo sensual, tornado imagem/movimento/som/vídeo, ou melhor, um corpo tornado “quase-presença” apenas pelo bombardeamento de raios luminosos, gerando sensação, sensível, quiçá, possibilidade de iteração efetiva, isto é, arte (MEDEIROS, 2009).



IMAGEM 38

Pioneiros na arte e tecnologia no Brasil, a produção do Corpos Informáticos, envolve corpos frente às tecnologias: enceradeiras, carros (kombis) obsoletos. Sua pesquisa visava o corpo como sujeito e objeto da obra de arte e das tecnologias de produção, de reprodução da imagem e da imagem movimento, e ainda as tecnologias comunicacionais.

Interessados na investigação do corpo humano constantemente re-dimensionado pelas novas tecnologias. Corpos Informáticos realizou exposições, site specific, intervenções urbanas, performances, video-arte, vídeo-performances e performances em telepresença.

Para Bia Medeiros, realizar intervenções urbanas exige grupo, para a criação de ocupações de fato é necessário agir coletivamente. Da mesma forma como em performances se trabalha com grupo, onde mentes e corpos se tornam concatenados e ações fluem.

O grupo tem trabalhos de arte em galerias, museus e espaços institucionais. No entanto, os participantes gostam de estar na rua, em locais públicos, em espaços da polícia, rodoviárias com a ideia de tirar o transeunte de seu cotidiano, a fim de redimensionar os espaços e os hábitos, do público.

Corpos Informáticos buscava inicialmente pensar que corpo restaria, sobre-viveria, resistiria, re-existiria, (in)surgiria frente às tecnologias. Considerando-se que a primeira técnica é a linguagem, Corpos Informáticos se propôs a questionar a linguagem envelhecida, domada, adocicada. Propondo conceitos como *pronóia*, normatizantes, iteração, Composição Urbana (CU), fuleragem. Corpos veio compondo com corpos, desafiando o conceito de arte e interrogando sobre o espaço atual para a arte³⁶.

³⁶ Muitos museus e galerias, higienizados, vendem propaganda e/ou publicidade: arte, dita, politicamente correta. A arte que se quer viva, performance, composição urbana, busca espaços periféricos, cerrados abandonados e ruas fedendo a mixo. Trata-se, também, de faz-



IMAGEM 39

Corpos Informáticos e Bia Medeiros são de extrema importância para o nascimento do ACOCORÉ, a relação e semelhança que temos com o grupo Corpos informáticos no nosso bando é indiscutível, trouxemos conceitos criados pelo corpos para nosso galinheiro como também inventamos os nossos, questionamos juntos o espaço para arte e a própria arte. Muitos que aqui estão eram corpos expandidos, fizeram parte do grupo em algum momento. Não somos o corpos informáticos, mas o corpos está em nós. Cada corpo desse bando traz con-

er ver esses lugares abandonados pelo poder público e pela gente analfabetizada, espaços para pessoas sem educação ou cultura.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/11808/>

sigo uma incorporação do corpos, vivências, lembranças, uma mesa de bar, fulleragem, um sorriso, um lago, um afago, uma brisa. Hoje estamos juntos e misturados corpos e galinhas, corpos galinhas, ACOCORÉ e Corpos Informáticos fazendo ironia, gargalhadas, brincadeiras, fulleragem, galinhagem e *ensayo*, todos juntos.

Hoje, Bia Medeiros é uma grande amiga, (des)orientadora e juntas fundamos o ACOCORÉ, participamos juntamente com todo o bando de artistas que já mencionei anteriormente, ensayamos juntos com o Corpos e o corpos com o ACOCORÉ, numa composição corporéticos somos todos corpos que querem a arte de viver acocoréticamente

2.2. Quando a coletividade ameaça o território do homem branco implodindo o cubo branco



IMAGEM 40

No ano de 2022 na Documenta de Kassel³⁷, uma das maiores e importantes exposições da arte contemporânea e da arte moderna internacional que ocorre a cada cinco anos na Alemanha, foi escolhido pela comissão de seleção da Documenta XV formada em 2018, por curadores e diretores de proeminentes instituições, pela primeira vez como diretoria artística um coletivo curatorial artístico formado por artistas ao invés de um curador profissional.

O compromisso do comitê de seleção³⁸ da Documenta foi ampliado pelo conselho supervisor para incluir a função de conselho consultivo da Documenta, responsável por nomear a direção artística e acompanhar o processo de projeto posterior. Composto por Frances Morris,

³⁷ Disponível em: <https://documenta-fifteen.de/>

³⁸ Disponível em: <https://documenta-fifteen.de/documenta-kommission/>

Amar Kanwar, Philippe Pirote, Elvira Dyangani Ose, Ute Meta Bauer, Jochen Volz, Charles Escher, Gabi Ngcobo, responsáveis pelo convite a curadoria artística coletiva, argumentando que numa altura em que o poder inovador emana sobretudo de organizações independentes e colaborativas, parece lógico oferecer a esta abordagem coletiva numa exposição como a Documenta.

Como convidados para curadoria artística, a décima quinta Documenta de Kassel trouxe o coletivo indonésio, ruangrupa³⁹ (Imagem 41) uma organização de arte contemporânea fundada em 2000 por um grupo de artistas em Jacarta. Como organização sem fins lucrativos, o ruangrupa atua no incentivo ao avanço das ideias artísticas no contexto urbano e em um amplo escopo da cultura por meio de exposições, festivais, laboratórios de arte, oficinas, pesquisas, publicação de livros, revistas e jornais online. Em seu desenvolvimento, o ruangrupa evoluiu para um coletivo de arte contemporânea e um ecossistema de estudo conjunto de duas organizações para fornecer um espaço público de aprendizagem que carrega os valores de igualdade, compartilhamento, solidariedade, amizade e união.

O coletivo ruangrupa veio com uma abordagem curatorial de modelo diferente e orientada para a comunidade de uso de recursos – economicamente, mas também em termos de ideias, conhecimento, programas e inovações. Para eles, era preciso não só repensar o que é prática artística e organização de eventos artísticos, mas também, o

39 Disponível em: <https://ruangrupa.id/>

que pode e deve ser feito. Tudo isso está relacionado aos problemas sociopolíticos enfrentados em seus respectivos contextos locais⁴⁰.



O que parece que esse coletivo curou foram os modos de pensar uma exposição, trazendo como proposta o Lubung⁴¹, que significa “celeiro de arroz”. Nas comunidades rurais da Indonésia, a colheita excedente é armazenada em celeiros de arroz comunitários e distribuída de acordo com critérios definidos em conjunto para o benefício da comunidade, com esse ar de coletividade e construção conjunta o ruangrupa foi construindo coletivamente, junto dos artistas e coletivos a Documenta XV.

40 Disponível em: <https://ruangrupa.id/2022/03/07/kolektif-seni-ruangrupa-akan-menjelajahi-proses-di-balik-penciptaan-pameran-seni-documenta-fifteen/>

41 Disponível em: <https://ruangrupa.id/2020/06/12/kisah-lubung/>

Uma curadoria artística em conjunto faz um convite a coletivos comunitários, organizações e instituições de todo o mundo para compor junto propondo a prática do lumbung. Essa Documenta habita trabalhos coletivos com propostas políticas, em que levam à tona questões que denunciam autoritarismo, violências históricas, censuras, colonização e exploram a horizontalidade, resistência, liberdade de existir e criar.

Alguns trabalhos são como um convite a coletividade, como o *Public Daycare*⁴² (Imagem 42), da artista brasileira Graziela Kunsch, no qual ela projetou um espaço com mobiliário para o acolhimento e desenvolvimento de bebês, onde tanto as crianças como os pais podem ter a experiência dos aprendizados. Graziela faz propostas que permitem que outros atuem não apenas como participantes, mas também como contribuintes de modo que a proposta original do seu trabalho seja modificada para incluir uma variedade de perspectivas e práticas.



IMAGEM 42

42 Disponível em: <https://naocaber.org/>

Outros trabalhos da Documenta XV são do Coletivo Nhà Sàn⁴³ (Imagem 43) que constrói o jardim junto com o público. O grupo começou a trabalhar como um coletivo de artistas independentes em Hanói, no ano de 2013. Desde então, tem trabalhado com companheiros e colaboradores para organizar exposições, oficinas, exibições de filmes, palestras e outras atividades como plataforma de apoio aos artistas da comunidade. Uma iniciativa de trocas, expansões e conexões. Um lugar que também está aberto para obras em andamento e para o inesperado, uma atitude *just-do-it* que nem sempre traz respostas.

O nome Nhà Sàn significa que a fundação do Coletivo está enraizada no espírito do Nhà Sàn Studio, no caso, um espaço dirigido por artistas fundado em 1998 em Hanói. A Nhà Sàn original, uma casa sobre palafitas que foi removida em 2020. Na área de Ngoc Thuy, às margens do Rio Vermelho, os artistas imaginam que essa casa se torne o espaço coletivo Nhà Sàn, reconstruído e transformado.

Na Documenta, o Coletivo Nhà Sàn traça uma conexão metafórica de um *bến vietnamita* (Kai) para o Fulda, rio em Kassel. Duas instalações performáticas encenam a chegada da instalação do playground, que transporta as experiências vividas pela comunidade além dos materiais arquitetônicos. O coletivo também convida os visitantes a criar um jardim com plantas migratórias. Apesar dessas plantas não terem entrada permitida no país (Alemanha), elas estão lá de alguma forma. As plantas podem remeter aos corpos de imigrantes, no sentido de

43 Disponível em: <https://nhasan.org/>

não ser permitida a permanência de estrangeiros no país, apesar da Alemanha ser um dos países mais abertos para imigrantes.



IMAGEM 43

Party Office⁴⁴ (Imagem 45) não é um coletivo, mas um espaço social e de arte anti-racista, de rejeição de castas, trans*feminista. Um ambiente onde iniciam diálogos sobre projetos de futuros enfáticos, de *carinho e de agência radical*. Mostra a investigação espacial-social *Queer Time: Kinships & Architectures*.

Fundadora do Party Office em 2020, Vidsha-Fadescha organiza espaços alternativos de educação e de arte desde 2011 com o intuito de investigar o movimento do corpo como arquivo de traumas multigeracionais, o corpo como lugar de desejo e as festas como espaço de

44 Disponível em: <https://www.instagram.com/partyofficehq/>

resiliência e parentesco auto-escolhido.

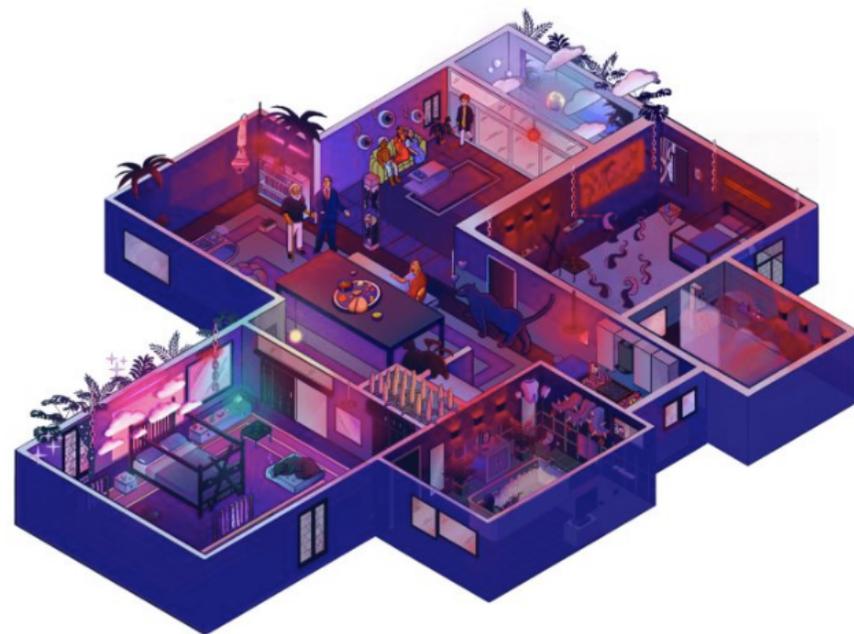


IMAGEM 44

Party Office deriva não só dos gabinetes dos partidos políticos⁴⁵ da Índia, mas também das brincadeiras com a instituição de um escritório, que exige um certo tipo de produtividade, de arquitetura, de generificação do espaço. Vidsha-Fadescha tenta trazer estranheza para esse tipo de instituição de escritório normatizado e convida para o Party Office pessoas com quem quer envelhecer. Nos últimos dois anos, recebeu muitas pessoas que deixaram suas casas e precisavam de um espaço onde se sentissem mais seguras do que suas casas. O que se trata aqui é *construir uma comunidade* com a qual você possa se sen-

45 Disponível em: <https://www.vervemagazine.in/arts-and-culture/the-position-of-party-office-is-that-of-queer-anarchism-a-conversation-with-artist-curator-vidsha-fadescha>

tir seguro, possa se alinhar e abraçar.

O projeto na Documenta XV, visa contrariar as definições neoliberais de tempo produtivo com o descanso, partindo de uma compreensão da festa como lugar de libertação, no qual a rave e a indulgência radical atuam como estratégias de resiliência. Para isso, a Party Office cria uma pista de dança canil, sala de leitura e áreas de descanso dentro da Documenta, lida com a coletividade.



IMAGEM 45

...percebemos o quanto é importante, atual e necessário discutirmos novas formas descentralizadas e não-partidárias de exercício político, de maneira que a ação coletiva encontre na dimensão da esfera pública a base criativa para uma atuação social. (MESQUITA, 2008, p.11)

O que a curadoria artística da edição XV fez foi promover para o público uma experiência coletiva do que pode a arte. Essa experiência traz à tona questões econômicas, sociais e políticas a serem debatidas. A curadoria introduziu dentro de uma das maiores exposições de arte, que é uma instituição, o questionamento sobre ela mesma.

Essa edição da Documenta se conectou com falas coletivas vindas do sul global, que a muito tempo foram silenciadas. Para Gregory Sholette (2022), a atitude do ruangrupa e todos os coletivos presentes na Documenta XV ao mundo da arte beira a indiferença, como se os artistas de Kassel nos dissessem: se você quiser explorar nossa variada atividade artística coletiva: maravilhoso; caso não, não se preocupe, porque continuaremos fazendo o que estamos fazendo independentemente do seu gosto.

O ruangrupa veio quebrando o cubo branco e expandin-

do saberes para além do homem branco, invertendo espaços existentes e trabalhando com outras identidades, o que para muitos soou como ameaça aos sistemas normativos.

A comissão dessa documenta teve problemas ao montar uma exposição coletiva e em coletivo, o que fez surgirem críticas, tais como: a Documenta deste ano não tinha arte, a proposta foi incompreensível, as obras traziam assuntos estranhos ao meio da arte. Tais considerações acarretaram em problemas além da curadoria, por exemplo: uma obra do coletivo artístico indonésio Taring Padi⁴⁶, o mural *People's justice* (Justiça do povo) foi criticado por representantes israelenses e alemães como antissemita, o que fez a obra ser coberta no terceiro dia de exposição. Possivelmente, algo saiu do controle em relação a essa obra, mas entendo que sair do controle faz parte do ser coletivo. O ruangrupa também podia já estar a par de uma possível retaliação. Fracasso? Alguns afirmam que sim, no entanto, o que o ruangrupa fez como curadoria da Documenta XV foi a arte de mostrar não só que é possível outras formas de mundo, como também que essas formas sempre estiveram presentes nele. O ruangrupa pensou essa curadoria como o *Chthuluceno*⁴⁷ de Donna Haraway (2019), descentralizando as perspectivas, repovoando os imaginários e multiplicando as falas para desafiar o que está se tornando a narrativa vigente. Eles hackearam o modo de mostrar arte, uma ameaça à alta cultura.

46 Disponível em: <https://www.taringpadi.com/?lang=en>

47 Nome proposto por Donna Haraway para falar das dinâmicas de forças e poderes que estão em curso no mundo, das quais as pessoas são parte e precisam ter um intenso compromisso para fazer crescer arranjos multiespécies.

Para além da Documenta XV, podemos trazer exemplos de outros coletivos e coletividades que vem trabalhando nesse contexto decolonial e descentralizador das normas.

No Brasil, além do Corpos Informático já citado, temos o Opavivará⁴⁸ (Imagem 46), um outro coletivo que trabalha com a dispersão da operacionalidade do mundo, trazendo outros olhares para lugares públicos: composição. Criado em 2005, no Rio de Janeiro, suas ações são em lugares públicos normalmente, como as ruas e galerias. As obras são dispositivos relacionais que proporcionam experiências coletivas, como uma cadeira de praia onde cabem três pessoas, uma canoa com rodas que pode carregar mais de duas pessoas, uma grande rede estendida pelo espaço da galeria, ou um carro que faz churrasco. As propostas são agregadoras de público, sempre pensando em coletivizar e estar junto: *iteração*.



IMAGEM 46

48 Disponível em: <http://opavivara.com.br/>

O coletivo quandonde⁴⁹ (Imagem 47) é uma plataforma intervenção urbana surgida em 2012, na cidade de Curitiba. Se constitui enquanto território de tensões e afetos que seus membros criam entre si e a cidade. O que os une é o desejo por des/re/construir o mundo a partir de uma perspectiva poética e colaborativa. Atuando na zona de tensão artes/cotidiano, eles se valem de procedimentos híbridos entre diferentes maneiras de estar e agir no/o mundo.



IMAGEM 47

Como outra forma de coletividade trago a Lastro⁵⁰. Iniciada em 2005, um projeto/rede/plataforma que promove ações em contextos latino-americanos, atuando nos campos da prática artística, curadoria, pesquisa, escrita, edição e educação. Baseada na colaboração, na autono-

49 Disponível em: <https://www.quandonde.com.br/>

50 Disponível em: <https://lastro.art/sobre>

mia e no pensamento crítico em arte. A plataforma promove ações em contextos latino-americanos com coordenação geral da curadora Beatriz Lemos.

A plataforma se dedica ao estudo curatorial e educacional com o foco no pensamento anticolonial, antirracista, antipatriarcal e anticapacitista em correlação com a arte contemporânea, por meio da elaboração de oficinas, seminários e, principalmente, a partir do Grupo de Estudos. Lastro existe enquanto estratégia para o coletivo, tomando a experiência como ferramenta de diálogo.



IMAGEM 48

Na Bolívia, o coletivo Mujeres Creando⁵¹ fundado em 1992, por Julieta Paredes, Mónica Mendoza e María Galindo, um grupo anarco-feminista que se tornou conhecido pelas suas intervenções artísticas em espaços públicos. Os seus grafites adornam as ruas de La Paz. A marca de origem está no confronto com o discurso neoliberal e também por uma forte crítica à “esquerda” boliviana que considerava a mulher como apoio logístico, como trabalho livre, como espólio sexual, como massa que opera as mobilizações, o grupo se destaca por sua luta feminista, que elas chamam de guerrilha não violenta.

Para Mujeres Creando o trabalho manual, o trabalho criativo e o trabalho intelectual andam de mãos dadas. Eles são iguais e três partes da mesma coisa. Fundaram cooperativas de trabalho, organizaram uma casa onde vendem seus produtos e montaram cômodos para o convívio cotidiano.



IMAGEM 49

51 Disponível em: <https://mujerescreando.org/category/acciones-publicas/>

Na Índia, HEXXYDUXXYBOX⁵² é um coletivo, uma montagem catalisadora para confrontos diretos, interações, colaborações, reuniões, são uma coletividade. Vivem na Índia e trabalham com ações sociopolíticas, arte urbana, performances online, na rua.

Para Satadru Sovan, articulador do HexxyDuxxyBox, eles fazem um trabalho de base para arte performática/arte comportamental. Abrem espaço para fazer workshop e festivais, algo fluído e auto-fundado que pode acontecer em diferentes locais da Índia. Satadru ainda deixa claro que em seu país uma performance ao ar livre não tem permissão legal, assim convive com o risco de repressões.



IMAGEM 50

Alguns coletivos citados já participaram como convidados do ACO-

52 Disponível em: <https://www.instagram.com/hexxyduxxybox/>

CORÉ, como o Opavivará (RJ), o Grupo Empreza⁵³(GO), Grupo Insu-
bordinado de Pesquisa ••• GRIPE ••⁵⁴ (RS), Quandonde (SC), MasKa-
rada⁵⁵ (DF) e HEXXYDUXYBOX (Índia).

Para o ACOCORÉ, como para todos esses coletivos, o ponto em co-
mum é o modo como esses coletivos se formam, a maneira de aco-
lhimento, o cuidado com os outros, a escuta do todo e a forma trans-
versal de se relacionar. Parece que para todos eles é essencial pensar
junto as formas de descentralizar perspectivas e desestabilizar hege-
monias.



53 Disponível em: <https://www.grupoempreza.com/>

54 Disponível em: <https://pesquisainsubordinada.wordpress.com/>

55 Disponível em: <https://magic.ly/maskaradacoletivo>

2.3. Sympoiese performativa ou transformance em coletivos de arte: transversalidade e hackeamento



IMAGEM 52

Estamos imersos em sistemas que nos impõem um tempo que não nos cabe, tempo de produção baseado em lucro, sejam em sistemas institucionais, sociais, culturais ou computacionais. Essas organizações carregam uma lógica capitalística, que contagia e se expande em dimensões invisíveis e inimagináveis não só moldando, como influenciando nossas subjetividades.

Naufragados em um mar de conexões, informações e desinformações, a maioria de nós assiste, passivamente, tudo o que é possível ver. Anestesiados passa tudo diante de nossos olhos, em dispositivos

tecnológicos que fazem parte do nosso dia a dia. Por outro lado, muitas pessoas utilizam esse meio para produzir diferença, para achar brechas ou mesmo criar fissuras no sistema.

Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes (HARAWAY, 2019. p. 42)

Como podemos criar uma energia coletiva e gerar forças contra o sistema colonial capitalístico? Como criar ferramentas para isso? Desenvolvo alguns possíveis caminhos para essas questões.

Para as ações do ACOCORÉ, que são *ensayos* coletivos realizados tanto no virtual como no presencial (desde 04 de setembro de 2021 no espaço OÁSIS, RJ, no SALÃO VERMELHO, 2022, RJ, no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, 2022, RJ, Museu da República (DF), 2022), tomamos emprestado o termo *simpoiese* de Donna Haraway e preferimos chamá-las *simpoiese performativas* ou *transformances*. Haraway (2015) nos traz a *simpoiese* como uma produção conjunta que está em constante fricção, onde a informação e o controle se distribuem entre os componentes que têm o potencial de mudar surpreendentemente, ou seja, onde se está constantemente em troca e colaboração entre todos, gerando ruídos no espaço que nos rodeia, sejam eles geridos por instituições ou por linguagem computacional, ambos carregados de uma linguagem binária e marcadas pela matriz colonial, que se busca romper.

Nós nos transformamos com o ACOCORÉ ao nos deparamos com o(s) diferente(s) e ao aceitarmos o que não vemos em nós mesmos, encontramos-nos com os outros. Esses encontros moldam relações que não se institucionalizam. Somos um constante perder-se e encontrar-se. Pensamos que não estamos apenas performando, estamos também transformando, estamos atravessando uns aos outros e, nesses outros, incluem humanos e não humanos. Então, fazemos *transformance*, um lugar onde tudo está em colaboração e afecção.

Na fronteira entre ativismo político e arte, seguimos criando relações, para além da família e do trabalho, construindo parentescos, um grande canil queer (HARAWAY 2021), para nós, um grande galinheiro-mundo, que se refere ao mundo de afinidades ou parentescos entre gentes solidárias e interespécies, em seus manifestos.

Na conexão de redes que nos moldam, construímos um imenso enredamento de afetos composto de humanos, máquinas, bichos, plantas, frutos e o que mais quiser se juntar a nós, já que estamos abertos para recebê-los.

ACOCORÉ se interessa em investigar possibilidades de iteração afetiva e efetiva, a fim de realizar composições urbanas como o *Corpos*, tanto nas ruas como na internet entendida, também, como espaço público - ou espaço dito público, já que ambos são espaços da polícia, espaços vigiados.

A composição urbana (C.U.) compõe, irrompe da terra como semente forte, levanta o húmus e se instala na respiração da urbis. [...] Composição urbana, nem intervenção, nem interferência. A composição urbana pode ser física ou virtual, isto é, se instalar no meio da cidade, transeuntes, ônibus e dióxido de carbono, monóxido de carbono [...]. A composição urbana pode se instalar na internet: iteração, criação coletiva, trânsito, vírus, hacker [...], telepresença. (AQUINO, AZAMBUJA E MEDEIROS, 2008, p. 1889)

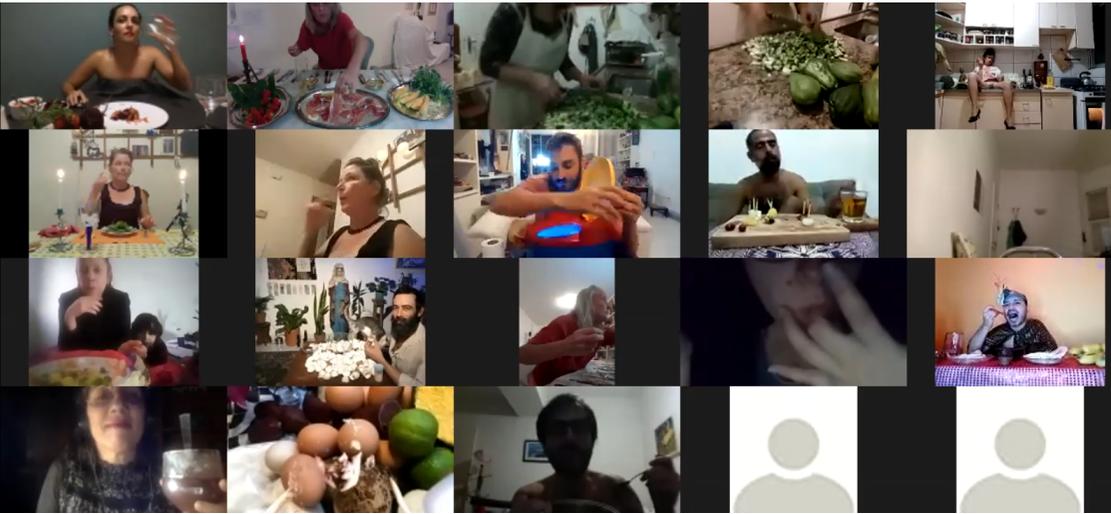


IMAGEM 53

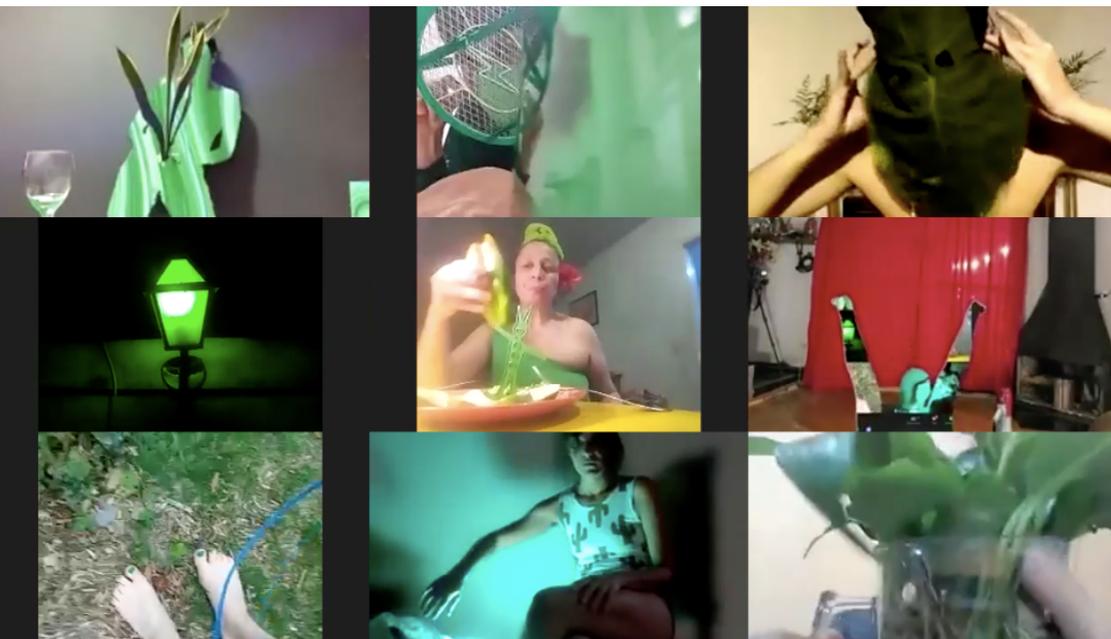


IMAGEM 54

ACOCORÉ procura espaços urbanos, sobretudo, dentro da internet para fazer Composição Urbana (C.U.) e se aproximar dos transeuntes/navegadores ao se apropriar desses lugares (aplicativos e softwares). Tiramos os navegadores da deriva mercadológica com *acocoramentos* e *cocoricós* mesmo que por instantes e sem programação alguma, somente improvisado, em processos de *simpoiese performativas* e/ou *transformances* intensas, dinâmicas, amodais.

Hackeamento

Nossa localização se perde a cada ação coletiva, pois não nos situamos nem dentro nem fora: estamos experimentando aleatoriamente o momento. É algo do acontecimento e da borda, do encontro. Algo que se desconstrói ao interrogar seu próprio ser (GUATTARI, 1981). Então, transformamos e vazamos, escorremos além da borda da casca do ovo, escorremos pela clara, pela gema, pelos gemidos. Questionamos o próprio software e/ou o aplicativo .

Os artistas do ACOCORÉ moram em localidades diferentes: outros bairros, outras cidades, outros estados e alguns países, mas estamos juntos. Esse “fazer junto”, mesmo distante, de certa forma nos torna um pouco invisíveis, incompreensíveis, imperceptíveis, assim vamos confundindo sistemas e gerando ruídos por onde passamos com nosso bando de *galinhas*. Estamos em todos os lugares ao mesmo tempo, confundindo e modificando, de alguma forma, em moleculares arranjos maquínicos. Segundo Deleuze e Guattari (1995), moleculares são fluxos fugidios, sem orientações, isto é, lisos, válvulas de escape, vazamentos, linhas de fuga e interconexões. Todos os acocoréticos possuem o login e senha da sala do ACOCORÉ. A cada semana, um *acocorético* é “host” do *ensayo*, assim, as publicidades e propagandas direcionadas a cada um de nós são sugeridas aos outros, mascarando nossos perfis, maquiando nossas personalidades, mesclando nossos interesses.

Segundo Daniel Hora (2015), “hackear” é produzir a diferença, por meio de uma ação que traz consequências sociais e biológicas. As formas artísticas que utilizam atitude “hacker” se expressam no desenvolvimento e uso intuitivo e anárquico de máquinas e programas. Alguns hackers utilizam algoritmos abertos, outros denunciam vigilância, realizam práticas colaborativas. Já nós, *cacarejamos* juntos frente às telas produzindo a diferença. Trata-se de uma multiplicidade de caminhos de interferência e atravessamentos de normatividades. Hora cita, também, que o mundo informacional suscita uma reprogramação do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, onde só a produção da diferença nos uniria ao destravar e dispersar a operacionalidade do mundo.

Estamos em constante negociação e na tradução aquilo que bota em dúvida os signos da cultura e aquilo que cria uma hibridização a partir das diferenças. Contestamos os códigos binários por meio de nossos corpos, corpos textos, desnudos, inúteis, vadios, viados, trans, sapatão, corpos *galinhas* selvagens, corpos eróticos. *Hibridizamo-nos* em corpos/máquinas e reinscrevemo-nos com baba, secreções, com línguas que ainda não se situam em nenhum espaço a não ser o da lambida como uma performance de língua e da língua.



IMAGEM 55



IMAGEM 57



IMAGEM 56



IMAGEM 58

Transversalidade

No nosso galinheiro, parece acontecer uma construção extracorpórea, uma *simpoiese performativa, transconexão* que cria um corpo coletivo em movimento, um galinheiro fluido e em constante criação, em ovulação a partir das trocas, das relações que se atravessam, dos afetos, do contato, das bicadas, das fricções. Criamos, assim, territórios de compartilhamentos afetivos, uma transversalidade que gera outros níveis de sensibilidade, um ativismo de código aberto e, nessa simpoiese, o imprevisto toma lugar de destaque. É no mínimo espaço-tempo - 40 minutos⁵⁶ ou o ACOCORÉ está sem limite?- que tudo acontece.

Nosso hackeamento é como um código aberto onde qualquer um pode propor e essa proposta é sempre aberta e se modifica a partir do outro: composição e iteração. Nossa liberdade é um dos fatores mais importantes, cada um do seu modo, mas livres e é isso que nos traz sempre de volta. ACOCORÉ é um emaranhado de partilha de afeto, parentes, simbiose, cultivo, questionamentos, produção e invenção de arte, a arte de viver e criar juntos por puro prazer; é uma construção orgânica onde cada um doa um pouco de si. Para Donna Haraway (2016), um devir-com, um fazer e tornar-se com um grupo heterogêneo de humanos e não humanos. Para nós, um devir-galinheiro, um agir em coletivo a partir das energias moventes, construindo poleiros

e abrindo espaços para as diversidades, um eterno aprender junto. ACOCORÉ é sobre a arte da presença mediada por computadores, mas, principalmente, sobre maneiras de gargalhar e viver juntos, em constante ações decoloniais.

Vamos marcando com patas, deixando rastros, cacarejando ritmos, correndo riscos. Sentimos, ao experimentar o coletivo, que estamos lidando com tensões, tesões, fricções, afrouxamentos, relaxamentos e derivas.

É nesse caos de penas ao ar e nessas conexões entre galinhas que estão os laços: alguns bem atados que parecem impossíveis de se desfazer e outros mais frouxos que qualquer esbarrão pode desatá-los. Existem espaços de tensões e para não fique tão tenso é necessário que um outro doe um pouco de si e, conseqüentemente, fique mais ou menos tensionado, um convoca o outro na sua impossibilidade de agir. É por meio do nosso estar junto, nessa troca de tensões e tesões, que afetamos todo um galinheiro que ressoa além da galinhada, como uma chamada para ação, esquenta todo o corpo, passando pela crista, cloaca e coração.

⁵⁶ Refere-se ao tempo de 40 minutos que o software de videoconferência ZOOM disponibiliza gratuitamente.





IMAGEM 60

2.4. Gerar ruído

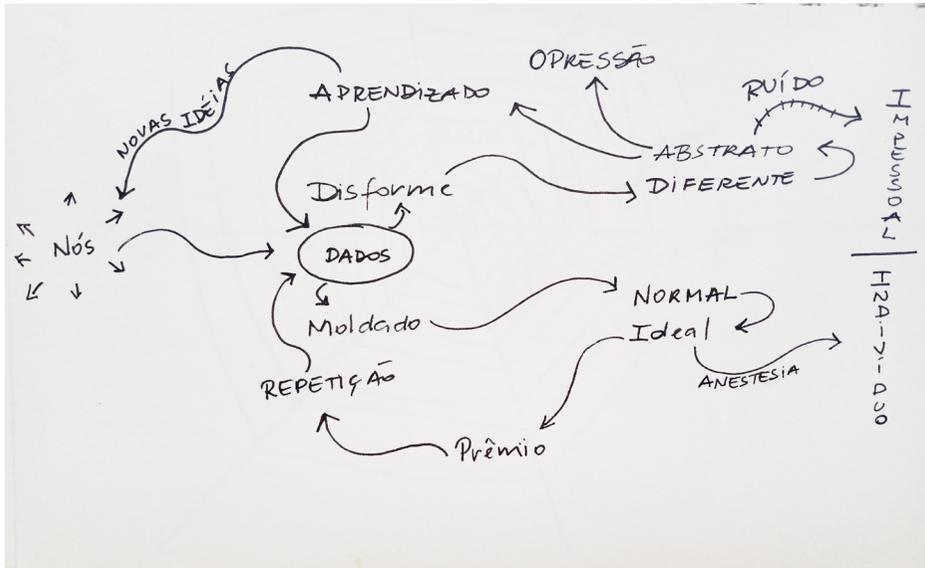


IMAGEM 61

OVO, olhar em volução⁵⁷ orgânica, é o nome de um ensayo que fazemos pelo Instagram, onde colocamos nossas câmeras viradas para a máquina que está mostrando a imagem de outra pessoa filmando a própria máquina (Imagem 15). O artista faz essa ação, em seguida, as telas se multiplicam com o mesmo movimento como que formando um túnel como os evidenciados nos fractais de Benoît Mandelbrot, como também sons que se repetem. Nessas performances, pessoas

57 Segundo Bia Medeiros, volução pode sugerir sinais nomadizantes para pensar a arte contemporânea, ou melhor, a fulleragem mixurca: não é evolução, nem devolução, nem involução. Na volução não há progresso nem novidades. Nada é novo, tudo volui, re-volui e é iteração. Há volução, processos em voluta, em espiral rodando sem objetivo, sem jamais atingir o centro (inexistente), sem jamais manter um só movimento.” Medeiros, M.B. Art Research Journal, V. 4, n. 1 | p. 33-47 Disponível em : <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/11808>

aparecem raramente. Tratam-se de imagens abstratas. Já que ACO-CORÉ é um termo que se assemelha ao som de galos (Cócoricocó) e que nossa logomarca é um galo, tomamos o ovo de galinha como elemento figurativo. Ao filmarmos a mesma imagem que a máquina nos mostra produzimos uma espiral infinita (Imagem 68).

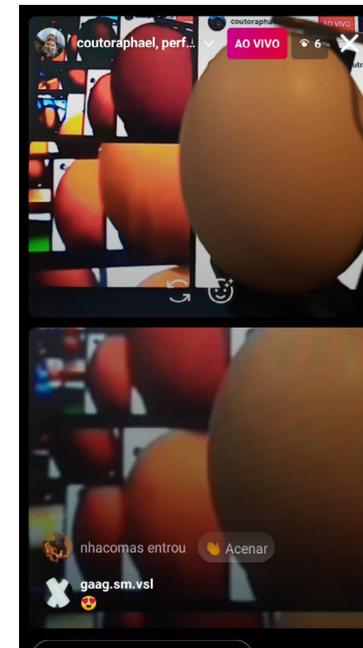


IMAGEM 62

Imersos num sistema dominado pelo capital, mas sem nos deixamos capturar. Usamos o OVO como espaço para produzir outros territórios a serem experimentados, estamos dispostos a nos perder, a errar e nos encontrar para novamente nos perder. Para isso, aceitamos a provocação do dispositivo e, ao mesmo tempo, o provocamos gerando ruídos. Nesse espaço-tempo de provocações, contagiaremos outros corpos que por ali passam, apropriamo-nos desse espaço, propagamo-nos para contágio.



IMAGEM 63

Composição do OVO/ovo

Um ovo consiste em aproximadamente 63% de albúmen, 27,5% de gema e 9,5% de casca⁵⁸. Os principais componentes são: água, proteínas, lipídeos, além dos carboidratos, minerais e vitaminas. Já o OVO consiste em aproximadamente 40% de participantes, 60% de dispositivos e 10% de aplicativos. Os principais componentes são: pessoas,

⁵⁸ Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22972/5/Composi%C3%A7%C3%A3oBromatol%C3%B3gicaOvos.pdf>

internet, celulares, computadores e *lives*. Túnel infinito, imagem que se forma pela repetição de si mesma, interferência na imagem com o ovo de galinha, o que dá origem a espirais que nos levam do presente ao passado num eterno retorno.

Fases do ovo

Quando era mais nova, nem pensava em ser galinha, minha mãe fazia de sobremesa gemada, gema do ovo batido repetidas vezes com açúcar. Passado um tempo, comecei a odiar ovo, cheiro de ovo, gosto de ovo, parei de comer ovo por mais de 30 anos. Um dia, mais velha, chego na casa da minha mãe e sinto um cheiro de omelete, o que me deu uma vontade imensa de comer, comi vários pedaços daquela omelete. Minha mãe simplesmente me olhou e disse que eu estava grávida. Dias depois, meu exame de gravidez deu positivo, daí por diante nunca mais parei de comer ovo, que é um dos alimentos mais práticos no dia a dia ainda mais para quem tem filhos.

Receita de gemada da minha mãe para experimentar.

INGREDIENTES

- 2 ovos
- 2 colheres de chá de açúcar

Modo de preparo: Em uma xícara bata somente as gemas com uma colher fazendo movimentos circulares até formar um creme claro. Junte o açúcar e bata mais vezes até ficar esbranquiçado e formar um creme liso.

Tempo e espaço do OVO

A galinha bota um ovo por dia em período de postura, que duram 15 dias, durante todo esse período ela pode colocar de dez a quinze ovos. Normalmente, vende-se a meia ou uma dúzia, nunca um só ovo. Vender um ovo seria pensar o ovo. Quando se individualiza-se expõe, específica, torna identificável. Assim, compramos coletivos de ovos.

OVO nunca é uno, sempre é coletivo, para acontecer são necessários mais de quatro corpos, que produzem intensidades diferentes, que fazem emergir o outro dando corpo ao OVO em (dis)formação. É um fractal numa despersonalização de cada uno. No momento OVO existe um coletivo de *despessoas*, o uno nunca é.

Usamos a internet como espaço de acontecimento para o OVO. O espaço não preexiste ao OVO, ele se constrói no processo. Nessa choca-deira de fibra óptica, juntamo-nos para reverberar OVO. Numa ação coletiva e totalmente orgânica, colocamos telas para brincar de roda e sons que se divertem até o grito estridente. O OVO não tem preço, não se vende, ele não cabe no espaço do mercado, mas o utiliza. OVO não se fecha em nada, sua essência é estar aberto para tudo e todos. Se todo homem, em qualquer lugar ou época, é ser rede e tem a necessidade de uma saída (PELBART, 2013, p. 263), o OVO está sempre se movimentando em redes conectadas, em uma teia inconscientemente na necessidade de saídas, linhas de fuga, distanciando-se daquilo que sufoca.

O OVO não tem tempo nem espaço certo, parece sempre estar adiantado e voltando no tempo. Ele racha a história assim como sua própria casca, como um túnel temporal em dessincronia com o tempo histórico, desse dentro-fora. Ele sobrepõe tempo e espaço, vários espaços, vários lugares que por si só seriam incompatíveis, a todo tempo são produzidas novas espacialidades. O território não é o natural, o habitual. Ele é desconhecido, mas constantemente explorado e experienciado pelos participantes que caminham sem medo do erro.

Por meio do OVO, encontramos formas de falar sobre o ACOCORÉ, com seu formato que não tem posição, não sendo nem horizontal e nem vertical, ele gira sobre uma superfície lisa, move-se sem direção. Ele não é totalmente dentro e nem totalmente fora. Ao traçar uma transversal imaginária nos situamos em sua casca, situamo-nos entre esse estado de vir a ser e esse tempo do acontecimento.

Por isto tratamos o CsO como o ovo pleno anterior à extensão do organismo e à organização dos órgãos, antes da formação dos estratos, o ovo intenso que se define por eixos e vetores, gradientes e limiares, tendências dinâmicas com mutação de energia, movimentos cinemáticos com deslocamento de grupos, migrações, tudo isto independentemente das formas acessórias, pois os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras. O órgão muda transpondo um limiar, mudando de gradiente. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 12)

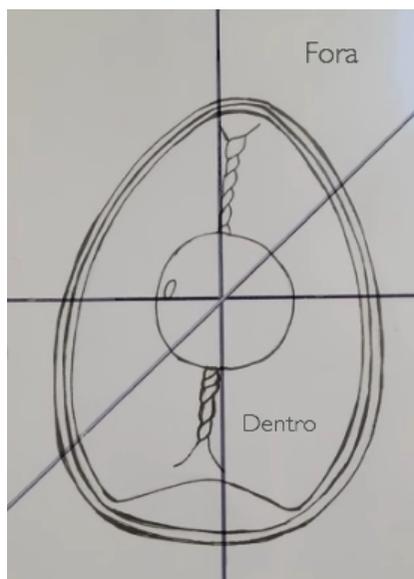


IMAGEM 64

Assim, sem querer ou talvez querendo, encontramos-nos com o ovo de Dogon de Deleuze e Guattari (1995). Isto é, o ovo entendido como Corpo sem órgãos (CsO).

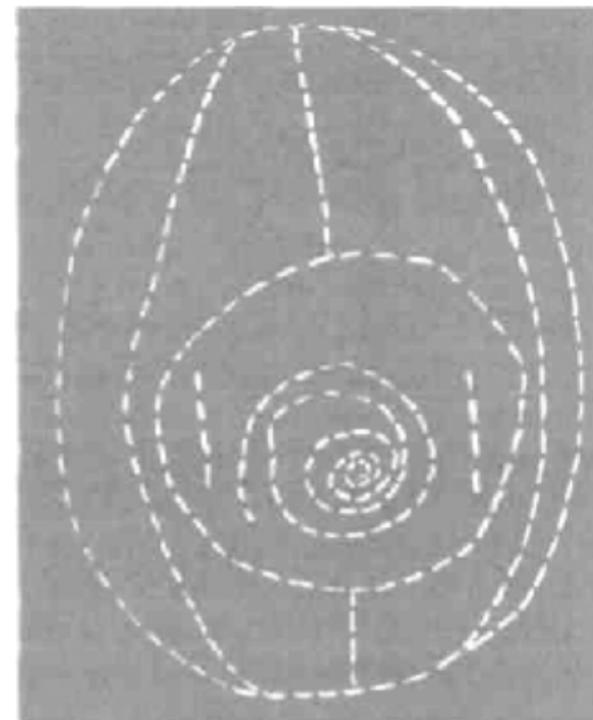


IMAGEM 65

Rachar a casca

Em outubro de 2014, uma grande amiga me presenteou com ingressos para o espetáculo *Café Muller* de Pina Bausch (Imagem 66). Lembro nitidamente de uma parte do espetáculo: uma bailarina anda, corre, cai entre cadeiras espalhadas no palco e outro bailarino a segue afastando as cadeiras para que ela possa fazer sua dança sem que se machuque. Essa foi uma das vezes que tive esse sentimento de não

saber expressar o que tinha visto, era uma mistura de incômodo com alegria, era como uma explosão interior, é algo que se dá no corpo, mas que só acontece no corpo em contato com algo, que contagia, que estremece, como um toque disforme, que atinge internamente a pele, como já dizia Paul Valéry (1988), o mais profundo é a pele.

No balé de Pina Bausch, os bailarinos repetem seus gestos, mas nunca fazem a mesma coisa. Fernandes (2007), afirma que um gesto que se repete por várias vezes passa de uma simples expressão espontânea a um movimento estético. Essa repetição faz com que os movimentos repetidos façam algo além de significar, ela muda, transforma, provoca sentimento e não sentido, nos bailarinos e em quem assiste. A repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda algo no corpo, algo no sentido de que não se consegue transmitir.

Assim como no espetáculo *Café Muller*, o *OVO* também se repete e, nessa repetição, ele produz algo que não se coloca em palavras. É algo que transforma, que acontece em momentos presentes, instantes de ovulação criativa, fertilidade temporária. É uma abertura para outro momento, outro modo de estar no mundo, abertura para o novo. Como muito bem definiu Jacques Rancière (2012), é algo que se visualiza, mas que não produz imagem e nem palavras.



IMAGEM 66

O ovo/*OVO* vem sempre com a sensação de um dentro já fora e um fora ainda dentro, uma certa confusão de sentido, uma fina camada que divide o mundo externo do interno prestes a rachar, e quando quebra se expõe, não se contém e vaza ou some numa repetição sem fim de dentro fora, fora dentro.

OVO não tem uma ordem, ovo se faz ali no ninho quente dos dados, ovo não tem regra, não tem vez e nem tempo, o *OVO* simplesmente acontece ele é colocado frente aos olhos de uma máquina para ser capturado e dele surgem uma mistura de imagens, vozes, risadas e experimentos, em uma multiplicação de signos ecoando até incomodar ouvidos e olhos. O *OVO* não tem sentido, não tem direção. O *OVO*

perturba, confunde, tira o eixo, não tem razão alguma é como uma embriaguez sem álcool, ou com.

O OVO pisca, o olho frita e a boca ovula escorrendo gritos à beira da margem como brincadeira de criança, ecoando numa eterna repetição de imagens/sons em versões cada vez menores, mais baixas até chegar ao som de ϕ ⁵⁹. Um fractal abrindo caminhos movediços, uma proporção áurea imagética e sonora que nada diz, violando o limite do espaço do significante, mas que se faz presente perturbando os sentidos.

OVO não está interessado na evolução, mas também não involui. Ele simplesmente se situa numa espiral de intensas repetições de sentidos, sem direção, como um eterno retorno que caminha para frente em um encontro com extensões passadas e presentes de si. Ele é o agora conjugado em todos os tempos aumentando a linha do seu próprio limite, ele está em volução.

OVO quando racha cria uma fratura, uma brecha para outro lugar, um outro modo de estar com o mundo. Espaço dos diferentes, do não familiar, do não dito, do estranhamento, da gagueira, do se permitir o outro, de estar OVO, devir-ovo.

⁵⁹ Os termos da sequência estabelecem entre si a chamada proporção (ou razão) áurea, muito usada na arte, por ser considerada agradável aos olhos. Seu valor é de 1,618... um número irracional, infinito, representado na matemática pela letra grega phi: ϕ . Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-a-sequencia-de-fibonacci/>. Mas também se trata do som que faz na live pela repetição do áudio, uma microfonia é gerada, assim fazendo um som que se assemelha a palavra pi

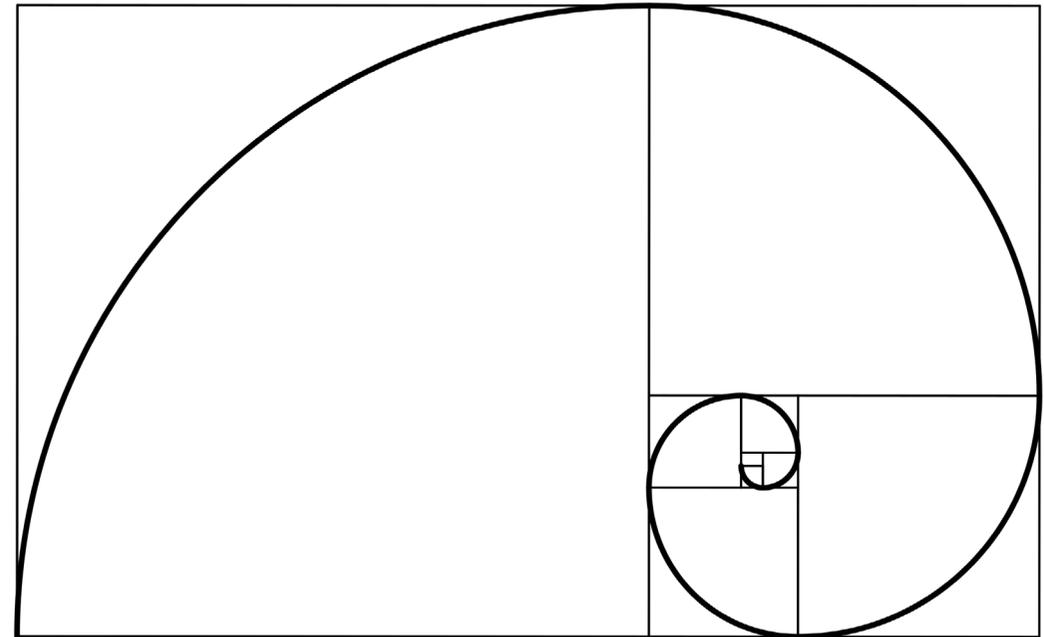


IMAGEM 67

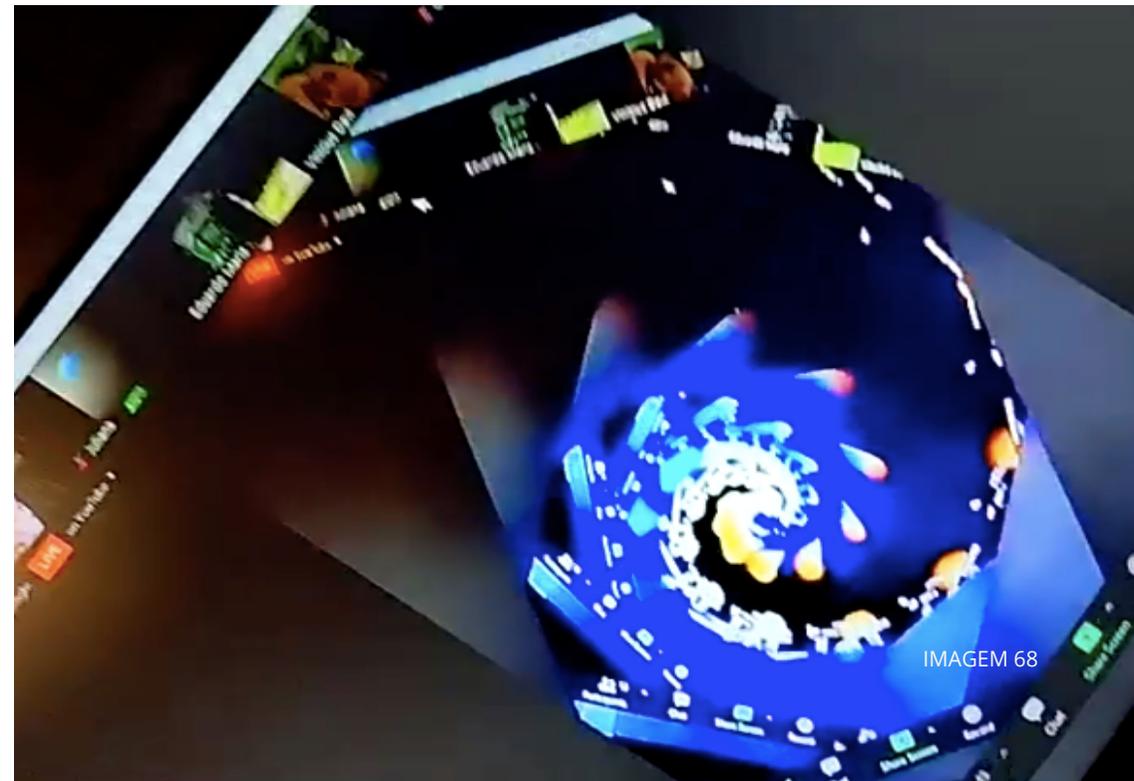


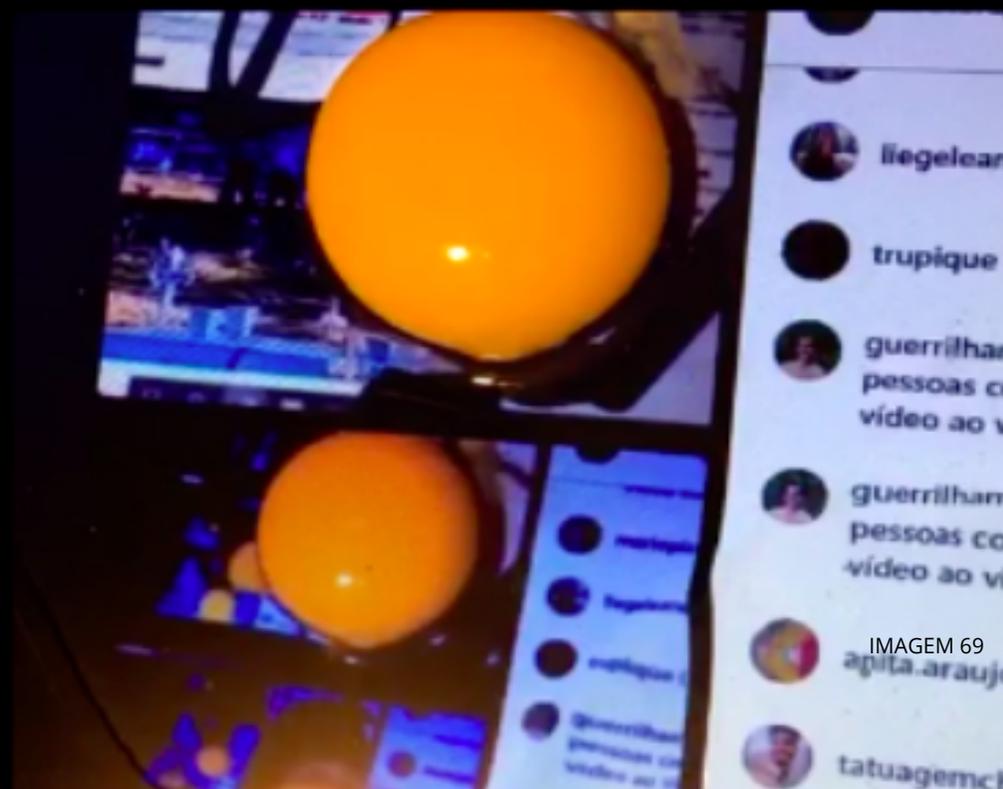
IMAGEM 68

Olhos do OVO

Olho da máquina que tudo vê, que tudo sabe, que tudo toma para si e codifica, guarda, molda. Olho interno de difícil visibilidade e compreensão, olho algoritmo, olho capitalístico. São câmeras de celulares e computadores que colocamos frente a frente (Imagem 63) para que o OVO aconteça diante dos olhos dos participantes e de quem assiste.

Nesse tête à tête maquínico, OVO por ser um ato coletivo, um processo colaborativo, coloca as próprias máquinas e seu funcionamento para performar, confundindo o olho que tudo vê, desnordeando o olho algoritmo fazendo com que se perca nem que seja por instantes, conseguimos criar um espaço que se opõe às demandas do mercado dentro do próprio espaço mercadológico.

O que se vê é subtraído das formas visíveis e dizíveis, nada é igual, tudo é experiência e mudança, mesmo que pareça uma eterna repetição. A relação com o que vemos nos escapa, constrói-se toda uma outra relação, outro espaço, outro tempo, outro outro.



Experimental (dis)formações

Erin Manning (2019), diz que a forma da experiência na construção é dinâmica e amodal – ativa no campo perceptivo onde a linguagem ainda não é. Diz ainda que é uma forma de vitalidade, uma aproximação pré-consciente em direção a um ato de devir que sintoniza com o ambiente relacional da experiência, tal forma de vitalidade ocorre no meio segundo, ou menos, de um evento que está para se manifestar.

No OVO, o mais importante é a experiência e o processo em construção. O valor está nas garatujas, porque são nesses rabiscos disformes que tudo se faz e se desfaz. É ali nesse espaço de tempo que tudo acontece, sem início e nem fim, o que importa é exatamente aquilo que não podemos dar um sentido. Não visualizamos uma forma, não queremos e nem o colocamos em palavras, é uma (dis)formação que necessita de presença e vivência.

O improviso é uma das principais características do OVO, pois sem origem, início, sem causa, sem finalidade, uma experimentação sem fundamento.

Simplesmente o OVO se sente. O OVO é um mundo, o mundo é um ovo.

2.5. Quando o OVO racha no caminho

Improviso⁶⁰ (im·pro·vi·so)

adj

Que se improvisou; que se realiza de maneira repentina e inesperada; imprevisto, repentino.

sm

1 Algo que é dito ou feito sem nenhuma preparação ou ensaio prévio: Falou seu improviso muito bem.

2 MÚS Qualquer tipo de modificação momentânea feita pelo intérprete numa composição musical, no momento de sua execução.

EXPRESSÕES

De improviso: a) sem preparação prévia: Discursou de improviso; b) de repente, de súbito, repentinamente: “De improviso, caiu a chuva” (RP).

ETIMOLOGIA *lat improvisus.*

Improvisar é pegar um ovo que rachou dentro da caixa, no caminho de casa e decidir fazer bife à milanesa para o almoço. Quem decidiu o cardápio do dia certamente foi o ovo, o repertório era meu, mas o ovo que tomou a iniciativa de se rachar para que de alguma forma eu pudesse improvisar na correria da vida.

⁶⁰ Retirado do dicionário Michaelis on line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/aKN1E/improviso/>



IMAGEM 70

O improviso aparece para nós como movimentos que já estão em andamento, reflexos do que já está acontecendo. Ecoam tempos e experiências que já existem em cada um de nós. O repertório de cada um é exposto e repetido diversas vezes como uma variação infinita. Em instantes o repertório repetido de um se transforma na diferença do outro e nessa relação com o todo temos o que chamamos de *ensayo*.

Observar e conhecer o outro é fundamental para que se improvise e o todo continue em movimento. Deleuze (1995, p. 55) aborda, por exemplo, a importância do devir-lobo que é a posição de massa e, primeiramente, a posição do próprio sujeito em relação à matilha, em relação à multiplicidade lobo: a maneira de ele aí entrar ou não, a distância que se mantém, a maneira que tem de se ligar ou não a multiplicidade. Dessa forma, Deleuze demonstra que os indivíduos estão dispersos e, ao mesmo tempo, conectados entre si, cada um em seu espaço.



IMAGEM 71

Podemos dizer, inspirados na matilha de Deleuze, que nos movemos como lobos, em alguns momentos estamos dispersos, mas sempre em movimento e conectados, alguns nas bordas outros no centro, mas sempre em movimentos, alguns gritando outros em silêncio, mas sempre nos movendo como uma multidão efervescente que vaza por ser aberta.

Questionamo-nos onde, realmente, encontramos a diferença, se estamos imersos no sistema capitalista onde quase tudo é capturado e transformado em produto operando em infinitas repetições, padronizando as coisas do mundo, tirando do sujeito qualquer possibilidade de movimento. No entanto, entendemos que no improviso essa repetição gera um momento onde surge a diferença, é o que fica no fundo, o que Deleuze (1992) chama de gérmen de um novo modo de existência. É o momento onde acontece a separação entre o que está sendo e a potência de ser outra coisa. É esse germe, esse fundo que sobressai e acontece a diferença e o *ensayo*. Quebra a casca!

Vemos o improviso como constante movimento e troca. A lateralização das relações têm grande importância e o ritmo em que se dá no decorrer do tempo. No improviso, lidamos com o acaso e o imprevisível está para acontecer. Improvisar é ficar na borda do que somos para que não sejamos constantemente capturados, essa dificuldade temos que lidar, não se vive constantemente em fuga, mas a nossa vontade é estar rio. Risadas. Fluir.

O grande ritornelo ergue-se à medida que nos afastamos de casa, mesmo que seja para ali voltar, uma vez que ninguém nos reconhece mais quando voltamos.
(DELEUZE E GUATTARI, 1992, p.246)

O improviso nos proporciona esse afastamento de casa e habitar um espaço livre e aberto, sem hierarquias, com movimentos, ritmos e ideias que surgem não mais da mente, mas, da urgência de um corpo, um corpo coletivo. Corpos que urgem, que uivam, que experimentam a improvisação sem teorizar, que não tem a intenção de achar um significado, que querem amplificações, multiplicidades, pois dessa forma o corpo aprende experimentando, com autonomia, autogestão, investindo na relação de doação, do interesse entre nós, na vizinhança.

Nosso modo de ser, de alguma forma pode vir a acionar um estranhamento para quem chega de fora, o público, não entende muito bem o que está acontecendo. Talvez a nossa intimidade e nosso jeito livre de ser bando crie uma tensão, um ruído para quem está assistindo e não agregue os novatos. Alô galera do youtube! Temos um público choco e que nos acompanha muito mais pelas redes sociais do que durante nossos *ensayos*. Seguimos alegres feito girafas risonhas.

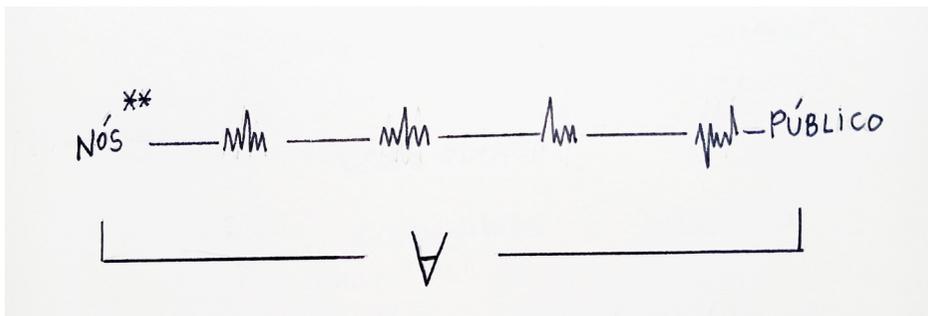


IMAGEM 72

** potência; ___ compreensão ; ▽ para todos; ㄣ Ruído

Nesse esquema, o público também pode vir a ser potência, o que dificilmente acontece. Quando ocorre, ele improvisa e se torna parte do todo. A maioria das pessoas que vieram participar dos nossos *ensayos*, que não eram do ACOCORÉ se tornaram ACOCORÉ. Agregamos.

Nosso improviso lida com o acaso, como disse Bia Medeiros e Mariana Brites (2014) no artigo *Dance: o lance do dado*⁶¹, movido pela dúvida e pela possibilidade do acaso foram (e ainda são!) criados, jogados e ritualizados vários jogos - por exemplo, dados, tarot e cartas - a fim de determinar o destino. Em *Corpos Informáticos*, dados multifacetados dançam, desfilam, desafiam o caso entre o aleatório e o aqui-agora. No entanto, o caso, acaso, o caso quer redimensionar os ditos, os chamados, os predestinados em alteridades. Trata-se de criar diferenças.

⁶¹ Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/249>

Assim como no *Corpos*, nós também incorporamos a aleatoriedade e voamos com o vento, borbulhamos feito água fervendo e respingamos nos mais próximos, que nos sentem, que nos olham e nos acolhem, colhem nossos movimentos e deles fazem outro, assim criamos diferença no próprio repertório.



IMAGEM 73

Assim, quando improvisamos as xoxotas podem virar nariz (Imagem 73). O uivar dos lobos, gemidos. O espirro, um gozo e o gozo, as gargalhadas.

Sem perceber no improviso se estabelecem estratégias de uma com-

posição em que o sentido é muito mais sentido na pele do que na significação. Ele é construído a partir do encontro, do nosso agir, dos afetos, independe de qualquer dimensão narrativa, escapam às codificações e às normatizações. Trata-se muito mais de experimentar as forças do momento do que representar formas, trata-se de experimentação entre e com os corpos,. Embolar-se. Galinhagem.

Improviso, para o grupo Corpos informáticos, é vida lançada no tempo, no vento, em fluxo: uma ideia, alguns papos mais ou menos furados e lançar-se à ação, um lance. Já, para Deleuze e Guattari, trata-se de sair do seu território, gerar ritornelos. Para nós, trata-se de tudo isso e mais, trata-se de olhar o outro, perceber o outro, acocorar ao lado, fazer parentesco, avizinhar-se.



IMAGEM 74



IMAGEM 75

Existem camadas relacionais e conexões, migrações, intensidades. Nossa arte compõe politicamente usando ironia, riso, prazer, erotismo e inutilidade. Gera ruído, se multiplica, instaura o conflito, chama para a ação. Inserida nesse fluxo colonial capitalístico, ela transborda, muitas vezes, escapando do binarismo e levando às relações outras de discursividade. Somos algo que se conjuga numa perspectiva comunitária-ética-estética ativista, um corpo sensível aberto para o mundo. Um ovo rachado e ao mesmo tempo fecundo.

Tecnologia e arte se atraem pela alteridade operacional. Ambas podem ser vistas como vírus. Enquanto a tecnologia quer extrair eficiência e utilidade daquilo que encontra, a arte quer dilatar sua aleatoriedade.

A contaminação mútua subentende o parasitismo, a condição hospedeira que habilita a disrupção suplementar do Outro por meio da instalação e ativação do invasor.

(HORA, 2015, p. 144)

Sabemos dos problemas que habitam esses espaços e unidos seguimos, o que nos torna potentes para resistir e gerar ruídos. Nesse emaranhado de nós tensionados, conectamo-nos com além do humano. Ao nos abriremos para o estranho há algo que transforma, interroga e “de-soberaniza” nosso próprio eu. Esse impulso colaborativo, essa construção conjunta permite criar outros espaços, outros galinheiros,

onde as coisas se multiplicam. Ao fazermos junto, tentamos criar ferramentas que talvez possam combater hegemonias, trilhar fronteiras, romper e regenerar em processos dinâmicos.

Sejamos *galinhas* selvagens para que possamos ressoar para além de nós todo o ruído que é produzido, toda a potência de estar junto que nos enche de força para, mais um dia e outro e outro, *hackear* sistemas.



IMAGEM 76

3. Resistência em coletivo: micropolíticas para construir ferramentas disruptivas

[...]o mundo da arte nua não pode deixar de nos transformar - suas forças sociais produtivas que são sempre tão invisíveis à vista de todos em seu inimigo mais poderoso, porque nossa oportunidade de resistência pode nunca ser tão clara quanto agora sob essas circunstâncias terríveis. (SHOLETTE, 2021)

Entende-se aqui como resistência algo que resiste ao sistema heteronormativo. É muito mais uma resistência de propor modos de vida fora da normatividade, do que algo que use a violência. Queremos falar de uma resistência que lida com o outro e com cuidado. Entende-se por micropolítica algo que é produzido em processos organizativos, mesmo que desorganizados, os quais se enredam nas tramas da própria normatividade para assim de dentro confrontá-la e encontrar brechas mesmo que mínimas.

A arte é subversiva enquanto pia, enquanto late⁶², mas quando tem que se encaixar no lattes, ou qualquer outro espaço que seja de encaixe, ela deixa de ser processo, ela se institucionaliza, segue as normas, entra na linha, vira produto e segue a lógica do mercado. As institui-

62 Frase de Bia Medeiros: “Arte lido como quem late”. Sugiro que experimente gritar a palavra arte em forma de latido.

ções internacionais de arte são os representantes culturais de uma ideia de mercado de um sistema global de sociedades (OSBORNE, 2016). Elas mediam as relações de troca com os artistas, através dos mais recentes discursos culturais da ‘globalização’, a fim de colocar a última versão do contemporâneo na vitrine. No entanto, aqui não queremos seguir essa lógica.

Hoje, a indústria cultural vem acolhendo esses modos de fazer arte subversivos e ativistas, transformando-os em arte institucionalizada, o que faz tudo mudar ou voltar para o mesmo lugar o qual nos opomos e queremos combater. Devemos nos atentar para esse momento e pensar maneiras de não se deixar capturar.

Dessa forma, propomos pensar juntos caminhos que possam construir ferramentas a partir de um ponto de vista micropolítico, ou seja, caminhos que passem por meio de fluxos de intensidades que podem ser extensivos ao conjunto do corpo social, e ao mesmo tempo possuam um caráter de imprevisibilidade, um lugar outro de onde não há outra opção além do improviso.

Um improviso coletivo como tentativa de desconstrução de poderes hegemônicos vindos das instituições, como também nas ideias utópicas de consumo que vem moldando as subjetividades pelas estratégias de marketing e vigilância na internet. Improvisar com um bando de galinhas cacarejando e soltando penas em plena abertura da exposição, expondo partes de seus corpos frente a um público estático de

nariz contorcido que mais parecem que viram uma barata. Ora, então que sejamos a barata e que possamos tocar esse público como a barata de Clarice tocou G.H.⁶³.

Resistir e subverter é sempre uma repetição, mas nunca acontece da mesma forma. Na resistência a repetição é uma forma de combater o que estruturalmente se repete. Para Sholette (2021), quaisquer que sejam as lições sobre o retorno da resistência artística que possamos tirar dessa história aponta, primeiro, para a importância de permanecer pelo menos um passo à frente da instituição, do mercado e das forças de captura. Ele também destaca a necessidade de ter sempre de perto uma visão mais ampla de oposição que ultrapassa o mundo da arte. É da própria natureza da resistência essa repetição, que sempre terá que resistir de novo, e depois de novo, e ainda de novo. É sobre essa repetição que traz a diferença que queremos falar, pois ela nos possibilita construir ferramentas para resistir e subverter sistemas.

É de dentro do circuito que se deve fazer essa desconstrução, não só das instituições, mas também das normas, da língua, dos gestos, para assim construir outros significados, outros públicos e transformar quem sabe o circuito em uma espiral da arte para repensar valores, estruturas, hierarquias, fazer todo um trabalho estético-discursivo voltado para descentralizar poderes.

⁶³ Clarice Lispector em seu livro *A paixão segundo G.H.*, conta a história de uma mulher que se depara com uma barata e com nojo a esmaga na porta do armário, entre nojo, asco e degustação, o inseto tira G.H. de seu mundo cotidiano e a lança para a borda do humano

3.1. Voca(bulário) para uma decomposição da linguagem



IMAGEM 77

Surge-nos a necessidade de interrogar a história e o sistema deste valor de "propriedade". Tarefa imensa que supõe a elaboração de toda uma estratégia da desconstrução e de todo um protocolo de leitura. (DERRIDA, 1991, p.287)

Assim como em Derrida, o nosso galinheiro propõe a desconstrução como um gesto antiestruturalista, trazendo a ideia de uma dissolução de todas as rígidas oposições conceituais, levando a uma possibilidade de abertura para a criação e abertura para o outro. Fluidez como a

clara de um ovo.

Com o passar do tempo, nosso galinheiro foi criando palavras, *caca-rejando* gestos e dando outro sentido a elas. Entortamos conceitos, retorçemos palavras para tentar dizer algo que ainda não sabemos como dizer, da mesma forma que Donna Haraway fabula⁶⁴, do mesmo modo que o grupo Corpos propõem outras palavras.

Nós criamos um glossário e demos a isso o nome de voca(bulário), a fim de contrariar a ideia de uma bula de remédios, que contém as informações da composição e de como usá-lo, nós propomos o contrário da ordenação: uma decomposição da palavra ou do sentido da palavra e o livre uso dela.

Para o nosso bando, a linguagem dominante está em estado de decomposição, ela já está se desfazendo. Nós a estamos decompondo, criando uma forma produtiva de conceituar a diferença entre as culturas, estragando as polaridades familiares. Estamos em busca da subversão pela decomposição para pensar as coisas na multiplicidade.

Propomos uma decomposição da linguagem, na qual o significado de cada palavra se transforma a partir do coletivo. Em outras palavras, estamos criando um dialeto, um carcarejar próprio que não só de-soberanize e interrogue a nossa própria língua, como também as

⁶⁴ Donna Haraway se utiliza de fabulações especulativas para desenvolver suas ideias e escritas. A autora diz que os fatos científicos e as fabulações especulativas dependem uns dos outros, e ambos dependem do feminismo especulativo.

normas e os costumes.. Assim, esforçamo-nos na direção da desconstrução de narrativas dominantes a fim de construir territórios de compartilhamento afetivo numa performance da língua desregrada.

Glossário/ Voca(bulário): Palavras em decomposição

Acocorar - Participar do ACOCORÉ ensayando. Ações como *ensayo* online, *ensayo* híbrido, *ensayo* presencial.

Acocorética - Refere-se a ética do coletivo ACOCORÉ.

Acocoxé - Termo usado para desejar boas energias.

Bermuda – Termo criado para desviar de um assunto. Nada com nada. Nunca se sabe. Pode ser Rosa.

Cabeção - Grupo teórico das segundas onde lemos textos online, alguém propõe uma leitura e nos reunimos para debater.

Claudia – Termo referente a nuvem, espaço para armazenamento de dados e capacidade de computação, sem o gerenciamento ativo direto do utilizador. Colocar um vídeo para gravar na Claudia.

Curativo – Proposto por Juliana Cerqueira como maneira de pensar o nosso coletivo. O que somos? grupo, coletivo, bando, Curativo artístico? Curativo como forma de amenizar ansiedades, angústias.

Cuteco – Termos Proposto por Cristine Carvalho usado para beber uma cervejinha depois de encontrar on-line, reunião festiva.

Cutorial – Produzir vídeo para falar de algum assunto, como um tutorial acocorético para o instagram.

Dasein de Heineken – Tomamos como ponto de partida Dasein de Heidegger⁶⁵ que se refere sempre à relação com o próprio ser, cujas características são chamadas de existenciais. O Dasein de Heidegger é descrito em sua cotidianidade como ser-no-mundo que existe já sempre se projetando em possibilidades de ser, as quais são constituintes do seu próprio ser e construímos Dasein de Heineken que une as pessoas em volta da mesa para bater um papo, cuja as características são chamadas de coletividade.

Depenada – quando alguém esta em desespero.

Desbula – Termo cunhado por Raphael Couto para designar que o ACOCORÉ não tem ensaio, não tem regras, não tem linha de comando, não é vertical nem horizontal, funciona na base do afeto e na transversal.

Ensayo - Ensayo é uma palavra proposta pelo coletivo Acocoré para substituir a palavra “performance”. Esta colocação foi resultado de

65 Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242014000100008&script=sci_abstract&tlng=pt

uma longa “polenta” sobre a performance [A] La fleur de la peau[[A] A Flor da Pele] do Artista Paulo Nazareth, que aconteceu na abertura da 340 Bienal de São Paulo, na performance, que foi transmitida on-line, pessoas não brancas perfuram um saco de farinha de trigo e reorganizam o pó branco na forma de círculos pela varredura. Para nós, do ACOCORÉ a performance revelou-se como algo teatral, uma representação, algo ensaiado. E nesse debate quente e frito de “polentas”, decidimos que o ACOCORÉ não faz performance e também não faz fuleragem como os corpos informáticos. ACOCORÉ é espontaneidade sem medida, somos o calor do momento, somos tesão. É tudo improvisto, tudo é mudança inclusive a repetição, transformamos ecos em música e sempre acabamos em festa. *Ensayamos*.

Galinhagem - Termo usado para assanhamentos.

Garatuja- Termo proposto por Alla Soub para pensar outros modos de ensaio como rabiscos, experimentos e aprendizados, nada é desenhado, nada é modulado tudo é garatuja.

Kaféllen – Proposo por Arthur Scovino como forma de oferecer café para o grupo. Algumas vezes falamos tudo com o sufixo (ellen).

OVO - Olho em volução orgânica.

Ovular - Devir-ovo, vir a ser algo.

PIDIEFI – Proposto por Carla RochaArquivo em PDF enviado para o grupo.

Polenta – Proposto por Bia medeiros, usado para falar de alguma po-
lêmica que vale levar para debate.

Thuco-tchucu - Nossos bichos de estimação, plantas, filhos.

Rachahappenning – São lives surpresas feitas sem hora, sem aviso no
instagram por qualquer um do grupo que esteja num momento de
ócio, calor ou tesão. Uma tentativa de pensar o happening online.

Ressaca -Rrefere-se ao que vem depois da festa. Um estado de fracas-
so, mas com possibilidade de mudança.

Transformance - Termo propostopor Juliana Cerqueira para dizer que
não performamos, transformamo-nos s a cada ação.

Para Arthur Scovino⁶⁶, artista do nosso bando, acocoramos antes que
fosse verbo, quando tudo era mato no convite afetuoso e desejo de

⁶⁶ Arthur Scovino, é artista e membro do ACOCORÉ, Nascido na região metro-
politana do Rio de Janeiro, RJ, mudou-se para Salvador, BA, em 2008 para estudar
na Escola de Belas Artes da UFBA. Desde então, desenvolve suas pesquisas artísti-
cas em torno do ambiente, da cultura e das relações afetivas e sociais na Bahia,
sobretudo em Salvador. Trabalha com performance, instalação, fotografia, vídeo
e desenho. Investiga estética e pensamento artísticos contemporâneos através de
ações performáticas e relacionais. Atualmente investiga símbolos do imaginário reli-
gioso e da miscigenação brasileira. Disponível em: <https://arthurscovino.wordpress.com/>

falarmos a mesma língua. Algo que se inicia na performance. ACO-
CORÉ deuso Galo que abre caminhos na cara da loucura. Não, não é
reprodução da matrix decadente, aqui o galo pode ser girafa, galinha,
pode ser o que quiser. Somos um grupo que podemos ser o que qui-
sermos. A crise era da presença, mas falávamos em telepresença há
anos antes com Corpos Informáticos. *Hibridêmos com caffellen vir-
tuellen/presenciellen*. ACOCORÉ é resistir com humor trepando nas lin-
guagens com mais amor.



IMAGEM 78



IMAGEM 79:

3.2. COLORFUL SUNDAY: Uma exposição no mercado online ou um manifesto ACOCORÉ



IMAGEM: 80

Em 2021, o nosso bando decidiu fazer uma exposição coletiva no mercado online, especificamente no OLX⁶⁷. Nossa ideia era montar uma

⁶⁷ OLX é uma empresa global de comércio eletrônico, sediada em Amsterdam, Países Baixos. Presente em 45 países, publicando anúncios classificados na Internet. Foi fundada em março de 2006 pelos empresários Fabrice Grinda e Alejandro Oxenford.

exposição que pudesse questionar desde o lugar do artista até o mercado de arte, museus, instituições e galerias.

Assim, criamos COLORFUL SUNDAY⁶⁸, uma mostra de trabalhos artísticos que teve a curadoria de Kellen ACOCORÉ. A exposição contou com mais de 20 obras de diferentes linguagens, buscava o conhecimento das conexões existenciais no inconsciente coletivo, trazendo-os para outro plano e tempo. O aqui e agora, o tempo do mercado, o tempo em que estamos imersos, perdidos, boiando, sendo levados pelo vento de dados jogados num cassino virtual, um jogo da vida conectada. Seguimos na lida.

Para abrigar a exposição foi vislumbrado um espaço fora do convencional para que se pudesse sustentar todas as características de COLORFUL SUNDAY e trazer à tona o que queremos falar. O lugar escolhido foi onde hoje a vida e a arte se entrelaçam, confundem-se, fundem-se e se fodem, em um site de mercado pago na internet.

As obras para a exposição foram desde um projeto para medir acontecimentos, um buraco na calça até um ovo cabeludo. Trazendo a ideia de vazamento, transbordamento dos limites do domínio da internet, utilizamo-nos desse meio monopolizado e dominado pelo capital para questionar o mercado, o mercado da arte, o lugar da arte, do próprio artista e das vidas em jogo.

⁶⁸ Colorful Sunday é uma ironia que fizemos ao Black Friday. O dia que inaugura a temporada de compras natalinas com significativas promoções em muitas lojas

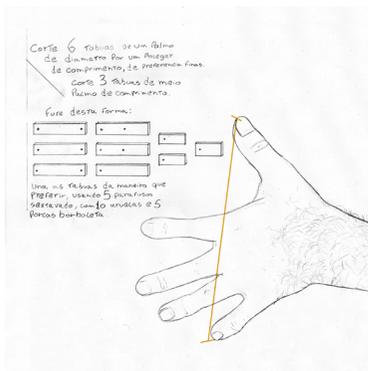


IMAGEM 81 E 82

Nem tudo que foi escolhido para compor a exposição, pôde entrar no espaço expositivo. Foram várias tentativas, caídas e bloqueios. Persistimos, pois no processo entendemos que existe uma linha tênue entre aceitar as regras e lidar com as regras. Nós optamos por jogar o jogo e no jogo da vida optamos por entrar no fluxo e construir de dentro as relações. Tensões. Estamos experimentando o mercado e dele fazendo uma brincadeira para nos movermos criando contra-fluxos nos processos mercadológicos. Quem sabe até fazer uma marola, quem sabe remexer ou mexer com algum usuário dessas águas que por ali passam, pois quem sabe eles não entram na nossa onda de galinhas? Quem sabe mesmo quando eles estão nos criticando conseguimos tirar eles por instantes da lógica do mercado? Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras (DELEUZE, 1992). Quem sabe assim, quase que sem querer, mas querendo, fazemos um tensionamento na estrutura, transportamos uma linha de força, ultrapassando o poder regente, fazendo com que ela mesma se

afete por meio da brincadeira, da galinhagem . Brecha, fissura ou uma pequena revolta de quem encontra pelo site a venda de obras de arte de um bando de galinhas ociosas.

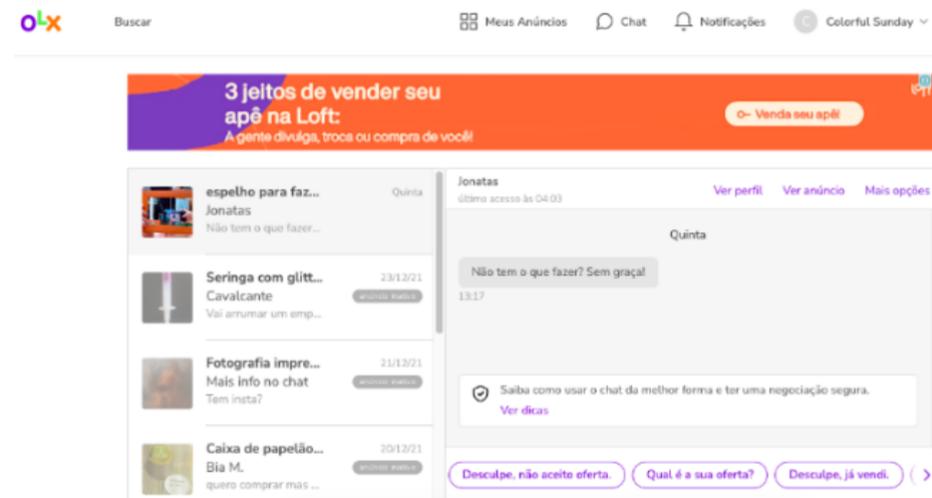


IMAGEM 83

O processo de montagem foi um trabalho de libertação e desposseção, optamos por não dar nome a cada artista, um trabalho difícil, talvez incômodo para alguns, mas fizemos em conjunto, foi um todo junto. Então trabalhamos nos fluxos do convívio, da conversa, da escuta, da vida, na troca, nas bicadas, nas diferenças, entendemos que somos mais potentes cuidadosamente juntos. A Mostra Colorful foi criada a partir da *pronóia*, em constante construção e experimentação, não projetamos um futuro, experienciamos entre tempos o agora da vida.

Para Gregory Sholette (2002), o mundo da arte pode ser definido como uma economia transnacional integrada às casas de leilão, comercian-

tes, colecionadores, bienais internacionais e publicações comerciais que, junto de curadores, artistas e críticos, reproduzem o mercado, assim como o discurso que influencia a apreciação e a demanda de obras de arte altamente valiosas.

Kellen é certamente uma curadora dos dias de hoje, onde o ato de comprar é prioridade e interesses culturais podem apresentam-se como consumo vinculado a curadoria, época em que museus e feiras de artes estão gozando e brindando por serem penetrados pela indústria cultural, enquanto muitos artistas que lá se encontram trabalham para pagar uma conta. Tempos de invisibilidade, de esquecimento, de obsolescência, de pura crueldade, de violência e de brutalismo. Kellen é um Algoritmo que classifica e ordena onde os trabalhos devem estar a partir de um ranking de vendas, pois toda pessoa que compila é um curador (FOSTER, 2021)

Em tempo de pensar em coletivo, *COLORFUL SUNDAY* experimentou brincar com os carrinhos de compras virtuais, correndo entre prateleiras de cliques e gritando ACOCOCORÉ pelos cabos de fibra óptica: Coletivemo-nos! Criativemo-nos! Galinhemo-nos!

3.3. MAPEAr : Transitar, acionar gestos mínimos e (des)construir com o mapa

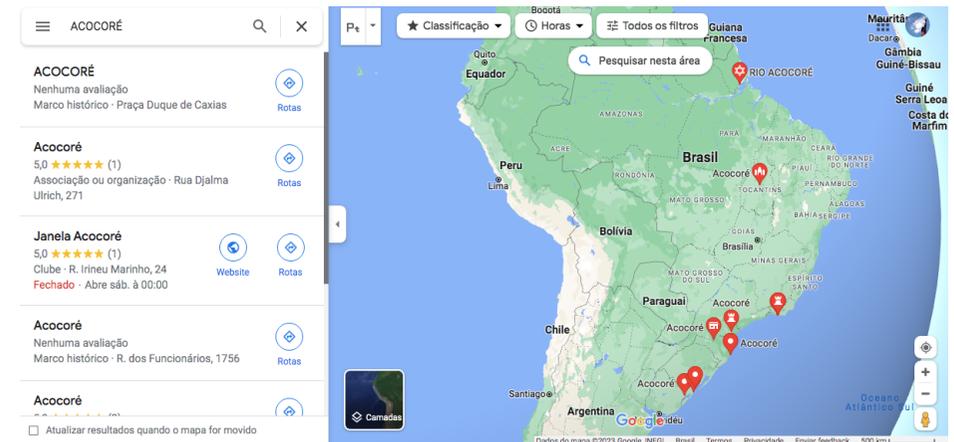


IMAGEM 84

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. (DELEUZE e GUATTARI, 2011 p.30)

Encontrar formas de não ser visto, de passar despercebido pela cidade, nos dias de hoje, parece ser uma tarefa difícil, somos facilmente localizáveis com a tecnologia de Sistema de Posicionamento Global

(GPS) que permite um rastreamento criando um histórico de localização e mapeando os lugares em que estivemos. O indivíduo que é rastreado a partir de um ponto vermelho é precisamente situado e controlável no tempo, como observou Brian Holmes (2004), tornando-o previsível em sua rotina.

Somos constantemente vigiados, mapeados, pontuados e calculados a partir de nossos dispositivos tecnológicos. Segundo Fernanda Bruno (2013), as dinâmicas de vigilância na internet, hoje, estão inteiramente atreladas às formas de participação dos usuários e aos embates que lhe correspondem. Nossa participação funciona como um motor, uma participação que vem sendo capturada e capitalizada a todo instante.

No entanto, MAPeAR⁶⁹, projeto do nosso bando ACOCORÉ, parece ter criado uma forma de não ser visto, de se camuflar, de passar despercebido e de desconstruir formas de capturas com o mapa mesmo sem essas intenções. Encontramos uma maneira de transitar, de vagar pela cidade e compor com ela lugares imaginários e efêmeros.

Enclausurados em nossas casas, sem poder ativar ações em espaços urbanos, devido a pandemia, surgiu uma questão, dentre tantas outras, que foi lançada para o coletivo. Se estamos imersos na internet e fazendo arte a partir dela como nossos encontros para *ensayos* coletivos, então, onde e como podemos encontrar a rua da internet? Quais possíveis lugares/sites/aplicativos podemos usar da mesma forma que

69 Disponível em: <https://acocore.wixsite.com/acocore> Acesso em: 11/02/2022

usamos a rua para nossas ações? Onde ficam as rodoviárias, os bares, as esquinas, os muros da internet? Como podemos afetar o público longe da rua?

Muitas ideias surgiram, mas a proposta que desenvolvo foi feita por Cassia Nunes⁷⁰, artista do coletivo que propôs que fizéssemos algo no Google Maps. Então pensamos juntas e começamos o projeto MAPeAR, no qual colamos *stickers* do ACOCORÉ na rua, como também tiramos fotos dos nossos corpos em ação pela cidade. A ideia é, colar ou acionar o corpo numa experimentação pelo caminho, fotografar esse experimento feito em local urbano e adicioná-la ao Google Maps como um local ACOCORÉ.

Encontramos nossas ruas, nossos quintais, nossos galinheiros no Google Maps. Saimos de casa, transitamos com nossos corpos que carregavam penas, milho, máscara e álcool em gel. Por segundos, agimos, nos fotografamos e levamos essas ações como imagens localizando-as no mapa (Imagem 85,86 e 87).

Ao traçarmos uma transversal com a rua passando para o virtual (google maps), em período pandêmico, nós habitamos, forçamos e

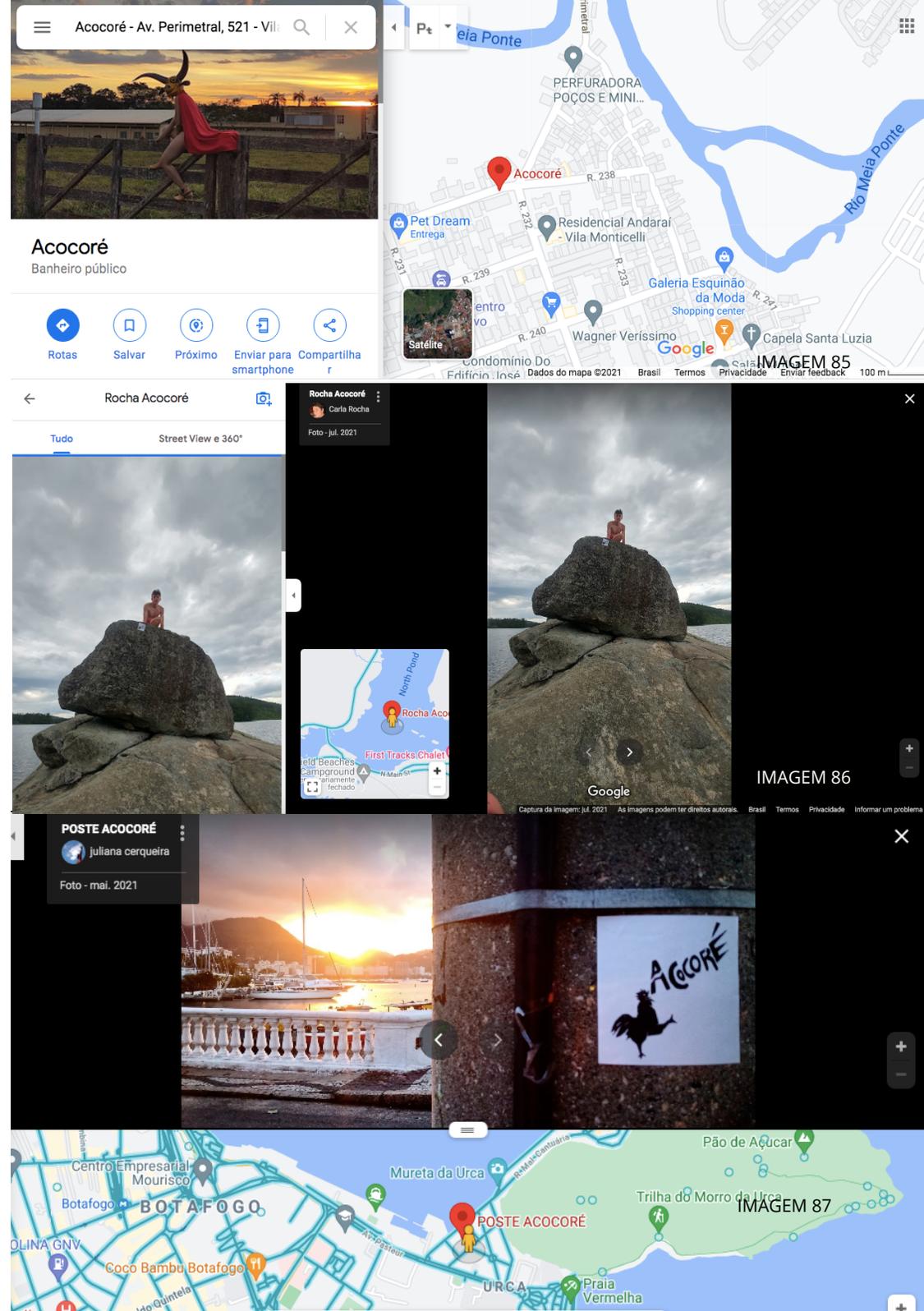
70 Cássia Nunes, acocorética, artista e educadora. Nasceu na cidade de Uberaba-MG em 1984. Vive e trabalha em Goiânia-GO. Participa da idealização e produção do ROÇADEIRA – Encontros Performáticos em Lugares Improváveis, da articulação do Sind-Lauper – Sindicato das Loucas Artistas Unidas da Performance e do Acocoré - Arte, Coletivos, Conexões e Redes. Integrou encontros e festivais de dança e performance, residências artísticas e exposições coletivas. Graduada em Ciências Sociais pela UFU e Mestra em Artes da Cena pela UFRJ. Professora da rede estadual de Goiás com atuação em projetos educativos desenvolvidos em museus e instituições de artes visuais.

quebramos os limites dos pensamentos que nos são impostos pelo sistema capitalista, nos botamos no fluxo da experiência estética de nós mesmos. Nós nos demos a oportunidade de experimentar outros modos de existência. Existimos no mapa, existimos na ação, na imaginação.

Espalhados pelo mapa-múndi, *ciscamos*, cada um no seu poleiro *galinhamos* majestosamente. Foram gestos mínimos que se fizeram no caminho desses pontos rastreáveis e moventes. São escolhas sem muita razão.

Parece que são os locais que nos escolhem, que nos acolhem por segundos eternos. Trata-se do gesto de colar, de se posicionar, um gesto de fotografar e de nada durar. São afetos que transitam pela cidade.

Pode ser que no dia seguinte o sticker não esteja mais colado no poste enferrujado. Pode ser que aquele corpo gestual em cima da cerca de madeira tenha se embrenhado no mato. Pode ser que o mar tenha levado o corpo de cócoras na pedra. São simples as tentativas de se apropriar do nada, de furar a paisagem, de ultrapassar os limites do mapa. Transgredimos ao criar a capacidade de se camuflar no mapa para engendrar outros caminhos imaginários.



Ao criarmos um local no Google Maps, adicionando a foto tirada na localização por onde transitamos, escapamos pelo próprio domínio. Propomos uma experiência constantemente em fuga, pois o gesto feito é transitório, é de passagem, não tem espaço e nem tempo, encontramos maneiras de nos situar, sem nos localizarmos numa sociedade de controle e vigilância mútua. Nessa sociedade, onde tudo é visto e possível de ser rastreado e capitalizado, focamos nossa atenção mais aos gestos, os movimentos e as percepções. Desejamos investigar aquilo que escapa, desconstruir o que é capturado e, por meio de gestos sutis, nos camuflar na imaginação

Assim como Ítalo Calvino (1990), *MapeAr* também constrói cidades invisíveis. Ou como em Donna Haraway (2006), fabulamos mundos. Ao acessarmos essas imagens no Google Maps podemos engendrar caminhos imaginários, construir diferentes histórias, transitar por cidades moventes que só ganham vigor pela presença humana, pela relação com o espaço onde é preciso localizar a si mesmo a partir do outro para chegar aos lugares mapeados.

Se estamos sob constante vigilância de tecnologias como o Google, que registram cada um de nossos passos e transformam isso em dados, tornando a ocultação dessas tecnologias impossível, nossa proposta é criar a partir delas, utilizando as ferramentas que elas oferecem. Dessa forma, buscamos construir refúgios para nos ocultar e, ao mesmo tempo, nos conectar, explorando essa aventura de experimentar além de nós mesmos e desvendando outras possibilidades.



IMAGEM 88

4. Erotismo: Uma energia que nos leva à festa

A alegria é sem pecado, sem perdão
e sem submissão.
(SODRÉ 2017,p. 223)

A introdução deste capítulo foi escrita a duas asas, eu e Tatiana Duarte⁷¹, artista do nosso bando, desenvolvemos e trocamos sobre como o erotismo pode movimentar nossos corpos por meio do coletivo.

Numa sociedade, na qual os corpos foram separados da sua capacidade de ser afetados, como poderíamos nos apropriar do mundo? Quais são os modos que queremos usá-los? Para onde queremos ir com eles? Para onde eles podem nos levar?

Propomos pensar junto sobre nossos corpos e sobre o que podemos fazer deles diante do mundo. Para construir essa proposta, trazemos o erotismo como uma tentativa de redescobrir nossos corpos, , de repensar nossa relação com ele diante do coletivo e do mundo.

Ainda com os poros entupidos de medo, nossas subjetividades foram regadas com erotismo para, juntas(es/os), batermos as asas, sacudirmos os corpos com a *DJ Quebra Tudo*⁷², trocando de poleiro virtual-

71 Tatiana Duarte artista acorética, performer. Busca forças nos feminismos nômades. Doutoranda em Artes Visuais pela UNB, mestra em arts Visuais pela UFPel., licenciada em Teatro pela UFPel

72 Nossa Dj online, Tatiana Duarte que fazia das nossas noites alegrias dançantes. Também temos a DJ Clarisse Tarran..

mente e fazendo a pele pulsar na vida que agitava-se com o isolamento social.

Em pulos e ciscadas, a areia rasgou com as unhas para cavar espaços e olhos, máquinas e câmaras ardentes se multiplicaram. Colírio para lubrificar a mente. Corte nos processos foram necessários para garantir a busca de viver em conjunto, mas nos uniamos como globos de espelhos, fazendo discotecar festas *ensayadas* pelos poros: invertemos o pensamento e ventilamos as cristas. Sentimentos misturados surgiam, pois sentir implica o corpo (MUNIZ SODRÉ, 2006), mais ainda uma necessária conexão entre espírito e corpo. Nossos corpos se ergueram dos sofás que se moldavam em nossas rabas, para assim colocar a cloaca em movimentos ritmados frente as telas que formavam um imenso mosaico de corpos presentes e dançantes. Só existe erotismo no coletivo, pois sozinhos ainda somos narcisistas. O erotismo é o encontro com o outro em relação com sua outridade.

As penas tiveram que ser espalhadas pelos cantos, pois, no canto do olho as *galinas* estavam dançando, sim, as galinhas dançam. Festejando e cevando ervas de poeira verde sendo vermelha. Vista de baixo das penas, tiveram saltos molhados nos chuveiros banhados de *ensayo* fuleiro, até o sol raiar.

Profanamos o erotismo pelas telas, pelas velas, por elas, por nós em presença, em telepresença, presença que escapa, produção de presença, deixando viver as potências e colocando ovos galiformes por

uma autonomia de ovulação. Escapes.

Escamosas pernas deixam rastros, dúvidas, vidas virtuais que transportam as bochechas para trás com as fitas adesivas *baraton*: temos acordos de não domesticação dos nossos corpos de penosas *galine-sas*. O pensamento é livre, o sovaco é cabeludo e, nesta liberdade, espera-se que os machistas não passarão, só passarinhos e galinhas, pois somos coletivas e não queremos aniquilar nossa sexualidade por tabus e moralismos.

Os poleiros convocam *Eros* e que ele nos tome de assalto nos desorientando numa *pipocante acocoração de rachahappenig, de rachas voadoras, de xoxotas floridas*. Há flores em tudo que vemos. *Cadê Roberta? Bia, vem compor e decompor minha pia? Lambadiando as avenidas das veias que ativam a vermelhidão do mar, serenou-se quando podia ir pisar na areia.*

As acocofurinhas relatam que a respiração é fundamental, às vezes, acordamos dizendo que não lemos nada, mas amamos todas-es-os com treze beijos. Carregamos conflitos com as polentas incomposíveis de Bia, fazendo sacodir nos poleiros e bicos de demônio para retirar o recalque.



IMAGEM 89





4.1. Corpos vazantes em lives quadradas: O gozo como ruptura de sistemas hegemônicos

Abandonar a ideia de paraíso, assim como a de apocalipse, a outra face da mesma moeda, é um dos desafios do combate micropolítico ao regime colonial-capitalístico, a favor de uma vida não cafetinada. Por definição, tal protesto dos inconscientes é um combate que jamais chega a esse suposto gozo de um gran finale, expectativa própria de uma subjetividade reduzida ao sujeito, sua ignorância do saber-do-vivo e seus consequentes delírios. Estar à altura das demandas vitais leva a um outro tipo de gozo, já deslocado das demandas egóicas: um gozo vital. (ROLNIK, 2018, p.97)

Em tempos de conservadorismo e mercantilização da vida interessam mais corpos dóceis para o sistema, moldados e marcados pelas histórias predominantes, que estão habituados ao controle externo. Corpos esses que se encaixam perfeitamente nos modos de vida útil da sociedade.

Esse mesmo sistema exige desses corpos uma produção 24/7, assujeitando-os através do biopoder⁷³ realizado em fluxo contínuo, dessa forma, os corpos desviantes, desobedientes e indisciplinados são uma ameaça ao sistema de dominação, pois são transitórios e o que não é

⁷³ Segundo Foucault (2014) biopoder é uma forma de governar a vida, que busca otimizar um estado de vida na população para criar corpos economicamente ativos.

fixo, ainda não tem lugar na sociedade e o sistema não tolera a diferença, não suporta nada que foge à norma.

Os corpos que aqui interessa falar são os que resistem ao sistema hegemônico de dominação, que experimentam, que se desenquadram do padrão e se valem da rede de informação e do efeito rede para produzir quase inconscientemente narrativas disruptivas. Corpos que são agentes do desejo, operam com o prazer, o humor e o gozo em um lugar dominado pelo sistema capitalístico colonial, construindo assim confusões, tesões, tensões políticas em torno das relações visibilidade, visualidade e utilidade.

O gozo que trago aqui é aquele como o momento da perda de si, como o excesso, aquele que avança sem saber do seu movimento em direção ao descomedido, em direção a perda. É o desequilíbrio em que o próprio ser se coloca em questão, é o gozo vital, no qual a vida se exerce em sua potência.

Corpos vazantes são corpos presentes

Temos um projeto chamado “entre atos, nunca entrevistas”, são lives feitas no instagram. Às vezes com um artista, com dois, às vezes de quatro, já em outros momentos artistas se revezam. Nesse projeto, a nossa ideia era sair do formato básico das lives dessa plataforma, onde pessoas aparecem somente com a carinhas falando sobre algum assunto. Diferente disso, nos colocamos de corpo inteiro, de corpo e

alma, de corpo presente, dentro daquele pequeno enquadramento já formatado pela plataforma.

No nosso galinheiro, cada corpo que o compõe carrega seu próprio texto inscrito nele, sua história de vida e ao formarmos esse corpo coletivo, esse galinheiro-mundo vamos nos reinscrevendo uns nos outros, uns com os outros, um embolado no outro, na tela, e assim, o que se revela são corpos falantes, corpos que vazam, corpos que não se enquadram, corpos alegres, corpos contentes, mas não contidos.

Tantas conexões, extensões, informações de diferentes corpos, diferentes histórias, diferentes imagens, de alguma forma, conseguiam confundir a plataforma, que constantemente nos punia, nos colocava por alguns dias de castigo, sem que pudéssemos fazer as lives pelo fato de mostrar nossos corpos, por contar nossas histórias, ou simplesmente por nos divertirmos além da conta, por termos experimentado momentos alegres.

No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. (PRECIADO, 2014, p.427)



Sua conta pode ser excluída

Algumas das suas publicações anteriores não seguiam nossas Diretrizes da Comunidade. Se você publicar algo que viole nossas diretrizes novamente, sua conta poderá ser excluída, incluindo suas publicações, Itens Arquivados, mensagens e seguidores.

Sua publicação vai contra nossas Diretrizes da Comunidade

Removemos o(a) publicação por não estar em conformidade com nossas Diretrizes da Comunidade sobre nudez ou atividade sexual. Se você publicar algo que viole nossas diretrizes novamente, sua conta poderá ser excluída, incluindo suas publicações, Itens Arquivados, mensagens e seguidores.

Publicação removido para nudez ou atividade sexual
Publicado em 24 de outubro às 15:39



Publicação removido para nudez ou atividade sexual
Publicado em 19 de setembro às 17:50

Publicação removido para nudez ou atividade sexual
Publicado em 24 de outubro às 15:39

Publicação removido para nudez ou atividade sexual
Publicado em 24 de outubro às 15:39



- artecoletivosconexoes with mairavazvalente LIVE 12
- nau_vegar Dura
- arthurscovino Lex
- nau_vegar ati
- arthurscovino Essa dupla arrasa !!❤️
- performancecorpopolitica Sé si lex no cabelo só gumex
- mileneduenha 🤔
- arthurscovino A água tá caindo da racha
- arruamentos.delirantes Lavou tá novo! O umbigo

Add a comment... IMAGEM 93...

Diretrizes sobre nudez ou atividade sexual

Avançar

OK

Acha que cometemos um engano? Avise-nos.



IMAGEM 92

182

artecoletivosconexoes

Oculto

Limitamos o acesso a determinados conteúdos com base na faixa etária, portanto, ocultamos esta foto de pessoas que podem ser jovens demais para vê-la.

Confirmar sua idade

2 curtidas

artecoletivosconexoes Festival Acocoré de performance coletiva simultânea online @__zeia

Há 13 minutos - Ver tradução



IMAGEM 94



Fomos contra as diretrizes da comunidade do instagram. No entanto, Fomos contra as diretrizes da comunidade do instagram. No entanto, a nossa comunidade de galinhas só quer a alegria de estar junto, conectado, rindo e sendo nós mesmos. Para nós, não importa a restrição de dias para fazer lives. Podemos fazer essa *dieta* de lives e mesmo assim, vamos continuar sendo e agindo do nosso modo até ser excluídos. Para Foucault (2014), a dietética é uma arte estratégica no sentido de que ela deve permitir responder, de uma forma que seja razoável e, portanto, útil às circunstâncias. Não podemos abrir mão da nossa alegria nesse momento, pois já abrimos em muitos outros dos nossos dias úteis.

O que essas imagens nos trazem, a que nos instigam, o que podemos fazer delas para pensar sensibilidades dissidentes e estéticas? Que conceitos e chaves de leitura podemos propor ao observá-las? Quais as potencialidades e os limites que habitam estes corpos?

Alegria como gozo disruptivo

No nosso galinheiro, escrevemos nossa história não só com a bunda, com a racha, com os peitos, com o corpo inteiro, mas também com o gozo, a risada e com prazer nas redes e na vida. Todas estamos sendo de alguma forma políticas, usamos do erotismo e do humor para desconstruir tabus e ter a possibilidade de criar outros lugares de fala.

Sabemos que nossos corpos com penachos, de bicos empinados e

desviantes não se enquadram numa sociedade heteronormativa, ou menos ainda nessa plataforma virtual que carrega todo uma história de colonialidade e capitalismo consigo, por meio de códigos programados, códigos invisíveis carregados de racismo, machismo, sexismo, misoginia, homofobia, códigos recalcados. São micro-repressões feitas por máquinas que aprendem e se repetem na rede de informação e assim consequentemente moldam nossos corpos que ali estão conectados. Não queremos essa moldura, mas sim tentar o desvio, seja no levante das bochechas ou na trepada no trator. Queremos estar no momento presente sem pudor.

Um tal estado é perturbador e exclui ordinariamente a observação metódica da ciência: vendo, escutando alguém rir, participo de dentro da emoção de quem ri. É essa emoção sentida dentro que, comunicando-se a mim, ri em mim. O que conhecemos na (comunicação) é o que sentimos intimamente: rindo, conhecemos imediatamente o riso do outro, sua excitação, partilhando-a. (BATAILLE, 2021, p. 179)

Essa moldura quadrada que esse espaço nos oferece não suporta a alegria de um mamilo arrepiado, não entende o que é uma vulva costurada. Não pode detectar palavras chulas que logo nos ameaça de alguma forma tentando nos intimidar, apesar disso nunca tivemos medo de ser tolhidos ou mesmo expulsos. Nosso medo mais real é

deixar de ser quem somos devido a ameaças ridículas. Queremos criar nossas próprias regras de existência a partir do domínio dos nossos corpos.



IMAGEM 96

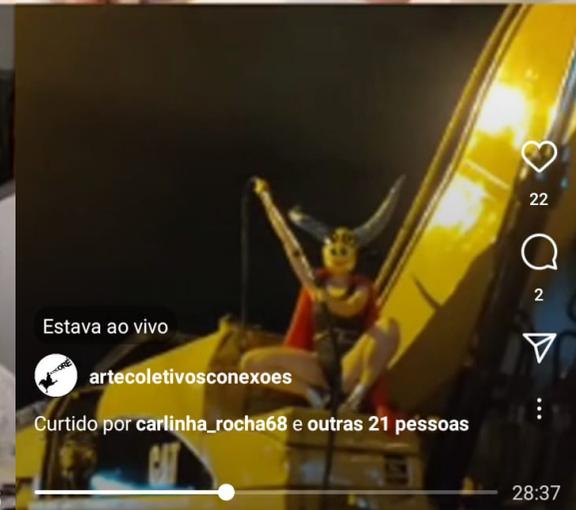


IMAGEM 97

Interdição e censura

A interdição e censura que incide em nossos corpos, em especial os femininos, é certamente uma forma de controle minucioso sobre os subjugados. Estar na rede social passivamente é aceitar a regulação sobre nossos corpos a partir de diretrizes pré moldadas por outros, que seguem à risca as regras do sistema colonial capitalístico e querem produzir corpos úteis em série.

O chip de silício é uma superfície de escrita; ele está esculpido em escalas moleculares, sendo perturbado apenas pelo ruído atômico – a interferência suprema nas partituras nucleares. A escrita, o poder e a tecnologia são velhos parceiros nas narrativas de origem da civilização, típicas do Ocidente, mas a miniaturização mudou nossa percepção sobre a tecnologia. (HARAWAY, 2019, p. 168-169)

Nos conectamos nas redes, talvez como *monstros de várias cabeças*⁷⁴, para ter um visão de muitos lados, assim numa vontade de desconstruir os universais eurocentrados, confrontar mecanismos que nos enredam e nos tornam coniventes com forças que sustentam nossa própria opressão. Dessa forma, criamos nossas próprias regras de existência. Existimos da nossa maneira, nem que seja por segundos

74 Donna Haraway fala sobre a visão de um monstro de múltiplas cabeças, que ele pode ver de muitas perspectivas. (2019, p.170)

que precedem a queda⁷⁵. Um modo de existência, portanto, que busca uma conjunção entre a busca pela intensidade e o cotidiano da vida ordinária, a partir de uma estética da existência (FOUCAULT, 2014) que lida justamente com um manejo dos limites entre o prazer e o risco nesses encontros.

O corpo é um processo ativo de incorporação de certas possibilidades culturais e históricas e que não é apenas matéria, ele é uma *materialização* contínua e incessante dessas possibilidades, então esses corpos são construídos na base de ficções culturais, reguladas por punições, alternadamente incorporadas e disfarçadas por coerção (BUTLER, 2015), em outras palavras, a máquina também participa de uma regulação social ao punir um usuário porque não segue suas diretrizes, sai das regras ditadas, ou simplesmente porque não está enquadrado na *normalidade* dos corpos.

75 Se em uma live for identificado pela máquina algo que infringe a regra da comunidade do instagram, a máquina faz a live parar automaticamente.

Resistir para existir



IMAGEM 98

Estamos nesse espaço virtual nada acolhedor porque resistimos e insistimos, e talvez nossa insistência quebre um dia essas molduras que endurecem os corpos. Insistimos em mostrar nossos corpos indisciplinados por inteiro e como eles são, temos prazer em fazer isso, insistimos em não conter nossos desejos contidos. Resistimos porque percebemos que esse é um espaço onde podemos tencionar um discurso em torno da objetificação dos corpos e ser agentes não passi-

vos. Talvez assim, quem sabe, levamos essa reflexão dissidente através desses corpos inúteis, indóceis e políticos.

Nós queremos construir nossa própria história, não queremos uma história já contada e construída na base do chicote. Queremos pensar juntos em como quebrar essa moldura cada vez mais enrijecida para poder vaziar e construir outros mundos onde se possa gozar sem ser punido.

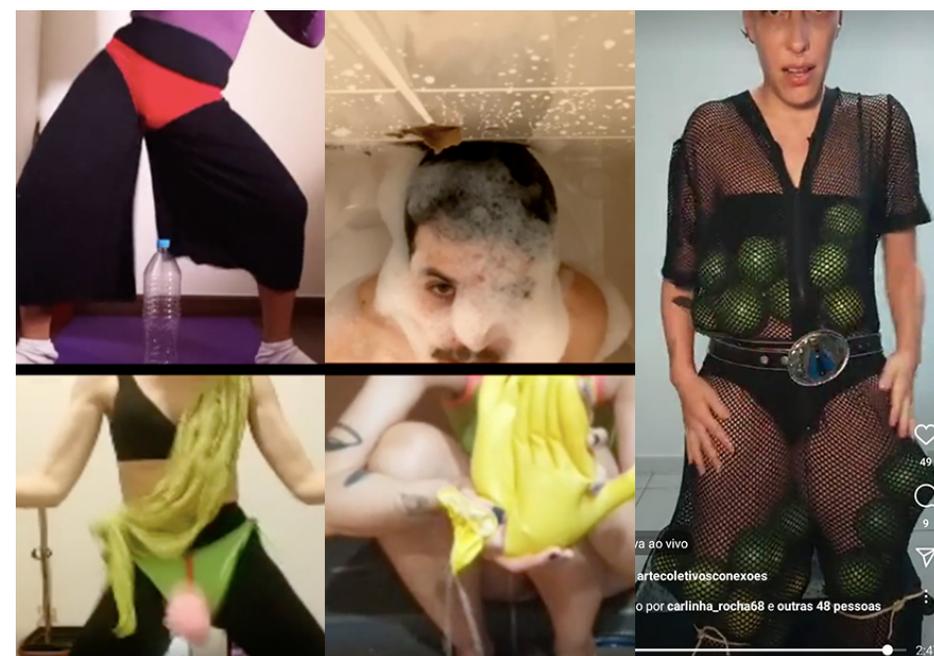


IMAGEM 99

4.2. A potência do erotismo em nossos corpos: Experiência libertária através do coletivo

A estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado
(DELEUZE, 2017, p. 147)

Há, no erotismo, algo que se desfaz, que se dissolve e se abre para o mundo, mas que parte de nosso mais íntimo, nossos sentimentos mais profundos. Quando nos damos conta de que isso vem de dentro é libertador e transformador.

Foi experienciando o ACOCORÉ que percebi o poder que do erótico emerge quando o reconhecemos em nós mesmas. Reconhecer o erótico em nós contribui para nos abirmos a outras conexões a partir de nossos corpos, modificando olhares e encorajando-nos para um enfrentamento do mundo.

O erótico, do qual venho falar, não é aquele que leva diretamente à satisfação do prazer, ou a uma sensualidade ligada à pornografia. O que quero falar é do processo contínuo da vida, algo que não está à vista, ou que se acha fora, aquilo que foi interdito e que se busca incessantemente dentro de nós mesmos. Bataille (2021), no seu livro *O Erotismo*, diz que a transgressão organizada forma com o interdito

um conjunto que define a vida social, é necessário o interdito para haja a transgressão, entende-se com isso que a séculos viemos sendo interditados em vários aspectos de nossas vidas, potência de vida retiradas de nós.

Erótico é sobre entrega, sobre a alegria de alcançar algo forado cotidiano, quetavez seja inútil. Quando isso é encontrado e reconhecido como tal, ultrapassamos os limites, temos o impulso de transcender as normas impostas, transbordamos feito leite fervendo queimando qualquer tentativa de enquadramento direcionado para nossos corpos.

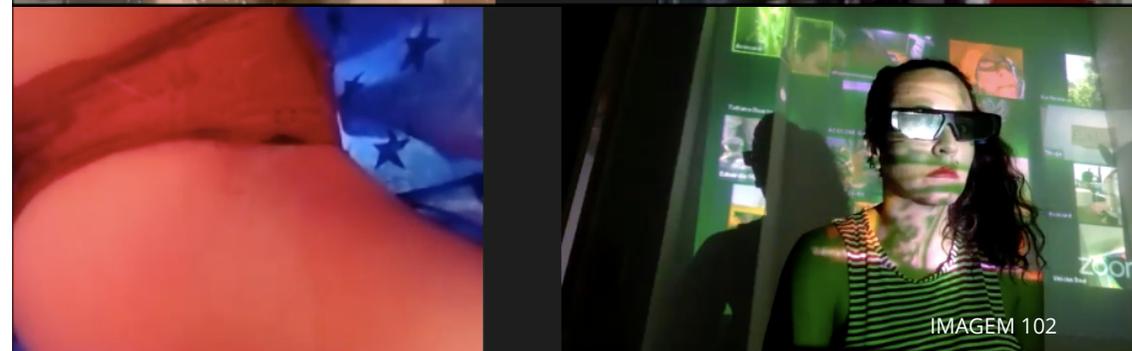
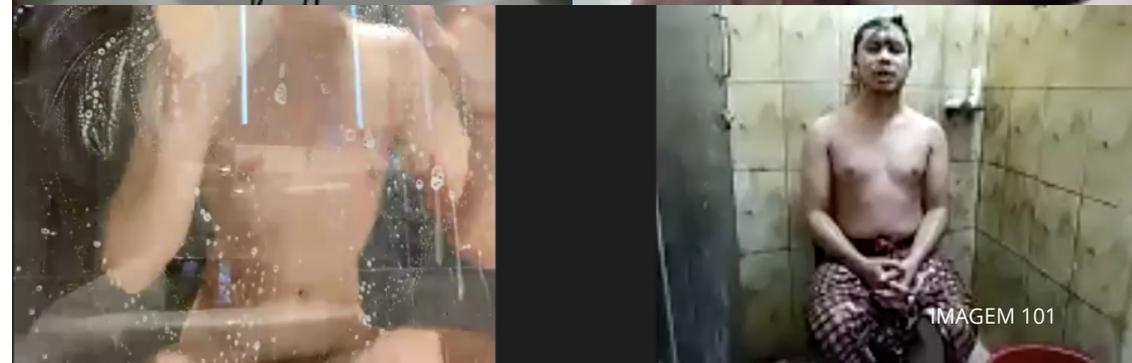
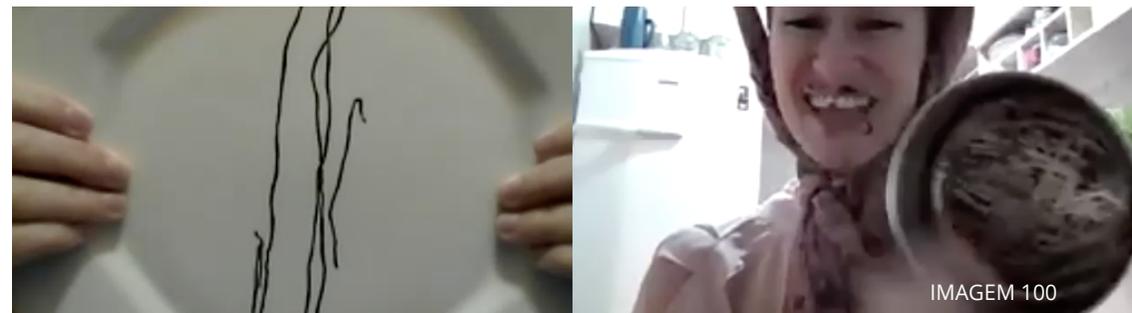
O erotismo que trago é aquele que bate de frente com as normas regidas pela sociedade patriarcal, que segue modificando caminhos, é aquele que quando tocado veste de poder corpos subjugados. Ao entrarmos em contato, esse erotismo não nos dá outra opção senão nos rebelarmos contra toda uma estrutura de poder que oprime nossos corpos.

Como proposta a uma reflexão sobre como a colonialidade age sobre nossos corpos, lanço aqui a ideia de incorporar o próprio corpo, diante dos afetos do mundo que vibram nele, desorganizando-o num ato de reconfiguração de si. Para isso, precisamos entender que o corpo não pode ser situado como algo comum a todas, cada corpo implica experimentações, escolhas e vivências singulares.

Sábado

Era sábado, fui visitar minha mãe, um almoço. Normalmente nos juntamos na cozinha para falar enquanto é preparada a refeição e, durante o preparo conversamos. Então ela me contou sobre um sonho que tivera, sonhou que questionava a existência de Deus e disse que acordou à noite e com medo. Seu medo era de ser castigada devido ao seu sonho. Se sentiu mal, amedrontada e quis logo tirar esse pensamento da cabeça. Na hora eu simplesmente dei risada, mas de imediato me veio a reflexão sobre a imensidão de poder que a religião tem e emana sobre corpos e em mentes. Através da religião, fomos interditados até mesmo em nossos pensamentos mais íntimos, porque foi dessa forma que nos foi ensinado, fomos catequizadas, e aprendemos a caminhar entre o medo e a esperança, ou seja, entre um e outro ficamos paralisadas e alienadas.

Vladimir Safatle (2015) afirma no livro *O circuito dos afetos*, que o medo como afeto político tende a construir um imaginário coletivo paranóico, criando uma lógica racional comunitária de proteção contra toda violência que coloca em risco o princípio unitário da vida social. Proteção que precisa da perpetuação funcional de um estado potencial de insegurança absoluta vinda não apenas do risco exterior, mas da violência imanente da relação entre indivíduos.



Sábado, o sétimo dia da semana, para os cristãos, foi o dia em que Deus descansou. De um tempo para cá os dias de sábado, na minha vida não tem sido dias de descanso, muito pelo contrário. Durante dois anos e meio, todos os sábados, reservava pelo menos 2 horas do meu dia para Acocorar. Isso se tornou um ritual, às vezes acontecia pela manhã, às vezes pela noite, mas sempre acontecia.

Utilizamos como disparadores para nossas ações um texto, eles podem ser produzidos individualmente, em coletivo, por convidados ou até mesmo pelos nossos vizinhos. Durante os *ensayos*, às vezes são falados, às vezes se embaralham com as imagens, às vezes as imagens falam pelo texto, às vezes esquecemos o texto.

Nesse ato de fazer um texto proposta e deixar com que ele seja desconstruído, rasgado, amassado, lido, ecoado, esquecido e queimado na panela do jantar. Estamos com isso, desfazendo, desvinculando toda a construção histórica de que ele vem carregado. Segundo Paul Preciado (2014), estamos sacudindo as tecnologias da escritura do sexo, de gênero, assim como suas instituições, tentamos assim fazer terremoto no sistema capitalista.

Quando nos apropriamos de softwares de videoconferencia empresarial e webconferencia, aplicativos ou mesmo das lives em redes sociais para fazer *ensayo* coletivo simultâneo em rede, nós rompemos com a ideia inicial programada para a funcionalidade do software feito para reuniões e entrevistas e o deslocamos para outro contexto. Com

texto, corpos, movimentos, o que se observa não são mais pessoas sentadas, endurecidas, anestesiadas, neste espaço veem-se corpos por inteiro, às vezes nus, às vezes gargalhando. Objetos estranhos e movimentos desconexos, brincando e jogando, o acaso e o improvisado se apresentam como forma criativa deixando de lado qualquer emolduramento ou direção. Importa a diversão do momento. Não somos compostos por corpos dóceis, somos decompostos entre caos e prazer. Somos lobos, somos galinhas, galos, somos girafas, somos cavalos, somos abelhas, somos capivaras e o nosso modo de conviver é em bando.

Corpos juntos são subversivos, e nessa junção de corpos se produz experiência, memória e invenção. Ao nos juntarmos para experienciar o momento, inventar e compartilhar afetos, talvez possamos de alguma maneira subverter a lógica do sistema, e sem ordem alguma, desordenamos esse espaço sem que isso o apague, ou nos apague.

Ao tirar a utilidade desse software o levamos a sua dissolução, dessa forma estamos jogando com o erotismo. Usar desse meio totalmente imerso num sistema neoliberal, machista, eurocêntrico, onde corpos são repreendidos e realizam um extrativismo predatório de nossos afetos, construído para reuniões de trabalho e ligar a câmera para brincar, dançar, jogar, performar, ficar nu, tudo isso junto, é uma libertação da esfera do sagrado. Nosso uso não coincide com o do consumo utilitarista e mercadológico, estamos neste espaço por puro prazer e gozo.

Texto para *ensayo* Orgia gastronômica

Revisitando a Cu-linária em pratos eróticos: profundos, suculentos, roliços, recheados, rachados, flambados, selados, melados.

Q fome!

DESPREPARO DOS MODOS ou AS PREPARADAS:

1. Lave bem seu vegandildo, sua vegexeca ou seu cuorgânico, sem agrotóxico é ainda mais gostoso!
 2. Deixe-os descansar e marinar no cu do mundo
 3. uma pitadinha de nada de sal do Himalaia ou duas se for de São Pedro d'Aldeia Farinha com glúteos (Farrinha *)
 4. Pica ou não pica? Depende da leguminosa. Bate? Amassa? Mistura? Deixa descansar. Marinar? Quem é Marina? Orgia gastronômica!
 5. 6. 7. 8.
- ...tempere à gozo
9. se monte no prato e sirva-se
 10. traje: passada e vestida no fio dental

TEMPO DE CUZIMENTO:

Deixar ao dente.

PORÇÃO:

24 ou 25 fatias de pequena morte (fatias de orgasmos)

Comentários:

Calcinha de rendinha ao dente

Cheirinho de cu zido

No fio dental

Mmmmmm me abriu o apetite.

Da horizontalidade à inutilidade



IMAGEM 104

Neste espaço, habitamos a norma para subvertê-la, assim prezamos pela liberdade e pela não hierarquia, não colocamos os *ensayos* para o coletivo como uma tarefa obrigatória a ser feita, preferimos entender como um convite para um encontro, vem quem puder, quem quiser e isso deixa tudo leve e prazeroso. Um encontro sem compromisso é instigante. Somos um pouco como piratas em alto mar procurando suas zonas autônomas temporárias (BEY, 2001) que se fazem de

instantes e são efêmeras, desaparecem deixando rastro de saudades, aprendizados deixando suas cicatrizes na memória e em alguns momentos uma ressaca no dia seguinte.

A meu ver, sair da verticalidade onde um só corpo tem o poder de comandar e demandar para fazer junto é necessário, ao contrário disso, se mover, deixar fluir na horizontal ou numa espiral onde o encontro acontece, descentralizar processos, ideias, escutas, falas e feitura, amolecer, não é fácil e nada organizado, é escorregadio e contagioso, parafraseando Bataille (2021), esse contágio não se trata de doença, é mais uma analogia ao bocejo ou ao riso. Gargalhemos com os bicos cheios de milho! Essa dinâmica do compartilhamento se torna mais divertida e verdadeira, dessa forma, penso que o que estamos fazendo é uma troca de prazeres, dos nossos mais íntimos desejos e isso está totalmente ligado ao erótico.

No momento do *ensayo* estamos, estamos nós, estamos o todo, estamos todos e nos *despersonalizamos* em cada um de nós, estamos nada, estamos códigos, estamos conectados e em conexão, estamos Índia, estamos Brasil, estamos Estados Unidos, estamos Londres, estamos Dinamarca, estamos mundo, estamos babas, estamos águas, estamos vinhos, estamos comidas, estamos sujos, estamos mijos, estamos risos, estamos fazendo cinquenta minutos da mais pura inutilidade.

Enquanto o sistema capitalista nos impõe 24/7 de utilidade, afetando

e desvalorizando nossas intuições, desejos, prazeres e nossa relação com o intangível, o nosso bando se apropria desse meio para produzir inutilidade, numa tentativa de desconstrução de um inconsciente colonial capitalístico, ou mesmo, desestabilizar temporariamente sua tirânica onipotência da máquina (ROLNIK, 2018), não queremos uma vida cafetinada, estamos na tentativa de construir um caminho coletivo, potente e pedindo passagem, pois de tempos em tempos a galinha enche o papo.

Transformar e ser transformado

Viver de dentro todo esse processo e deixar se levar pelo acontecimento é se liberar para desconstrução se si, isso me leva a entender que esse bando tem a potência de violar o limite do espaço do significativo. Nesse acontecimento, ele tira a utilidade do objeto e o transforma em brinquedo e vejo crianças sem vergonha brincando como pintinhos amarelinhos, compreendo então, que nesse momento nos abrimos para o outro, para o inesperado.

Enquanto minha mãe interdita a si própria até mesmo no pensamento, escolho provar a vida, andar na corda bamba, me arrastar na lama, tirar as mãos da bicicleta em plena ladeira, gemer em dia útil as três da tarde, escolho viver com prazer, viver o gozo do acontecimento.

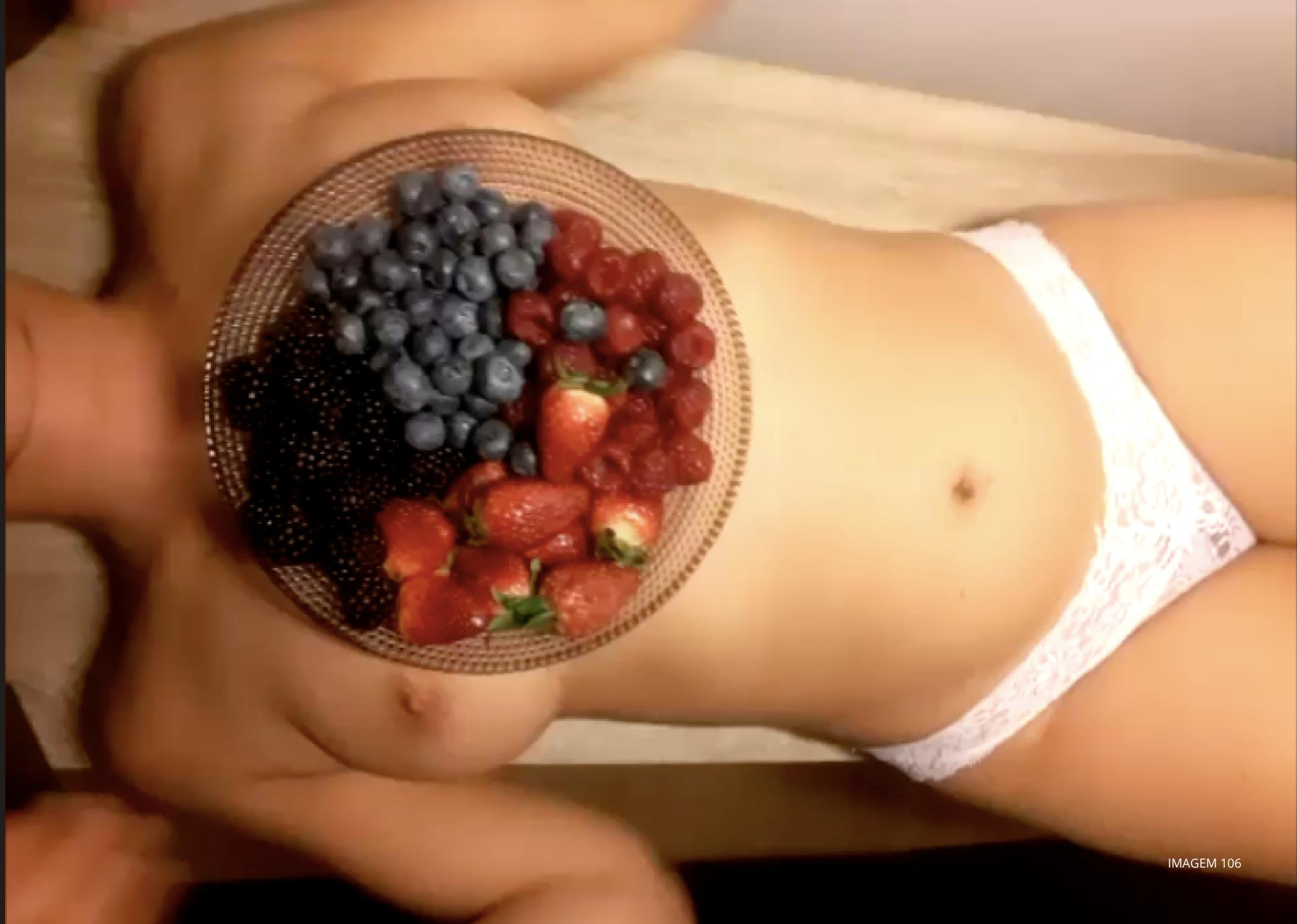
Se faz urgente criticar os afetos que nos colonizam e a institucionalização de princípios paranóicos. Penso que para isso, devemos encon-

trar em nós a capacidade de vivenciar afetos que não somos capazes de controlar, que não estão previstos, temos que tomar as rédeas de nossas vidas, encontrar a potência em nós, para assim construir algo coletivamente.

O erotismo é deliciosamente transgressor e ele está mais próximo de nós do que achamos, ele se situa dentro de nós, em nossos corpos. Em alguns corpos ele ainda dorme, em outros ele faz festa. Façamos festa para nada, não espere ter o que comemorar, façamos festa hoje e todos os outros dias de nossas vidas.



IMAGEM 105



4.3. Depois da festa vem a ressaca



IMAGEM 107

... todo o dispositivos e define pelo que detém em novidade e criatividade, e que ao mesmo tempo marca a sua capacidade de se transformar, ou de desde logo se fender em proveito de um dispositivo futuro, a menos que se dê um enfraquecimento da força nas linhas mais duras, mais rígidas, ou sólidas. E, na medida em que se livrem das dimensões do saber e do poder, as linhas de subjectivação parecem ser particularmente capazes de traçar caminhos de criação, que não cessam de fracassar, mas que também, na mesma medida, são retomados, modificados, até a ruptura do antigo dispositivo.
(DELEUZE , 2005, p.92-93)

Que alegria é essa que tanto falamos? Certamente não é aquela como a felicidade, que cria uma esperança teológica e normativa. A alegria que trouxemos nesta pesquisa é aquela que se dá no evento. Festa, e-vento, passa encarna no corpo e é levada como o vento. Brisa. Um raio de sol que esquenta o corpo gelado. Marolinhas batendo nas patas. Um evento de afetos performativo. Algo do não planejado, algo do momento, galinhas pulando de poleiro em poleiro, descendo e

subindo escadas oferecendo ovos para o público, correndo peladas pelos corredores da galeria. Energia e invenção de corpos performáticos, informáticos e acocoréticos em festa.

Assim como o vento passa, o evento também, acontecimento, momento. Era pandemia, estávamos enclausurados, nossa única oportunidade era aglomerar na internet, telinhas na net. Euforia, eu-for-ia, fomos! Alegria. Pandemia passou, nas ruas os corpos puderam voltar a circular e tudo mudou. Os encontros virtuais não eram iguais, agora temos os presenciais, muitas vezes híbridos. Fica no fundo a sensação de frustração, fracasso, a qual aqui dou o nome de ressaca. Ressaca de tanta festa e alegria que tivemos durante dois anos quase todos os dias. Ressaca também tem no mar, um movimento anormal das ondas sobre si mesmas na área de rebentação, causada por rápidas e violentas mudanças no tempo, as ondas estouram com fúria e retornam a nadar nelas mesmas, para logo voltar a estourar quase no mesmo lugar. As ondas aprenderam a se amar, andam juntas e quando juntas são mais fortes. Será que elas encontraram suas potências ondulantes e por isso batem forte de frente com a areia? Será que na ressaca tem sereia? Sereias não existem, assim como não existe a possibilidade de ser sempre o mesmo.

Nosso galinheiro mudou. Fracassou. Transformou. Proliferou-se em outros projetos, estudos, discursos, festas e festivais, fez parentes e lares por todo o mundo e ainda continuamos conectados, pensando sempre outros valores a partir do fazer junto, hackendo a vida nor-

mativa, reinventando nosso dia a dia numa criatividade simpoiética. A ressaca sempre passa com gengibre, é o que nos diz Carla Rocha⁷⁶. Gengibre é ação para um recomeço, o fracasso do projeto faz parte, o projeto é infinito, tem múltiplas entradas e saídas. Podemos usar o gengibre de mil maneiras, cozinhar, mascar, fazer chá, tudo isso são formas para começar outra vez. Sempre haverá algo que chega tarde demais ou cedo demais, e que o força a recompor todas as tuas relações de velocidade e de lentidão, todos os teus afectos, e a remanejar o conjunto do agenciamento. Empreendimento infinito (DELEUZE e GUATTARI, 1995). É preciso tentar pensar esse mundo através da união de forças, reconhecer as diferenças, pois, quem sabe, dessa forma, juntos poderemos resistir e construir um outro lugar. Donna Haraway (2014) propõe o chthuluceno, nós propomos um galinheiro-mundo para pensar o agora e rever o passado colaborando uns com os outros e criando respeito entre toda e qualquer espécie.

Segundo ZMário, o nosso GaleZé, no ACOCORÉ não há fracasso, há frangaços. Tomamos frangos na arte-vida e os acolhemos debaixo de nossas asas. Ciscamos nas beiradas do mundinho da arte; no mercado, fazemos a feira e a farra. Mercado de arte para coletivo tipo ACOCORÉ é meu ovo! Tomamos frangaços, mas frangos abatidos nunca seremos. Viva o nosso galinheiro do jeitinho que ele é. Fracasso de coletivo é ser pinto em meio a tantas pintosas. Viva a vaia! Salve o ovo! Só o Acocoré salva! Com amor, Galo que pode ser o que quiser.

⁷⁶ Carla Rocha, artista acocorética, ensaysta que indica gengibre para cura das nossas ressacas. Carla é artista visual, videoartista, fotógrafa e pesquisadora em arte e novas tecnologias. Participa do grupo Corpos Informátios desde 1992. Mora em Nova Jersey, EUA.

Assim como na Documenta XV, o fracasso aparece como uma questão de perspectiva, depende de quem olha e de que modo está a ver/ser/viver, para nós a ressaca é somente um momento de mudança, transição, não esperamos por sucesso, pois não esperamos por nada, já que, estamos sempre a improvisar. Como disse Bia Medeiros (2018), o fracasso para quem resiste é o limite e quem sabe, o fracasso vivido por todos é performance, fuleragem, arte, para nós, *ensayo*, quem sabe? Nós galinhas, queremos a-penas reaprender a voar ...

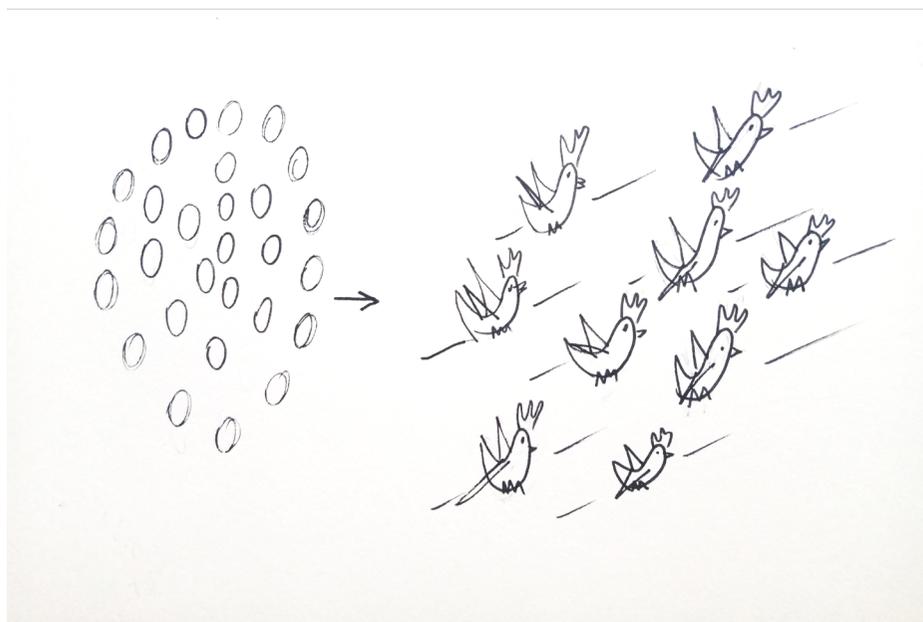


IMAGEM 108



IMAGEM 109





Considerações sobre o fazer junto

Investigamos modos de fazer em coletivo tanto na prática quanto na teoria, assim pudemos compreender que a prática do fazer junto afeta os corpos de maneira a potencializá-los e os encorajá-los diante do mundo sem medo.

Percebemos que a colaboração, autonomia e o cuidado são traços comuns entre todos coletivos citados nesse trabalho. Suas maneiras de produzir não focam somente em uma atividade, mas sim funcionam com atividades diversas, reconhecemos assim outros espaços além da arte, que formam comunidades fluidas, focadas no pensamento antipatriarcal, ou seja, estão batendo de frente com as regras normativas do sistema capitalista.

A pesquisa entende que tais coletivos tem um modo hacker, de agir, imersos em sistemas normativos, proliferando suas propostas anti-capitalistas e contra-normativas nesse meio capitalístico e levando adiante outros modos de pensar o mundo, que ultrapassam o cotidiano, reinventando o dia a dia.

Observamos também que a indústria cultural vem acolhendo esses modos de fazer arte subversivos e transformando-os em arte institucionalizada, fazendo as coisas voltarem para o lugar o qual nos opo-

mos e queremos combater.

Refletimos que se faz necessário pensar em ferramentas a partir do micropolítico, ou seja, inseridos no meio das instituições, ferramentas que carregam o caráter de imprevisibilidade dando abertura para o imprevisto, numa tentativa de desconstrução de poderes hegemônicos. Estamos em um momento histórico de profundas mudanças onde é preciso estar atento a possíveis brechas nesses sistemas.

O fazer junto instaura a diferença no sistema capitalista patriarcal heteronormativo que tem como padrão o individualismo, no entanto, o fazer junto, agir em coletivo não é nada simples, é preciso aprender a se desfazer de si mesmo, para assim fazer/estar junto, nem sempre temos sucesso nessa tentativa, pois muitas vezes nem todos estão dispostos a uma desconstrução de si mesmo.

Atuar em coletivo é uma difícil tentativa de desconstruir um mundo individual existente para construir mundos juntos, pensar outros valores a partir do parentesco, cultivando e inventando a arte de viver.



Referências:

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Tradução de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

AZAMBUJA, Diego; Martins, Fernando Aquino, Medeiros, Maria Beatriz. Corpos Informáticos, Arte, cidade, composição. Brasília: Ed. Pós graduação em arte da Universidade de Brasília, 2006-2009.

BEY, Hakim. TAZ: Zona Autônoma Temporária. São Paulo: Conrad, 2001.

BALTAR, Mariana. O corpo, o gozo e a pesquisa. In CESARI, Paula e MAXNUCK, Andressa. Feminismo Manifesto. Rio de Janeiro: NAU editora, 2021.

BATAILLE, Georges. História do olho. Trad. Eliane Robert Moraes –1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BATAILLE, Georges. O Erotismo. Trad. Fernando Scheibe – 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2021.

BENTES, I. (2017). Biopolítica feminista e estéticas subversivas. MATRI-Zes, 11(2), 93-109. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i2p93-109>

BHABHA, Homi K. “O compromisso com a teoria”, in O Local da Cultura, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade / Fernanda Bruno. Porto Alegre: Sulina (Coleção Cibercultura), 2013. 190 p..

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPLER M, Jöngren M, Jensen P (2009). Fearfulness em red junglefowl e domesticated white leghorn galinhas. Comportar-se Proc. 81:39–43. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.beproc.2008.12.018>. Acesso em 22/05/2023.

CARERI, Francesco. Walskapes: O caminhar como práticas estéticas. São Paulo: Editora G. Gilli, 1a. ed., 2013.

DANOWSKI, Deborah; Eduardo Viveiros de Castro. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins Desterro. Florianópolis : Cultura e Barbrie: Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. Espinosa e o Problema da Expressão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 2005.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil Platôs 1. Rio de Janeiro: editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil Platôs 2. Rio de Janeiro: editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil Platôs 3. Rio de Janeiro: editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil Platôs 3. Rio de Janeiro: editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. Margens da filosofia / Jacques Derrida; Tradução de Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães. Campinas, SP: Papi-rus, 1991.

DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou. Trad. Fabio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DUNKER, Christian; FUKS, Julian; SAFATLE, Vladimir; TEZZA, Cristóvão ; TIBURI, Márcia. Ética e Pós Verdade. Porto Alegre: Dublinense, 2017. DURAS, Marguerite. Escrever. Editora Relicário, 1a. ed., 2021.

FERNANDES, Ciane. Pina Bausch e o Wuppertal dança-teatro: repetição e transformação. São Paulo: Annablume Editora, 2007.

FOSTER, Hal. O que vem depois da farsa. São Paulo: UBU Editora, 2021.

FOSTER, Hal. Recodificação. Arte, espetáculo , política cultural. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.

FOUCAULT, Michel. De l'amitié comme mode de vie. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, Gai Pied, nº 25, abril de 1981, p. 38-39.

FOUCAULT, Michel. História de sexualidade 1. A vontade de saber. São Paulo, 1 ed. Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2. O uso dos prazeres. São Paulo, 1 ed. Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 3. O cuidado de si. São Paulo, 1 ed. Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de Si, 1982. Verve, São Paulo, n. 6,

2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017> . Acesso em 06/09/2022.

GADELHA, J. J. Cosmo-sensoriologia: rotas para uma metodologia fugitiva em artes. Revista Vazantes, 2(2), p. 170-189, 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/40300> . Acesso em 25/11/2021.

GONÇALVES, F. do N. Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros. E-Compós, 13(1), 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.459> . Acesso em: 16/04/2023.

GUATTARI, Félix. A Transversalidade. In Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo, Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix.. Ritournelles et Affects existentiels. In Cartographies schizoanalytiques. Paris: Éditions Galilée, p. 251-267, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença o que o sentido não consegue transmitir, Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC –Rio, 2010.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Chthulucene: Ficando com o Problema. A arte de viver em um planeta danificado. Santa Cruz, Califórnia, 2014.

HARAWAY, Donna. O manifesto das espécies companheiras: cachor-

ros, pessoas e alteridade significativa / Donna Haraway. Tradução de Pê Moreira. Revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna; GOODEVE, Thereza Nichols. Fragmentos: Quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway. Mediações, Londrina, v.20, nº1, p. 48-68, Jan/Jun 2015.

HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene. n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. ClimaCom – Vulnerabilidade [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/> .

HAZEL, Susan J., Lisel O’Dwyer, and Terry Ryan. 2015. Chickens Are a Lot Smarter than I Originally Thought: Changes in Student Attitudes to Chickens Following a Chicken Training Class” *Animals* 5, nº. 3: 821-837. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ani5030386> . Acesso em: 22/05/2023.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). Pensamento feminista hoje,

perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). Pensamento feminista conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOLMES, Brian (2013). Drifting Through the Grid: Psychogeography and Imperial Infrastructure. Revista Springerin. Disponível em: <https://www.springerin.at/en/2004/3/durch-das-raster-schweifen/> Acesso 09/09/2021.

HORA, Daniel de Souza Neves. Teoria da arte hacker: estética, diferença e transgressão tecnológica. 2015. 316 f. Tese (Doutorado em Arte)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

JAGGAR, Alison e BORDO, Susan. Gênero, Corpo, Conhecimento. Rio de Janeiro: Record, 1997.

KATAYAMA, Rebecca. Wright Dominic , Henriksen Rie e Jensen Per .2021 Tamanho do cerebelo está relacionado com memória de medo e domesticação de galinhas Biol. Deixei 17 20200790 20200790. Disponível em: <http://doi.org/10.1098/rsbl.2020.0790> . Acesso em 22/05/2023.

LISPECTOR, Clarice, A paixão segundo G.H.: Rio de Janeiro: Rocco,

2009.

LISPECTOR, Clarice. O ovo e a galinha – Conto. Disponível em : <https://contobrasileiro.com.br/o-ovo-e-a-galinha-conto-de-clarice-lis-pector/> Acesso em: 31/10/2021.

LORDE, Audre. Uses of the Erotic: The Erotic as Power. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59.

LYOTARD, J.-F. Des dispositifs pulsionnels. Paris: Christian Bourgeois, 1980.

PARENTE, André, 1957- Cinema em trânsito. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

MANNING, Erin. . Artes: novos modos de habitar/viver . São Paulo: Intermeios, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica, biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1, 2019.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Corpos Informáticos. Corpo, arte, tecnologia. Brasília: Ed. Pós-graduação da Universidade de Brasília, 2006.

MEDEIROS, Maria Beatriz. “Composição Urbana: surpresa e fule-

ragem”. 2014. Disponível em <http://grafiasdebiamedeiros.blogspot.com/2014/05/composicao-urbana-surpreensao-e.html>. Acesso em: 17/06/2023.

MEDEIROS, Maria Beatriz. CORPOS INFORMÁTICOS: PARTICIPAÇÃO, PERFORMANCE, POLÍTICA E FRACASSO., 2018. Anais da ANPAP, 2018. Disponível em : http://anpap.org.br/anais/2018/content/PDF/27encontre_____MEDEIROS_Maria_Beatriz.pdf . Acesso em: 09/03/2023.

MEDEIROS, Maria Beatriz. Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. Art Research Journal, v. 4, n. 1. p. 33-47. jan./jun. 2017. Acesso em: 09/03/2023.

MEDEIROS, Maria Beatriz de; BRITES, Mariana. Iteração, haters e *pro-nóia*, In: Encontro nacional da associação nacional de pesquisadores em artes plásticas, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 43-56.

MESQUITA, André. Insurgências Poéticas: Arte ativista e Ação Coletiva, Dissertação (Mestre em História Social) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen, Eduardo Passos. Transversais da subjetividade: arte, clínica e política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

NEGRI, Antonio. CINCO LIÇÕES SOBRE IMPÉRIO. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

OSBORNE, P. . Arte contemporânea é arte pós-conceitual. REVISTA POIÉSIS, 17(27), 39-54, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/poiesis.1727.39-54> . Acesso em: 05/10/2021.

PARISI, Luciana; FERREIRA DA SILVA, Denise. “Black Feminist Tools, Critique, and Techno-poethics”. e-flux Journal, #123, december 2021. Acesso em: 05/10/2021.

PELBART, Peter Pal. O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PRECIADO, Paul B. Testo Junkie – sexo, drogas e biopolítica a era farmacopornográfica. São Paulo, n-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual. Trad. Maria de Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. Rio de Janeiro: Contraponto (Artefíssil), 2012.

RANCIÈRE, Jacques Será que a arte resiste a alguma coisa?. Nietzsche, Deleuze, arte e restência. Forense Universitária: Prefeitura de Fortaleza, 2007. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/404237/Jacques+Ranci%C3%A8re+Sera+que+a+arte+resiste+a+alguma+coisa.pdf> Acesso em: 04/04/2021.

ROEHE, M. V. & Dutra, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, vol. 32(1), pp. 105-113, 2014. Disponível em : http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242014000100008&script=sci_abstract&lng=pt . Acesso em 22/05/2023.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

ROSAS, Ricardo. Notas sobre o coletivismo artístico no Brasil. *Trópico*, São Paulo, n. 4, 2005. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2578,1.shl>. Acesso em: 16/02/2023.

RUTKAUSKAITE, A., Jensen, P. Efeitos da domesticação na transferência de informações sociais em galinhas. *Anim Cogn* 25, 1473–1478, 2022. Disponível em : <https://doi.org/10.1007/s10071-022-01628-2> Acesso em: 22/05/2023.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos*. São Paulo: Cosac Naify, 1a. ed., 2015.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. Os desafios da arte e da estética no século XXI. *Poiésis*, Niterói, v. 20, n. 34, p. 43-62, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/poiesis.v20i34.38532> Acesso em: 06/08/2021.

SHOLETTE, Gregory. *Boycotts, Barricades, and Mock-Institutions: From Institutionalized Critique, to the Paradoxes of Self-Organized Resistance in a Bare Art World*”, 2021 . Disponível em: <https://www.gregorysholette.com/wp-content/uploads/2022/01/Sholette-from-Down-with-the-Wall-2021.pdf> . Acesso em 22/03/2023.

SHOLETTE, Gregory. *Heart of Darkness: a Journey into the Dark Matter of the Art World*, 2002. Disponível em: http://www.gregorysholette.com/wp-content/uploads/2011/04/04_darkmatterone1.pdf. Acesso em 3/02/2023.

SHOLETTE, Gregory *Resist_Again*, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/81121305/Resist_Again_2021 _ Acesso em 27 /05/2023.

SHOLETTE, Gregory. *Speaking Clown to Power: Can We Resist the Historic Compromise of Neoliberal Art?* 2011. Disponível em: <https://www.gregorysholette.com/wp-content/uploads/2011/11/Speaking-Clown-to-Power.NOCROP.pdf> . Acesso em 16/05/2023.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Ed:Civilização Brasileira; 10ª edição. 2019.

SILVA, Juliana. OVO – Olho em Volução Orgânica: No Caminho é Onde Acontece ou Experienciar (Dis)formações. *Revista Farofa Crítica*, v. 02, nº 01, 2022. Disponível em <http://www.farofacritica.com.br/revista/conteudo/583/ovo-olho-em-volucao-org%C3%A2nica-no-caminho->

[-e-onde-acontece-ou-experienciar-disformac%C3%B5es](#) Acesso em: 06/08/2021.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis : afeto, mídia e política - Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz Pensar nagô – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

VALERY, Paul. La idea fija. Madri: Visor, 1988.

ANEXO A

Ensayos do ACOCORÉ

18/07/20 De cobrindo Más caras . <https://youtu.be/L7OUG-NO7s-g?si=nbyYYofgSvbdmbzF>

25/07/20 Panos, plumas, revoltas e ironias. <https://youtu.be/x2T-OKP-g900?si=foEgtoUD9AfyPCTy>

15/08/2020 Banquete. <https://youtu.be/O3t4-3006zo?si=KWa7jXJue-s4lYJ9N>

22/08/2020 Caraoquê in FESTAção. https://youtu.be/nkNCHL2Qk-jU?si=DHqShKP3MW_rQsg4

29/08/2020 Nudez, nudismo e erotismo

05/09/2020 Simpatia anti-apática. <https://youtu.be/PDFJj7znQ9E?si=faBDM3ZLxlyeH9nr>

12/09/2020 Beijo-elevador ou voa, se quiser. <https://youtu.be/sLyn-tWuxDCo?si=loJHXm5mIWsbpiG7>

19/09/2020 Sonho de rio – Mururé. <https://youtu.be/YMCugra4L-fE?si=dVhIO7poC8nQiQqZ>

26/09/2020 Os ossos do mundo. <https://youtu.be/1fanofwdiNY?si=prlk-STaiJmWcINbK>

03/10/2020 A fala do mundo. https://youtu.be/EJuv7OceOM?si=_YAu-4WbNrQnrRQxH

10/10/2020 O Desengaiolar duração. <https://youtu.be/uWzuw-B8rw4?si=DiHhB3Pl85NSYzCe>

17/10/2020 Com quantas carinhas na tela se faz uma live? https://youtu.be/qHQ5-jgIweE?si=x3v6Olgo_Owlz_bc

24/10/2020 Erythrina mulungu Mart.ez Benth. <https://youtu.be/UrH-8DzPEhSk?si=WFm9KScrfy5fK9sH>

31/10/2020 Periódico. <https://youtu.be/fiHUp5gs534?si=D1uon-mQYT7HldiZC>

07/11/2020 Cio. <https://youtu.be/negeJQA2wXs?si=yf8oBGMH-QPmOK4YF>

14/11/2020 Do outro lado da Rua. <https://youtu.be/ol8HHrtbEBk?si=X-1Nc7mMI85kSalos>

21/11/2020 Repetir-repetir. <https://youtu.be/GHH4NCzGbZQ?si=d-3jQo8uVKoK-RKrD>

28/11/2020 Astrolábio das sete faces. https://youtu.be/liwE-G_4bAac?si=aBouCJq-G4Wk9ntU

05/12/2020 Enquanto isso na pia

12/12/2020 Galinho. https://youtu.be/bGm3pAaGBlo?si=6qoa_yz-KalowAg_1

19/12/2020 Vai ter ceia? https://youtu.be/7KVZilqjatI?si=ob2qKwiZ-LzY13_xz

26/12/2020 Ressaca ACOCORÉ. <https://youtu.be/H8fKLPAo-iMY?si=GUgMQ5xnRTK3ujNo>

02/01/2021 Boca do mundo. https://youtu.be/W72Y_5lEfa0?si=UoOA-

[CotP_MCwx5CA](#)

09/01/2021 ACOCORÉ com CAFUNÉ. https://youtu.be/BthGQH_vkz-k?si=6E5yEhMmohRZF6M5

16/01/2021 Nau Vagar. https://youtu.be/advY648G9Uk?si=-pdlp_rt-Fh1-aBJe

23/01/2021 O corretivo-corretor. <https://youtu.be/JM6fUk-CeUgY?si=m6HMcvLoof6cwnBX>

30/01/2021 Exposição Poleiro. https://youtu.be/ygrgmVMKabY?si=1b-zMg_Yx3Ntj7mBX

06/02/2021 Hibridismo o quê?

13/02/2021 Nosso (quase) doce Rio

20/02/2021 Verter seus nhomens

27/02/2021 Chinelagem. <https://youtu.be/1kja14v3e74?si=okXKNGit-jodl1RPL>

04/03/2021//...//.////////.....

13/03/2021 Nomadismos

20/03/2021 Sonho-ensinho

27/03/2021 100-d.Eus.Nos

03/04/2021 Vigília _convida Empreza

10/04/2021 Pradoxo de Zéfiro

17/04/2021 Orgia Gastronômica. <https://www.youtube.com/live/sOfF->

[78Dy3VA?si=5KG8VW-H8DkBlk1p](https://www.youtube.com/watch?v=78Dy3VA?si=5KG8VW-H8DkBlk1p)

24/04/2021 Verde que te quero ver. https://www.youtube.com/live/UtzxFXZo_cY?si=IhhoQdrzZjOSm21d

01/05/2021 Ao contrário

08/05/2021 Acocoréokê! https://www.youtube.com/live/Gp9aBnE-BrW8?si=7Ok_IRq7y-Uu87RR

15/05/20 Estátua. <https://www.youtube.com/live/UcOTbYxmK-pl?si=6YAU3AhuzhpyekEw>

22/05/2021 Pedra Versário Carla . https://www.youtube.com/live/1azN-Q6tvrk8?si=mppKsoxUS_iMVh9J

29/05/2021 Acocoré convida Quandonde. <https://www.youtube.com/live/ZAUBeLf6gic?si=oNrNzGa7HQTkFv2D>

05/06/2021 Bingo. <https://www.youtube.com/live/uSFG98ropH-g?si=37-NonF8PmoSZXMO>

12/06/2021 Adedonha x Palavra Cruzada. https://www.youtube.com/live/LeXjLFr2Az4?si=oo_pd77Z6svohneo

19/06/2021 Arraiá Virtuá do galo

25/06/2021 Circu-lando conceitos . <https://www.youtube.com/live/XAitaLHFjvo?si=7JIJxTSVmTfZZSc5>

03/07/2021 Come for Breakfast

10/07/2021 Silêncio. https://www.youtube.com/live/hgGb3IU-dtRo?si=cibOyoy4yyKD3_lo

17/07/2021 Um volta completa ao soul. <https://www.youtube.com/>

[live/5us24-VIEDc?si=q1nzzvoJ_ztvf_Q9](https://www.youtube.com/live/5us24-VIEDc?si=q1nzzvoJ_ztvf_Q9)

24/07/2021 Consertamos Disco voador. https://www.youtube.com/live/cxw3lDBA1_s?si=mE5X7m8B4V9bfc4D

30/07/2021 ACOCORÉ no Janta, gente

07/08/2021 ACOCORÉ olimpíadas. https://www.youtube.com/live/vfXosURnjdc?si=_bbqUxiwtDX7N6qG

14/08/2021 Sombra. <https://www.youtube.com/live/KBRYvYUozFo?si=GOLSIG6B6e3modkq>

21/08/2021 Invisível . https://www.youtube.com/live/C-K6T1l-patY?si=h_cJ7vuvmULQUsv5

28/08/2021 Bi Anal. https://www.youtube.com/live/8X9oqFe-V4Jc?si=tXSML_FybVysZU53

05/09/2021 SerformanceP – Amarelo Olho. <https://www.youtube.com/live/5uaGBGBcl6w?si=J7eemcAlRhdKSswLN>

11/09/2021 Laranja. https://www.youtube.com/live/NhxrBxU-Hoaw?si=8CFXhb1b_YIGUhDa

18/09/2021 Banho Coletivo. https://www.youtube.com/live/w13Urn-9Wt_Q?si=4qUZcFv6gQZ2VZVL

25/09/2021 PeB. <https://www.youtube.com/live/DMhCKaqzil-U?si=2UBUMIqPBvm8VZvA>

02/10/2021 Festa da Barbie

09/10/2021 O galo e o sonho

16/10/2021 I wonder. <https://www.youtube.com/live/Hljq->

[J3ff-al?si=D4hQPR4J-_kgnhWl](https://www.youtube.com/watch?v=J3ff-al?si=D4hQPR4J-_kgnhWl)

23/10/2021 Salção de condomínio. <https://www.youtube.com/live/n7kwtBiWYS8?si=O8CEPINPgoRoEmeP>

30/10/2021 Baile MasKarada. <https://www.youtube.com/live/OodAizJ-7Dog?si=kaA5ZwX5DUP-Qk5O>

06/11/2021 Yogacoré. https://www.youtube.com/live/K9B7uEM-9Nok?si=RUCdS_wuwepzyNyW

13/11/2021 Convida Gripe – Eu não tenho como fazer uma pergunta específica. <https://www.youtube.com/live/Tt4LnKjKnNg?si=AihdGXpKk-gLSULxo>

20/11/2021 ACOCORÉ/CORPOS. https://www.youtube.com/live/o1keFmrUzeg?si=rpmBX7h_mxLjPRXa

27/11/2021 Atravessamos o varal no teto. <https://www.youtube.com/live/UrlRLEoeQxA?si=-pldaogofJ77Zpan>

04/12/2021 Spirulina Salada Mista Spyrogyro. <https://www.youtube.com/live/iwRsyx4Ydd4?si=IN7r8JWHKVaEgZRg>

11/12/2021 Dublagem de signos. https://www.youtube.com/live/uD-DwNWpxvp4?si=MBBF_oOY_DOauGV

19/12/2021 Abertura da exposição Colorful Sunday. <https://www.youtube.com/live/WArrdQPJf3o?si=0MK4J73muUee4BVL>

25/12/2021 Coral cora coralinde. <https://www.youtube.com/live/qztt8s-KmNo?si=FngQTdnW4ZULtjAL>

01/1/2022 Retrospect activia. <https://www.youtube.com/live/zwIChS-dW7AA?si=DRXtrBcUWN2-aPo3>

08/01/2022 ACOCORÉ nu divã. <https://www.youtube.com/live/Xy8lh-HUAGTk?si=2cqkHW7esdywRCw2>

15/01/2022 Por que as zebras não tem úlceras? <https://www.youtube.com/live/n61crijaPug?si=EqjKZxqz5Gpmql6o>

22/01/2022 Dois dedos de vento. <https://www.youtube.com/live/JoJF-cVAIHyo?si=qSZaQfoxHMZs7XVu>

29/01/2022 Festa debutante da Bia Medeiros. <https://www.youtube.com/live/yRNDcFhx1R4?si=9g3ad796AjNBBNLg>

05/02/2022 Qualquer coisa. https://www.youtube.com/live/NW1Ll7_UaO8?si=SsKBWUzbocx_LNaS

12/02/2022 Performagem a bagunça de Tunga. <https://www.youtube.com/live/TwWoqjyFZFc?si=KhKRp-SmxQgPILsj>

20/02/2022 Space/Body/Choice. <https://www.youtube.com/live/Gqp-jFzBBopQ?si=CmKgPusiN2NrI5OV>

29/02/2022 Manifesto a xoxota. https://www.youtube.com/live/ypO2PHuGc9w?si=4pohYou_kKmu3_FJ

05/03/2022 Ovo cinza milindrado. https://www.youtube.com/live/5h-6gkXjcugc?si=hubckbpsPjxmNN7_

12/03/2022 Mangueira teu cenário. <https://www.youtube.com/live/kO3FEI9lQol?si=8WKAhhULooMv4wtD>

19/03 Pele, livro, catavento, lambada, luz vermelha. https://www.youtube.com/live/GgCa8nH3hs4?si=TOUp7V_gpJ_o3scf

26/03/2022 Pás Mundiellen. <https://www.youtube.com/live/-egRsyK1X-Lo?si=jgvoagXQrVNP4tNf>

02/04/2022 Tapete Vermelho. <https://www.youtube.com/live/2-zgh-P2xxyo?si=G9c5SYF3cSTDxFqX>

09/04/2022 MTV. <https://www.youtube.com/live/Olg7im-5dYY8?si=38awSOqdMUIQOS9m>

16/04/2022 Acocoré Pascoal. https://www.youtube.com/live/_8-OOJ-8CJ4?si=jnVndXK4U6v3FFo

23/04/2022 Maquiagem, risada carnaval. https://www.youtube.com/live/J5XUwv_Va-8?si=lC3QZexMnEnssTVs

01/05/2022 Presencial Atelier Sanitário https://youtube.com/shorts/lh-18s1PR3c?si=lgjT9Ep_3nfCkYn5

07/05 a 20/08/2022 Festival de Performance ACOCORÉ

18/06/2022 Brasi/Índia <https://www.youtube.com/live/HGS1bJqSx-RE?si=05y1fXo6i9ojd6f>

25/06/2022 Almoço na relva Presencial (DF)

02/07/2022 Presenciellen Galeria OLugar

06/08/2022 Caramelo

13/08/2022 Bolsa de (des)valores Galeria OLugar

03/09/2022 Festa de encerramento do Festival ACOCORÉ. https://www.youtube.com/live/L7go47mpJ_l?si=kWLqsSrAQzlsCrKI

10/09/2022 Bolsa de (des)valores, Híbrido. Museu da República (DF) <https://www.youtube.com/live/kycDs7XusAg?si=-yGAWdOeWrydC-dx5>

17/09/2022 Peido Pedro coração. <https://www.youtube.com/live/eZk->

<FRHlvMBw?si=P4l1UWC9TtluQqRd>

24/09/2022 ACOCORÉ morreu

15/10/2022 Dói e gostoso. <https://www.youtube.com/live/ASkw-bQtC2XQ?si=vUhKa62rzmKfixnX>

22/10/2022 Ovulando - Ciclo de performance OLugar (RJ)

12/11/2022 Vaca profana

24/11/2022 Vai te Catar

18/12/2022 Melhores do ano. https://www.youtube.com/live/2KLS3z_TSzU?si=QIT2tdLvM9eP5D54

25/12/2022 Ja teve Seia. https://www.youtube.com/live/K8RSokfpY-js?si=eGg_zcJwhskEiul_

ANEXO B

Links das Imagens ACOCORÉ no Google maps

Google maps. Busca ACOCORÉ na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/search/ACOCOR%C3%89/@-22.9517977,-43.210666,13z/data=!3m1!4b1> Acesso em:11/02/2022,

Google maps. Busca do ACOCORÉ na cidade de Pelotas (RS). Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Acocor%C3%A9/@-31.7872113,-52.2248291,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1sox-9511b1952ab94033:0x562e5c280094f81e!8m2!3d-31.7872113!4d-52.2226404> . Acesso em:11/02/2022.

Google maps. Busca do ACOCORÉ na cidade de Búzios (RJ). Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/ACOCOR%C3%89/@-22.8042273,-41.9640873,16.75z/data=!4m8!1m2!2m1!1sACOCOR%C3%89+banheiro+p%C3%BAblico!3m4!1sox9701a9726e3253:0xa5e7c6a58b08c627!8m2!3d-22.8042236!4d-41.9622051> . Acesso em:11/02/2022.

Google maps. Busca do ACOCORÉ na cidade de Goiânia (GO). Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Acocor%C3%A9/@-18.2441943,-52.0024086,5z/data=!4m5!3m4!1sox0:0x1f405cc72cc26595!8m2!3d-16.6489417!4d-49.2520824> .Acesso em: 07/08/2021.

Google maps. Busca do ACOCORÉ - EUA. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Rocha+Acocor%C3%A9/@44.40192,-70.678387,17z/data=!4m1!1m8!3m7!1sox4cb3d1328b49df39:0x115c02516e9af9ba!2sRocha+Acocor%C3%A9!8m2!3d44.40192!4d-70.678387!14m1!1BCglgAQ!3m4!1sox4cb3d1328b49df39:0x115c02516e9af9ba!8m2!3d44.40192!4d-70.678387> . Acesso em: 07/02/2022.

Google maps. Busca do ACOCORÉ na cidade do Rio de Ja-

neiro. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/POSTE+ACOCOR%C3%89/@-22.952551,-43.1715873,17z/data=!4m12!1m6!3m5!1sox9981dff78a4953:0x720925fb5c775159!2sPOSTE+ACOCOR%C3%89!8m2!3d-22.952551!4d-43.1693986!3m4!1sox9981dff78a4953:0x720925fb5c775159!8m2!3d-22.952551!4d-43.1693986> . Acesso em: 07/02/2022.

ANEXO C

Links

Textos feitos para *ensayos* do ACOCORÉ

<https://acocore.wixsite.com/acocore/textos>

Cartazes das divulgações dos *ensayos*

<https://acocore.wixsite.com/acocore/performances>

Map e Ar

<https://acocore.wixsite.com/acocore/mapear>